



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

PATRÍCIA DE SOUSA SANTOS

**“BENDITA E LOUVADA SEJA”: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE FÉ - MERCADO E  
FESTA NA DEVOÇÃO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES, NO PIAUÍ (1958 - 2012)**

TERESINA - PI

2013

PATRÍCIA DE SOUSA SANTOS

**“BENDITA E LOUVADA SEJA”: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE FÉ - MERCADO E FESTA NA DEVOÇÃO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES, NO PIAUÍ (1958 - 2012)**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História do Brasil, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S237b Santos, Patrícia de Sousa.  
“Bendita e louvada” : experiências sociais de fé - mercado e  
festa na devoção a Santa Cruz dos Milagres, no Piauí (1958-2012) / Patrícia de Sousa Santos. –  
2013. 159 f.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal  
do Piauí, 2013.  
Orientação: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.

1. Santa Cruz dos Milagres - Religiosidade - Piauí.
2. Romeiros. 3. Festa. 4. Religiosidade Católica. I. Título.

CDD 981.22

PATRÍCIA DE SOUSA SANTOS

**“BENDITA E LOUVADA SEJA”: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE FÉ - MERCADO E FESTA NA DEVOÇÃO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES, NO PIAUÍ (1958 - 2012)**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História do Brasil como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza- PPGHB- UFPI (Orientador)

---

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos - UNILAB (Examinador Externo)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Cristina da Silva Fontineles- PPGHB/UFPI (Examinadora Interna)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francisca Verônica Cavalcante –PPGAArq/ UFPI (Suplente)

Dedico a Supliza Santos e Pedro Paulino, com  
muito amor e saudade.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a todas as entidades protetoras, que certamente estiveram ao meu lado durante minha construção profissional e pessoal, e a quem procurei entre os meus objetos de pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, que brilhantemente orientaram para a construção dessa pesquisa, especialmente Áurea Paz Pinheiro, Denílson Botelho, Edwar Castelo Branco, Francisco Alcides do Nascimento.

Aos Professores Dr. Robson Cruz e Dr<sup>a</sup>. Lidia Noronha, do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Antropologia, pela rica experiência na disciplina Ritual e Simbolismo.

A meu orientador, Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza, que além de orientador foi amigo, compartilhando minhas apreensões e acreditando no resultado do meu trabalho, e diante das dificuldades foi solidário, generoso e companheiro, a ele meus sinceros agradecimentos.

A minha mãe, Francisca; e a minha Tia Lourdes, que acreditando em mim lutaram ao meu lado por mais essa conquista, o seu amor e confiança permitiram me tornar o que sou hoje.

A meu avô Pedro e minha tia Maninha (In memoriam), pelas inúmeras histórias que me contaram e que acabaram definindo as minhas escolhas.

A minha avó Supliza (In memoriam), de quem a saudade ainda dói.

Aos meus amigos, em especial, Lika, Leila, Fran, Ceicinha, Tchesca, Aelson e Erika, que me incentivaram e que “quebraram um galho” quando precisei me dando alegria e companheirismo incondicional.

Aos companheiros de mestrado, em especial, a Michelle Dias e Thiago Silveira (meus companheiros de luta), que como bons amigos dividiram comigo momentos de apreensão e diversão.

A minha amiga e companheira de pesquisa, Jucilaine Carvalho, pela ajuda, discussões, sorrisos e troca de experiências nesses últimos dois anos.

À “tia” Antonia, “tia” Maria Santa, Cruzinha, Charles e o pequeno Cláudio, minha “família” em Santa Cruz dos Milagres.

À Dona Teresinha, Seu Antonio, Catiane, Natan, Filho e Adriane, que abriram as portas da casa deles para mim, em Valença-PI.

Ao Rogério, Secretário da Igreja de Nossa Senhora do Ó e Conceição, pelas

informações.

A Afonso Melo, que carinhosamente me auxiliou no início da pesquisa, os bons frutos da sua ajuda estão neste trabalho, portanto, parte dele também é para você.

Aos Padres Francimilson Gonçalves, reitor do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, e Olegário da Silva, Paróquia de São Felix de Cantalice, por terem sido solícitos e atenciosos, ao permitirem a essa “curiosa” aprendiz de historiadora desbravar os caminhos de Santa Cruz dos Milagres.

Aos “Comerciantes itinerantes” de Santa Cruz dos Milagres, homens e mulheres batalhadores que se deslocam de seus lares em busca do sustento.

Aos romeiros de Santa Cruz dos Milagres, os “verdadeiros construtores dos Milagres” de Santa Cruz, sem vocês a Santa Cruz seria só uma lenda.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

O milagre não é dar vida ao corpo  
extinto,  
Ou luz ao cego, ou eloquência ao  
mudo...  
Nem mudar água pura em vinho tinto...  
Milagre é acreditar em nisso tudo!

Mário Quintana

## RESUMO

A pesquisa apresenta uma análise sobre um dos maiores movimentos religiosos do Estado do Piauí, a romaria a Santa Cruz dos Milagres, uma devoção de aproximadamente dois séculos, que atrai devotos do Piauí e de outras regiões do Nordeste, que seguem anualmente em direção ao Santuário, para reiterar seus votos. Esses devotos, durante dez dias fazem festa em honra à santa, agradecendo os milagres conquistados pela intervenção de Santa Cruz dos Milagres. Uma festa feita de alegria e fé, que reúne orações e danças, mercado e devoção, reunindo esses heterogêneos, que se harmonizam e tornam a Festa de Exaltação a Santa Cruz uma miscelânea cultural e social. As fontes utilizadas são o Livro do Tombo, fontes hemerográficas e as fontes orais, que constituem um dos mais importantes veículos para a manutenção da devoção à Santa. Esse trabalho de entrevista nos permitiu, ainda, uma aproximação com a antropologia, sendo utilizado inclusive um dos seus métodos, o etnográfico. Abrimos com isso uma nova proposta de discussão acerca da dinâmica do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, onde a experiência e a vivência dos romeiros criam e interferem na forma como a festa se movimenta.

**Palavras-Chaves:** Santa Cruz dos Milagres. Romeiros. Festa. Religiosidade Católica.

## **ABSTRACT**

The research presents an analysis of one of the largest religious movements in the state of Piauí, the pilgrimage to Santa Cruz dos Milagres, a devotion for nearly two centuries, which attracts devotees of Piauí and other regions of the Northeast, which follow annually toward the Sanctuary, to renew their vows. These devotees for ten days they feast in honor of the saint, thanking the miracles achieved by the intervention of the Santa Cruz dos Milagres. The feast made with joy and faith, which gathers prayers and dances, market and devotion, combining these heterogeneous, which harmonize and make the Feast of Exaltation of the Santa Cruz a hodgepodge cultural and social. The sources used are the Book of Tombo, hemerográficas sources and oral sources, which constitute one of the most important vehicles to maintain devotion to Santa. This work allowed us to interview, still, an approach to anthropology, and even used one of its methods, ethnographic. We opened it with a new proposal for discussion about the dynamics of the Shrine of the Holy Cross of Miracles, where experience and the experience of the pilgrims create and interfere in how the party moves.

**Key Words:** Santa Cruz dos Milagres. Pilgrims. Party. Catholic religiosity.

## LISTA DE IMAGENS

Foto 1: Santa Cruz dos Milagres.....	51
Foto 2: O “fornecedor” de chapada.....	53
Foto 3: O “abraço” de Santa Cruz dos Milagres.....	54
Foto 4: Admiração e devoção.....	56
Foto 5: Adoração a Santa Cruz.....	57
Foto 6: Vaqueiros.....	99
Foto 7: A criação de um novo vaqueiro.....	100
Foto 8: Procissão – Santa Cruz nos braços do povo.....	120
Foto 9: Diversão às margens do São Nicolau.....	124
Foto 10: Os “esmoles” de Santa Cruz dos Milagres.....	128
Foto 11: Peregrino Salomão.....	131
Foto 12: Feira de santos.....	135
Foto 13: Roupa nova, Santo novo.....	139
Foto 14: Especiarias de Santa Cruz dos Milagres.....	145

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE: EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO SERTÃO DO PIAUÍ.....	21
1.1 A experiência do devoto de Santa Cruz dos Milagres na constituição de sua fé.....	24
1.2 Santa Cruz dos Milagres e sua criação no imaginário popular.....	43
2 O ERUDITO E O POPULAR NA HORA DE REZAR: TENSÕES NA FESTA DE EXALTAÇÃO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES.....	66
2.1 As recomendações do Concílio Vaticano II nas festas Religiosas piauienses.....	72
2.2 A “verdadeira” romaria: a Igreja Católica na dinâmica da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres.....	88
2.3 Vaqueiros foliões: controle social e disputas na corrida de vaqueiros.....	98
3 A ESMOLA DO SANTO SE PAGA COM FESTA.....	109
3.1 Festeiro - rezador: a festa no culto a Santa Cruz dos Milagres.....	112
3.2 De peregrino a “esmolero”: esmola como voto.....	126
3.3 Festejar e comprar: os comerciantes itinerantes como elementos da festa.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	154

## INTRODUÇÃO

Bendita e Louvada Seja no céu a Divina Luz,  
E nós aqui na terra Louvemos a Santa Cruz.

Os Anjos no céu contentes, louvando estão a Jesus,  
Cantemos também na terra, louvores a Santa Cruz.

Aqui nós estamos vendo, brilhar uma clara luz,  
É que estão do céu caindo, reflexos da Santa Cruz.

No mais alto do Calvário, morreu nosso Bom Jesus,  
Dando o último suspiro, nos braços da Santa Cruz

É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz,  
Bandeira vitoriosa, o Santo Sinal da Cruz.

(Hino de Santa Cruz dos Milagres)

A cada final de celebração no Santuário de Santa Cruz dos Milagres esse hino é cantado em uníssono. Trata-se do hino da Santa Cruz, a santa que é fonte de luz e esperança a milhares de devotos no sertão piauiense. É também a súplica de um povo, que encontrou em uma santa, sertaneja como eles, motivo para celebrar e renovar a cada ano a fé na santa cruz piauiense.

O hino de Santa Cruz dos Milagres, além de uma súplica, é também um canto de alegria, pois nenhum devoto deixa a igreja antes de cantá-lo, e ao passo que entoam essa balada de fé beijam-na e pedem a bênção à madrinha protetora, a santa de muitos adjetivos, ela que é a madrinha, a comadre, a gloriosa, a divina, a bendita. A santa de chapada, que às vezes parece tão frágil quanto seus devotos, mas que transpira força, que conquista pela fé de seus inúmeros e fiéis romeiros.

A devoção a Santa Cruz dos Milagres se perde no tempo, sendo difícil precisar a data. As fontes orais falam de um culto que teria se iniciado no final do século XVIII em uma fazenda chamada Jatobá, a santa teria surgido após ser apontada por um beato a um vaqueiro da região. Acontecido o primeiro milagre, a santa passa a fazer parte da vida dos homens e mulheres do Piauí, Maranhão e Ceará, que passam a procurar a Divina Santa Cruz dos Milagres.

As poucas fontes escritas sobre o período constituem um entrave para o recuo em anos mais remotos da romaria, mas, o que falta na escrita, as fontes orais tentam sanar. São relatos de milagres fantásticos, contados ao longo de gerações, onde figura como protagonista

a pequena cruz piauiense, Santa Cruz dos Milagres mede 1,50m de altura e 90cm de comprimento, pequena no tamanho, mas grandiosa para romeiros que anualmente deixam suas casas para passar 10 dias ao lado da santa protetora.

Ela que antes de ser um objeto de devoção é uma “pessoa”, pois se personifica para seus romeiros, torna-se a madrinha protetora, a comadre zelosa, que cuida perpetuamente de seus afilhados e atrai, por conta disso, a curiosidade não só de seus possíveis novos romeiros, mas de pesquisadores interessados em entender o ritual, os sentimentos e a vida social imersa nessa devoção.

A maioria de seus devotos saem de suas casas à procura de milagres. Buscam saúde, emprego, paz na família, e no último ano tem pedido chuva, pois boa parte desses romeiros são também agricultores, que convivem na mesma terra que brotou o sagrado, uma santa tão resistente quanto eles e, portanto, colocaram entre suas solicitações os pedidos de “faça a terra florir e mate a sede e a fome”, assim clamam, com fé, os devotos, aos pés de Santa Cruz dos Milagres.

Ao longo de três anos de pesquisa pude notar as possibilidades de discussão que a romaria a Santa Cruz dos Milagres nos permite, que vai desde suas festas a seus devotos, sujeitos formadores e fomentadores dos milagres, são eles, através de seus relatos, que tornam o Santuário tão atrativo para os romeiros quanto para os pesquisadores, que buscam desvendar ou pelo menos rabiscar os caminhos de Santa Cruz dos Milagres. Além disso, cada festa em homenagem a Santa Cruz dos Milagres possui uma dinâmica diferente. A festa de maio, Invenção, possui um caráter penitencial muito forte; a festa de setembro, Exaltação, tem o colorido e a animação dos festejos religiosos brasileiros; a terceira e última, o Encontro dos Santos, constitui um momento de renovação dos votos com a santa.

Tomada a princípio pela curiosidade, segui o “caminho da cruz”; era fevereiro de 2010, período inclusive de pouca movimentação no Santuário, segui de Teresina a Santa Cruz dos Milagres em um ônibus velho e sem nenhum conforto, percorri em 4 horas um trajeto de 180km, para uma cidade que só conhecia de nome, mas cheia de expectativa. Esperava encontrar uma zona de confronto, ainda alimentada pela dualidade sagrado e profano; acreditava chegar a um lugar onde a Igreja Católica ordenava e romeiros obedeciam. A pesquisa mostrou-me o contrário; chegando a cidade percebi que, de fato, havia chegado a um lugar “sagrado”, onde a tolerância contrapõe o conflito.

Mas a Santa Cruz dos Milagres de Ignorantes e fanáticos, descrita por alguns intelectuais piauiense, era de fato a santa de um povo batalhador e alegre, que viam na visita a santa um momento de comemoração e contestação, pois ao não seguir rigorosamente a

liturgia da Igreja, eles também acabavam criando mecanismos próprios de apropriação do sagrado. Assim, a santa do imaginário popular passa a ser a santa das análises científicas, da dúvida e da crítica, da adoração e da conternação; ao longo de anos muito se falou sobre a Romaria a Santa Cruz dos Milagres, mas poucos trabalhos tomaram forma, alguns, inclusive, com discussões frágeis, que tomavam a manifestação religiosa como evento folclórico, esquecendo as transformações sociais ocorridas ao longo da história da devoção a Santa Cruz.

O espaço que hoje abriga Santa Cruz dos Milagres foi palco de disputas políticas e sociais, onde a legitimação de grupos se fazia pela honra e glória da santa, portanto, não podemos observar esses romeiros-devotos como sujeitos movidos apenas pela fé; ela de fato os movimenta, mas as experiências do seu cotidiano também formam sua relação com a santa e também com a própria festa, sem que percam sua identidade de devotos da Santa Cruz.

Rezar à santa e depois descer o morro para tomar cerveja não os exclui da devoção, nem muito menos diminui sua fé, são partes complementares, assim como comprar a lembrancinha para levar para quem não pôde vir, “meu parente não veio, mas me encomendou uma lembrança”, assim responderá um romeiro, ao ser questionado junto a uma das barraquinhas na descida da escadaria que liga a cidade ao morro, assim como para eles, a festa dançante faz parte do festejo; um religioso mais radical diria que estão pecando, blasfemando a santa, mas será que se sentem pecando? Pecado seria não ir ao Santuário e eles seguem religiosamente sua obrigação, ao chegar a cidade visitam primeiro a Igreja, dão a esmola que levam à santa, pedem a bênção, se forem afilhados, e conversam com a “amiga” Santa Cruz; participam da missa e depois de cumprida a obrigação para com a santa, descem o morro para comprar e se divertir.

O Santuário de Santa Cruz dos Milagres possui três importantes festas que compõem seu calendário litúrgico, a primeira delas é a Festa da Invenção da Santa Cruz, a festa ocorre em maio, nos dias 2 e 3, constitui-se de uma festa com caráter penitencial muito grande, pois se reza e se ajoelha cem vezes beijando o chão; a segunda, a Festa de Exaltação a Santa Cruz, constitui os festejos propriamente dito, vai do dia 5 a 14 de setembro, nessa época a cidade chega a receber aproximadamente 50 mil romeiros, um número um tanto contestável, já que as melhorias na estrada de acesso à cidade possibilitaram um percurso mais fácil e rápido à cidade, o que ampliaria o número de pessoas nesse período; já a terceira e última é o Encontro dos Santos; e a mais nova das festas tem duração de apenas um dia, ocorre geralmente no último domingo de outubro. A festa teve início em 1990, por iniciativa do Padre Davi Mendes de Oliveira, que buscou um modo de fazer o que ele chamava de “Verdadeira Romaria” a Santa Cruz dos Milagres; a festa consiste na procissão de romeiros-devotos de várias cidades

do Piauí, levando os padroeiros de suas paróquia.

A festa de Exaltação a Santa Cruz constitui o principal objeto da pesquisa. Pela dinamicidade de eventos que ocorrem nesse período, a devoção, as festas, a feira, os mendigos esses parte constituinte dessa festa, que foi ao longo de sua história cercada de polêmicas, que abraçou o sagrado e o profano de modo harmonioso e fez dos Festejos de Santa Cruz dos Milagres um dos maiores do Piauí, com uma capacidade de atração que vai além dos limites estaduais. Pessoas que vem de várias regiões do país, mas especialmente das regiões norte e nordeste especialmente dos estados que fazem fronteira com o Piauí.

Um dos principais trabalhos acerca do Santuário de Santa Cruz dos Milagres é a dissertação de Sérgio Romualdo Brandim. Seu trabalho ainda figura como pioneiro e uma das referências quando se discute a devoção a Santa Cruz. O trabalho aqui proposto tem como objetivo se inserir nas discussões acerca da romaria a Santa Cruz dos Milagres, e com isso promover um debate sobre as experiências religiosas do Piauí, focando nas relações vividas entre romeiros e Igreja, devoção e festa, resistência e tolerância, observando esses sujeitos pelas suas experiências cotidianas, entendendo que elas também atuam no modo como cada romeiro se relaciona com a santa.

A pesquisa trouxe à tona questões não respondidas por pesquisadores anteriores, impulsionada a saber como a romaria havia caminhado ao longo da sua trajetória era importante descobrir como as experiências desses romeiros influenciavam no modo como se relacionavam com a santa, assim como era a relação da igreja com esse movimento heterogêneo e às vezes desordeiro, portanto, passei a me questionar sobre alguns elementos dessa festa. Como a romaria se consolidou ao longo do tempo? Que experiências permitiram a aproximação desses sertanejos piauienses com o sagrado? Como a igreja católica piauiense interferiu nessa devoção? Que medidas coercitivas foram utilizadas para ordenar e controlar os chamados excessos dos devotos? Como o comércio interfere e participa dessa devoção?

Utilizamos como elemento para observação dos romeiros o conceito de experiência de E. P. Thompson; compartilhamos da ideia de que os romeiros modificam o espaço e que não são sujeitos passivos, mas agentes da festa e da própria devoção a Santa Cruz dos Milagres; ao manterem vivos os rituais de ida ao santuário esses romeiros fazem com que a devoção permaneça de forma dinâmica e interferem nela a partir de suas experiências sociais, pois é pelos relatos nas reuniões familiares, feiras e até mesmo nas missas que a santa mantém seus devotos.

Diálogo que remete às discussões de Carlo Ginzburg ao trabalhar cultura popular, de um espaço de influências recíprocas, que antes de “lutar” uma com a outra também dialogam,

pensando, inclusive, como essas forças agem para se manterem ou mesmo se modificam, dependendo do interesse ou do momento histórico em que acontecem. Os devotos que antes rezavam para purificar a alma para uma vida eterna, hoje buscam a plenitude na vida terrena, resultado de suas necessidades e apreensões do presente.

Para constituir o imaginário do homem sertanejo piauiense, personagem principal da pesquisa, nos apropriamos de alguns trabalhos que também discutiram essa devoção sertaneja, como Eduardo Hoornaert, Cândido da Costa e Silva e Capistrano de Abreu, que apesar de não se deterem especialmente na religiosidade, souberam descrever muito bem o homem sertanejo; esses autores ajudam a reconstituir esse lugar onde a devoção nasce até mesmo embaixo de uma árvore, ou pode advir dela, como é o caso de Santa Cruz dos Milagres.

Assim como Santa Cruz dos Milagres, outro personagem importante na criação dessa devoção é o vaqueiro, uma das figuras mais emblemáticas no processo de formação da sociedade piauiense. É pelas mãos de um vaqueiro que o sagrado se apresenta no semiárido piauiense; é uma terra de dificuldades, foi pelas mãos desse personagem “nascido” da terra que a santa passa a intervir em favor de seu povo. Para descrever esses personagens da sociedade piauiense utilizamos Tânia Brandão e Francisco Gil Castelo Branco, que no seu romance “Ataliba o vaqueiro” transforma o vaqueiro no herói piauiense.

Percorremos a festa pelo caminho proposto por Martha Abreu e Carlos Steil; assim como eles, observamos a festa a partir do olhar de seus festeiros, percebendo seus conflitos, mas também os caminhos da tolerância, compreendendo que mesmo os heterogêneos se harmonizam para homenagear o santo e as diferenças atraem, antes de afastarem.

O período proposto a princípio são os anos de 1968 a 1990 o recorte tem alguns motivos relevantes para o próprio desenvolvimento da pesquisa. O ano de 1968 foi escolhido, a princípio, por conta da chegada do padre Davi Mendes de Oliveira a Santa Cruz dos Milagres, ele será um dos maiores divulgadores da festa, assim como também um dos maiores críticos de alguns dos rituais praticados pelos romeiros. Além disso, o ano também coincide com a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Conferência de Medellín, que traçará o modelo a ser seguido pela Igreja da América Latina, seguindo o proposto pelo Concílio Vaticano II; já o marco final, o ano de 1990, se deve à criação, por padre Davi, de uma nova Festa, a “I Romaria a Santa Cruz dos Milagres”, que logo será chamada de encontro dos Santos. Com a criação dessa festa a Igreja passa a institucionalizar um dos rituais em homenagem a santa.

Além dos anos de 1968 a 1990 também colocamos como marco os anos de 2010 a 2012 período de recolhimento dos relatos orais que constituem a própria observação das

relações dos devotos com a santa, assim como o desenvolvimento e expansão do comércio ao longo dos anos de romaria, tema inclusive bem debatido pelo Padre Davi Mendes de Oliveira.

Ao longo da pesquisa trabalhamos com duas fontes documentais de paróquias diferentes, a escolha pelos livros do Tombo de paróquias distintas a de Santa Cruz se deve pelo fato de até 1968 a Igreja de Santa Cruz ter pertencido à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença-PI, os primeiros anos da romaria estão documentados na paróquia de Valença, o primeiro Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição está desaparecido, assim como o segundo Livro, esses livros hoje desaparecidos podiam dar conta de um suposto início do movimento, que acreditamos ser o final do século XIX. Trabalhamos então com o terceiro Livro do Tombo, que compreende os anos de 1958 a 1996.

No ano de 1968, quando foi criada a freguesia de São Felix, que seria composta pela Igreja de Santa Cruz dos Milagres, São Felix de Cantalice, Aroazes e Prata, utilizamos o primeiro e o segundo Livro do Tombo da paróquia de São Felix de Cantalice, que corresponde aos anos de 1968 a 1993 de Santa Cruz dos Milagres, agora sob o comando de padre Davi Mendes de Oliveira. A Igreja de Santa Cruz dos Milagres, apenas em 1997 adquiriu sua independência eclesial e foi transformada, por decreto, em Santuário. Portanto, o livro do tomo do então Santuário de Santa Cruz dos Milagres é bem jovem e, além disso, se encontra indisponível para consulta.

Outro importante veículo de informação são as fontes orais, pelo relato dos romeiros, moradores, comerciantes itinerantes é possível esboçar um perfil dos sujeitos que frequentam o Santuário, além disso, a partir do seu relato é possível também atravessar a própria história da santa, que se confunde com a própria trajetória da cidade. Para isso tomamos como referencial o proposto por Alessandro Portelli e Verena Alberti, que assim como Thompson entendem a influência dos sujeitos como importante para a constituição social e cultural.

Entendemos a oralidade como um mecanismo em constante movimentação, ele que cria e possibilita que cada vez mais pessoas tenham conhecimento dos milagres atribuídos a Santa Cruz dos Milagres; a oralidade que permite a “santificação” da santa é a transmissão oral dos milagres que permite a manutenção do ritual ao longo das gerações. Assim compreendemos que a oralidade é a memória desses romeiros inserida no meio social, e se constrói pela transmissão; portanto, como lembra Michel Pollak, está submetida às flutuações, transformações, mudanças constantes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In. *Estudos Históricos*. Vol. 5. Rio de Janeiro, 1992.

Por conta dessa condição mutável da memória que podemos ouvir os heterogêneos discursos sobre Santa Cruz dos Milagres, muitas vezes imersos no fantástico de milagres extraordinários conquistados pela fé indubitável de seus devotos, a oralidade expõe as conquistas dos devotos, o que é relatado serve de exemplo para quem vai, e logo esses romeiros terão sua própria história de graça, que será contada e repassada por gerações.

As fontes escritas funcionam como “liga” na construção da história da romaria a Santa Cruz dos Milagres, relatos que estão nos textos dos memorialistas piauienses como Mathias Olimpio e Higino Cunha, intelectuais que mantinham um posicionamento crítico em relação às manifestações religiosas sertanejas, e principalmente as relações ditas “obscenas e desrespeitosas”, que os fiéis mantinham com os santos, além deles as fontes hemerográficas constroem ou pelo menos tentam manter o caminho da isenção, ao relatarem as festas no Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

A utilização das fontes hemerográficas permitem atravessar os conflitos que existiram em torno da santa, especialmente ao referente à corrida de vaqueiros e sua disputa de espaço entre vaqueiros e padre Davi Mendes, conflito que apesar de noticiado em jornais da capital terá uma repercussão reduzida, sem que parte dos devotos tome sequer elas também nos possibilitam ver como a imprensa pensa essa devoção e seu olhar para com esse movimento religioso, geralmente noticiado como movimento cultural.

A trajetória da pesquisa permitiunos conhecer outro importante elemento da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres, até então negligenciado, os comerciantes itinerantes ou camêlos como são popularmente chamados esses homens e mulheres, são também importantes para o próprio desenvolvimento da festa, sendo inclusive percebidos como um dos atrativos da festa e competem junto à santa pela atenção dos devotos. Para discutirmos essa intervenção do mercado na romaria foram utilizadas as contribuições da sociologia da religião, mais especificamente os trabalhos de Peter Berger e Max Weber; a discussão de mercado religioso de Berger permitiu uma compreensão acerca da concorrência do “sagrado” com elementos não religiosos, assim como Weber, que observa as necessidades cotidianas como essenciais na troca entre o devoto e o santo.

Assim, abrimos mão das contribuições de Durkheim e Mircea Eliade por considerarmos que sua teoria fenomenológica não respondia aos nossos questionamentos, apesar de utilizar teóricos que fazem um diálogo profícuo com as teorias durkhemianas, como é o caso de Peter Berger, observamos a devoção a Santa Cruz dos Milagres pelas experiências sociais e não apenas pelos fatores sociais, compreendendo o movimento como móvel e influenciado pelas transformações históricas e sociais.

Os romeiros, camêlos, pedintes e até a própria igreja são mutáveis e suas experiências constroem o modo como a festa é vivida a cada ano, mesmo que alguns rituais se mantenham, é pela capacidade de mudança da festa que ela se mantém. É essa heterogeneidade na festa que atrai novos e velhos romeiros, há nessa festa a oração que acalma e regozija, e a alegria dos bailes que diverte.

Atuar junto aos romeiros e comerciantes permitiu conhecer um pouco de suas vidas e de sua trajetória com a santa, para isso foi utilizado um dos métodos da antropologia, a etnografia com observação participativa, ao nos “caracterizarmos” como romeiro tivemos livre acesso aos seus espaços, como a casa dos romeiros, e mesmo a ouvir de modo particular suas apreensões e desejos ao visitar Santa Cruz dos Milagres, assim também pudemos passar sutilmente pelos comerciantes, que olhavam desconfiados por conta das perguntas a eles direcionadas.

O trabalho está dividido em três capítulos, que relatam os acontecimentos dos dez dias de festejos em homenagem a Santa Cruz dos Milagres: o primeiro **Caminhos da Religiosidade: experiência religiosa no sertão do Piauí**, busca discutir a construção de uma religiosidade sertaneja, levando em conta a devoção a Santa Cruz dos Milagres. Nesse capítulo, as experiências dos sertanejos piauienses são percebidas como fator importante para construção da sua fé, e principalmente para marcar o modo como apreendem o sagrado, que muitas vezes surge como socorro, quando falta o serviço público ou mesmo a atuação da Igreja, assim tem início a devoção a Santa Cruz dos Milagres, pela devoção iniciada em um espaço onde Estado e Igreja não atuavam em favor do povo, o que permitiu que a santa passasse a ser um veículo de proteção e esperança.

O segundo capítulo **O erudito e o popular na hora de rezar: tensões na Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres** propõe se inserir em uma discussão nacional das mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II, e como isso é vivenciado pela ortodoxia católica no Piauí, propor essa discussão nos insere no contexto Latino-Americano, principalmente se levarmos em consideração que o Arcebispo de Teresina teve uma participação ativa nessas discussões, excluí-las seria como colocar a Igreja do Piauí fora dessa discussão, além do mais, parte do modo como a Igreja Católica passará a se posicionar frente aos cultos de devoção popular no Piauí se deve às propostas do Concílio.

Entre os conflitos para reestruturar a Igreja do Estado e povoar com a palavra de Deus grandes espaços, o Arcebispo de Teresina dividirá parte das paróquias, criando provinciais eclesiais menores e de melhor participação. Aqui se insere um dos conflitos de

legitimidade no território de Santa Cruz dos Milagres, conflito aparentemente sem significado, mas que terá como objetivo a ordenação e o controle na festa de Santa Cruz, assim mostrando que diante do conflito muitas vezes a melhor saída é a tolerância

O terceiro **A Esmola do Santo se Paga com Festa**, discute o lado profano propriamente dito da Festa de Exaltação. A análise será direcionada para as comemorações, o lado profano propriamente dito, e os modos de comemorar e rezar dos devotos de Santa Cruz dos Milagres; além disso, a promessa também pode ser dada pela esmola oferecida aos inúmeros pedintes que se aglomeram no adro do Santuário, pedindo a misericórdia dos romeiros, que muitas vezes tem como voto as esmolas aos mendigos, mas outro importante elemento constitui essa festa, os Comerciantes que se espalham aos montes nas barraquinhas na escadaria e no pé do morro, vendendo de lembrancinha da santa a roupas e calçados, um comércio que impulsiona a cidade nesse período de festa.

Apesar de ao longo do texto termos buscado conversar com os inúmeros eventos da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres, compreendemos que essa festa religiosa abre espaço para várias abordagens; portanto, não é um trabalho concluído, visto que podem ocorrer outros focos de análise. Buscamos, a partir da experiência de Santa Cruz dos Milagres, contribuir com as pesquisas de religiosidade no Piauí.

Compreendemos a festa como um lugar de sociabilidades, tensões e estratégias, onde se conserva a liturgia e se burlam as regras impostas, onde se manipula a moral e onde a perde. A festa é antes de tudo o lugar de sujeitos comuns que querem agradecer a santa, e em louvor a ela festejam.

## Capítulo I

### CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE: EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO SERTÃO DO PIAUÍ

O universo do devoto é um espaço circunscrito por diversas formas de apreensão do sagrado, resultado inclusive da forma como cada indivíduo usa e experimenta a fé, como rituais de devoção festivas e alegres, constituindo os festejos, assim como penitenciais, onde a dor dá significado à graça e expia os pecados. Nessa diversidade de cultos também estão presentes inúmeros santos, cada um com sua função, protegem e atendem o devoto em seus pedidos, prestam-lhe socorro nas horas difíceis, tornando, pela sua intervenção, o impossível possível.

Santa Cruz dos Milagres faz parte desse lugar chamado sertão, nasce nesse universo religioso sertanejo, onde a chuva se pede pela fé, nas orações e preces pelo fim da estiagem e melhores dias, onde a promessa é feita na perspectiva do atendimento do pedido, assim como a alegria das festas religiosas representam o agradecimento; portanto, trabalhamos na perspectiva de E. P. Thompson, que percebe a experiência dos sujeitos como relevantes na constituição cultural e social dos grupos, assim, entendendo que,

Os homens e mulheres também retomam como sujeitos dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura.<sup>2</sup>

Essas experiências vivenciadas cotidianamente moldam o modo como o devoto se relaciona com a santa, seu jeito particular, quando inserido no contexto social, reflete a relação dos romeiros de Santa Cruz dos Milagres, que em romaria todos os anos reafirmam seus votos com a santa, renovam a promessa ao fazer novos pedidos, reiteram inclusive seus laços de confiança.

Ir a Santa Cruz dos Milagres é também “abastecer o armário”, comprar a roupa da moda e os santinhos que farão parte das lembranças que serão levadas aos entes queridos, aos

---

<sup>2</sup> THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. In *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

amigos e parentes que não puderam vir ou deixaram “parano”<sup>3</sup> a visita a Divina Santa Cruz, sendo assim, não é apenas a fé que movimenta a cidade de Santa Cruz dos Milagres, mas também o mercado, que vende dos produtos de devoção ao traje da festa.

Compreendemos, assim, que a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres atravessa o sentido estritamente religioso e passeia pela experiência social dos devotos da santa, interferindo e constituindo também sua experiência religiosa. Não podemos pensar que o devoto vai a Santa Cruz apenas com a intenção de pagar sua promessa, seria determinar e delimitar os devotos e a própria romaria, eles atuam na romaria como agentes transformadores e “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer “agora”, “manipula” a experiência, desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação”<sup>4</sup>; rompem o senso de que são apenas homens de fé e agem preservando sua tradição religiosa, mas também criando novos modos de convívio com ela.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, que abriga o Santuário com o mesmo nome, fica a aproximadamente 180 km da capital do Piauí, Teresina, a cidade se localiza geograficamente no centro sul do Piauí, região semiárida, entrecortada por rios, mas com um clima seco durante a maior parte do ano. O solo é pouco adequado à agricultura, tendo “no terreno acidentado, uma das adversidades a formação de uma agricultura comercial, parte da população se concentra na criação de ovinos e caprinos bem adaptados às condições do solo”,<sup>5</sup>além da agricultura os moradores da cidade ainda sobrevivem do trabalho nas barracas que vendem de tudo, mas especialmente as imagens da Santa Cruz dos Milagres. A romaria constitui uma das maiores rendas do município, pois graças à movimentação de pessoas à procura da milagrosa cruz, o comércio local sobrevive, garantindo assim renda à população.

A devoção a Santa Cruz dos Milagres tem seu início ainda no século XIX, período onde se acredita ter começado a peregrinação em direção ao então vilarejo de Santa Cruz dos Milagres, a base existente para comprovar ou pelo menos delimitar o início da romaria está presente na fala do povo, ou como diz o padre Davi Mendes de Oliveira, que foi pároco do Santuário por quase 30 anos, percebe-se “nas “histórias” do povo que haveria um sinal indicativo do que aconteceu no princípio”<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Termo usualmente utilizado no Piauí, que quer dizer para o ano que vem.

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. op.cit. p. 189

<sup>5</sup> SANTOS, Patrícia de Sousa. *DIVINA SANTA CRUZ: a construção da fé num território de poder*. Monografia de conclusão de curso. Licenciatura Plena em História. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 18.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p.05.

É a partir da oralidade do narrador<sup>7</sup>/romeiro que reconstituiremos parte da romaria a Santa Cruz dos Milagres, pela narrativa de seus romeiros – devotos que são na verdade os principais propagadores da história da santa. A tradição oral conta que um beato, de quem não se sabe nome nem paradeiro, apareceu a um vaqueiro pedindo que o mesmo abrisse um buraco nas rochas para que ele pudesse fincar uma cruz de madeira, feita com um galho de árvore muito comum na região, a chapada, e a colocasse no chão. O beato ao perceber que o vaqueiro não havia cavado nada, traçou na pedra um círculo com o dedo e sacou um extrato da mesma, colocando ali a cruz. Em seguida desceu o morro acompanhado do vaqueiro e lhe mostrou um “olho d’água” desconhecido na região, segundo o beato ali aconteceriam muitos milagres.

O velho beato desapareceu e o vaqueiro voltou ao seu trabalho. Algum tempo depois, adocece a filha do vaqueiro e, apesar das rezas e promessas, a menina não melhora. É nesse momento que o vaqueiro se recorda do que lhe havia dito o beato sobre o olho d’água e a cruz. Ele, então, toma a filha nos braços e a leva para ser banhada na água milagrosa, logo a menina se recupera, a notícia do milagre se espalha e, a partir de então, romeiros de todo o Piauí e outras regiões do nordeste passam a visitar a cidade em busca de graças.

O movimento de pessoas em direção ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres passa a tomar grandes proporções, principalmente por conta dos inúmeros milagres atribuídos à Santa; logo, Santa Cruz encontrou lugar cativo no coração dos devotos que a experimentam cotidianamente, que recorrem a ela nas horas difíceis, que acreditam e dão credibilidade a seus milagres, que transmitem às novas gerações, tornando-se alguns lares parte da tradição religiosa dessas famílias.

Mas a ida a cidade de Santa Cruz não se faz apenas pela devoção, alguns veem na ida ao Santuário uma oportunidade de passear, uma forma de lazer, já que alguns têm esse passeio como maior entretenimento, nesse momento a fé se “dispersa” para dar lugar ao entretenimento e todas as possibilidades abertas, principalmente na Festa de Exaltação, onde fé, comércio e festa compartilham um mesmo espaço e também a atenção dos romeiros.

Mesmo assim, muitos se habituaram a ouvir conversas da família sobre milagres da santa e a crença que perpassa gerações, sendo possível encontrar no Santuário dos avôs aos netos, todos movidos pela fé na mesma divindade, que habita seus lares e os auxiliam nas horas de agonia, seja na busca do emprego, a cura de uma enfermidade, segundo os devotos

---

<sup>7</sup> PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Trad. Maria Theresinha Janine Ribeiro. In *Projeto História* Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001, p. 13.

um pedido com fé para a Santa Cruz dos Milagres os faz ser válidos.

A romaria tem se mantido com os anos, quase dois séculos, apesar de todas as transformações ocorridas ao longo da sua história, mas, apesar das mudanças o culto a Santa Cruz dos Milagres permanece atual; é certo que com pedidos e romeiros com comportamentos diferentes, mas que pelo costume “herdaram” a crença na santa, mantendo a romaria como parte de suas obrigações, mantendo no seu dia a dia traços com o passado, pois os costumes, como lembra Eric Hobsbawm, “não impedem as inovações e podem mudar até certo ponto, embora evidentemente sejam tolhidos pela exigência de que devem parecer compatíveis ou idênticos ao precedente<sup>8</sup>”.

Os devotos da Divina Santa Cruz dos Milagres ainda mantém o ritual de ida ao Santuário como compromisso anual e forma de restabelecer os laços com a santa. Na época do festejo é possível ver gerações inteiras da mesma família juntas, cada qual com seus pedidos particulares a Santa Cruz dos Milagres; a festa também funciona como momento de confraternização, pois os amigos se encontram, restabelecendo as redes de contato.

Buscamos nesse capítulo localizar a experiência religiosa piauiense a partir do culto a Santa Cruz dos Milagres (PI), demonstrando as maneiras como a religiosidade popular é vivenciada no sertão do Piauí, discutindo a importância que a mesma ganhou na religiosidade piauiense, na leitura de intelectuais, folcloristas, historiadores e principalmente de seus devotos.

### **1.1 A experiência do devoto de Santa Cruz dos Milagres na constituição de sua fé**

No sertão nordestino a devoção se inicia em lugares inusitados, embaixo de uma árvore, porta de cemitério, beira da estrada ou em lugares inóspitos, onde a fé toma forma pela ação de almas milagrosas, que pelo martírio alcançaram a graça e vêm ao socorro de seus devotos. O sagrado pode se manifestar ainda em objetos milagrosos que funcionam como instrumento de mediação do milagre, passando então a funcionar como prova material da presença e intervenção divina, pois assim atestam seus devotos ao serem questionados sobre os poderes milagrosos de seus objetos de devoção.

As condições climáticas e sociais do sertão nordestino colaboram para a aparição desses elementos do sagrado, que se revelam como socorro ao sertanejo. A aridez do solo e as condições insalubres proporcionadas por essa terra seca contrastam com a força e a

---

<sup>8</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10.

determinação desses homens e mulheres que no seu cotidiano vivem uma luta contra as adversidades do solo e as precariedades da vida. O sagrado que age na fertilização da terra, na cura de doenças e ainda ajuda a encontrar animais perdidos, uma divindade que intervém na resolução dos problemas diários, os mais corriqueiros possíveis.

Ao observarmos a fala de padre Davi Mendes no Livro do Tombo de São Felix de Cantalice, percebemos inclusive como a seca, além de ser um fator de agravamento social, levava cada vez mais devotos a procura da santa, algo percebido não apenas pelo número de fiéis presentes na romaria, mas também pelo valor adquirido com as ofertas contabilizadas no final da festa.

Os romêiros mostram-se abertamente satisfeitos com os trabalhos e a renda financeira da festa chegou a atingir a importância de CR\$ 480.000,00 – quatrocentos e oitenta mil cruzeiros- com uma alta porcentagem sobre o ano passado, apesar da crise que ocorre pela seca e carestia em tudo<sup>9</sup>.

Esses problemas cotidianos revelados pela seca, que em certa medida induz o homem do sertão a procurar no sobrenatural o que lhe falta no dia a dia. Padre Davi não afirma que as condições climáticas tenham sido as responsáveis pelo aumento considerável no número de romeiros, o que não significa que deixe de acreditar nisso, mas podemos sugerir que mesmo com a “carestia”, não falta a esmola do santo, pois seria ele que traria a chuva e, conseqüentemente, o fim das privações.

A estiagem que agrava os problemas do homem sertanejo, como a fome e a pobreza, faziam e fazem até hoje com que o Santuário de Santa Cruz dos Milagres receba um número expressivo de devotos, homens e mulheres que pedem a Divina Santa Cruz<sup>10</sup>, que lhes traga chuva e uma boa colheita, para esses devotos uma santa sertaneja como eles, nascida na mesma terra que eles poderia ouvi-los e entender seus pedidos.

A grande preocupação com esta festa, desde muito antes, foi a possível concentração excessiva de romeiros. A crise terrível pela qual o povo está passando, é fato conhecido, faz agigantar-se qualquer movimento social, sobretudo os de ordem religiosa. No caso específico de Santa Cruz, é a insegurança do povo, arrastando-o para o apêlo do sobrenatural<sup>11</sup>.

A festa que levava alegria para o sertão piauiense representava, acima de tudo, um apelo de misericórdia do povo, que no desejo de ser ouvido pelas divindades, celebrava junto a Santa Cruz dos Milagres a alegria de mais um ano e a expectativa de que as dificuldades

<sup>9</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984), p. 128

<sup>10</sup> Termo utilizado pelos devotos para se referir a Santa Cruz dos Milagres, a mesma é chamada também de Bendita Santa Cruz.

<sup>11</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 111

findassem, pedindo, por exemplo, o retorno da chuva e um inverno vigoroso, possibilitando à família, fartura, o que garantiria a presença no Santuário no ano seguinte.

Essa tradição mantida com os anos e fomentada pelo hábito cotidiano ainda leva no mês de maio, setembro e outubro milhares de pessoas à cidade de Santa Cruz dos Milagres, que embalam em suas orações o pedido penitente de um inverno vindouro, com rios cheios, terra molhada e fértil, o que garante a alegria e o sustento para o ano todo e permite, além do sustento do corpo, também o da alma, concedido pela visita a madrinha protetora, a “Madrinha Santa Cruz”.

O desejo de um inverno vindouro está presente nas ladainhas dos devotos, muitos que aos pés da Santa Cruz dos Milagres entoam de modo penitente seus “Benditos”, alguns deles em louvor e agradecimento, outros cheios de contrição e pedidos, uma melodia que evoca a chuva e a caridade da pequena cruz protetora, a madrinha que ao ouvir a melodia lamuriosa traria de volta o inverno fertilizaria o solo seco, assim o sertão castigado de paisagem cinza se tornaria novamente colorido, não só pelo verde das árvores e colorido das flores, mas pela orquestra animada dos agricultores em seus “Benditos” de agradecimento. Mas a toada que se ouve nesse momento é o pedido de chuva.

Bendita as chuvas meu Jesus Menino,  
Chuva pra os inocente que são pequenino  
Chuva pra os inocente que são pequenino

Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar  
Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar

Que as árvore estão seca e quer vir verdejar  
Que as árvores estão seca e quer vir verdejar

As árvore estão seca que não fazem sombra  
Morrendo de sede e a gente de fome,  
Morrendo de sede e a gente de fome.  
[...]

O canto acima, um “Bendito de Chuva” entoado aos pés da Santa Cruz dos Milagres por duas Marias<sup>12</sup> que clamavam pela intervenção da santa para a vinda da chuva, como diz o canto “as árvores estão secas”, mas desejam a água para novamente ficarem verdes e alegrar o povo, além disso, também reforça a ideia da sede e da fome, consequência do clima seco, confabulando para a hipótese de que as condições climáticas a que são submetidos esses homens e mulheres também influencia no modo como se relacionam com o santo e os pedidos que fazem podem ser determinados por suas necessidades do momento, no caso comida e

<sup>12</sup> As Senhoras são Maria e Maria do Amparo, ambas da cidade de São Francisco no Estado do Maranhão.

água.

A Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres acontece em um dos períodos mais secos no semiárido piauiense. A relação dos romeiros com a Santa também pode ser percebida nesse momento, caso o inverno tenha sido “fraco” as aclamações à santa são mais vigorosas e penitenciais, sendo possível encontrar aos pés da cruz até mesmo garrafas d’água, quando o inverno é “bom” as ações penitenciais ainda permanecem, mas tomam um tom mais festivo, a própria fisionomia do Santuário é outra, já que os campos estão verdes e vigorosos.

A seca nas palavras de Cândido da Costa e Silva deixa esses homens e mulheres em uma situação de insegurança, a falta de assistência os direciona às divindades protetoras, que “atenciosas” aos problemas de seus devotos fazem o que o Estado deixa de fazer e oferecem a saúde e o trabalho e a possibilidades de dias mais abastados.

Por ser uma constante na fisiografia do Nordeste, a seca foi fator de agravamento agudo da pobreza e da fome, cujas causas estão enraizadas na estrutura socioeconômica, na ausência de força do nordeste para decisões políticas, e menos na ecologia, álibi adequado para justificar a perpetuidade de uma situação crônica de injustiça e exploração opressiva.<sup>13</sup>

Essa quase situação limite em que vive o homem sertanejo, o faz procurar as forças sobrenaturais como remédio e solução, afinal, ele, como homem nada pode contra as forças naturais, diferente dos santos, que por serem escolhidos podiam pedir em favor de seus devotos, para que a chuva viesse e o medo cessasse, já que a simples ameaça de tempos secos se torna “geradora de insegurança”<sup>14</sup>, como nos lembra Cândido, uma situação na maioria das vezes agravada pelas forças humanas, problemas mais sociais do que necessariamente ambientais.

Nesse lugar, onde tudo parecia difícil, das intempéries para adquirir comida ao serviço religioso, onde se adoecia e morria sem a ação do Estado, tão aquém aos problemas do povo sertanejo, é nesse espaço que ainda notamos que a divindade de certo modo, “intervém” como mediadora entre o indivíduo e as forças superiores, possibilitando que os problemas que os afligem sejam resolvidos. Cura de moléstias simples como uma dor estomacal a machucados adquiridos no trabalho diário, ou mesmo a cura de doenças consideradas incuráveis, essas situações aflitivas que movimentam anualmente o Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Esse devoto não procura o santo apenas para questões espirituais, aqui o espiritual

---

<sup>13</sup> SILVA, Cândido da Costa e. Uma Leitura missionária da seca nordestina. In SILVA, Severino Vicente (org.). *A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 58.

<sup>14</sup> Idem. p. 58

anda lado a lado com as necessidades materiais, ou seja, o que leva o devoto a buscar a divindade é, antes de tudo, a resolução das suas necessidades cotidianas, seu santo deve ser prático e atento aos desejos de seus devotos, a ponto de poder lhes conceder a graça, além disso, adoecer no sertão significava procurar, na ajuda do santo, a cura.

Quem busca a cura num santuário não se imagina frente a pequenos problemas que são resolvidos cotidianamente na luta da vida, com esforço pessoal ou pela colaboração de amigos, familiares ou companheiros. Quando uma pessoa em nossa sociedade se move pela cura está frente a situações que considera situações-limite, concretizadas em doenças graves, insegurança material e desordens morais. A procura de saída de circunstâncias aflitivas soa então como recorrência a uma “tábua de salvação”<sup>15</sup>.

Contudo, o povo aprende que na hora da doença ou da “agonia da morte”, a solução pode estar nas beberagens e benzenções trazidas pelos rezadores, esses atuando como médico e padre, eram os rezadores também que diziam que santo curava o mal dos seus fiéis, eram eles, antes dos padres, que comandavam e direcionavam o culto ao santo, eles junto ao povo transformavam a capela em Santuário.

Essa convivência entre o santo e o devoto geralmente muito particular, acabava sendo livre da influência do beato ou mesmo do padre, pois os devotos que elegem seus santos, não é o santo que escolhe seus devotos, “Os fiéis lhe atribuem funções e, muitas vezes, ainda as modificam, de acordo com seus interesses ou necessidades”<sup>16</sup>, o santo de devoção será aquele capaz de ajudá-los nas horas difíceis.

É a esse santo prático que se refere Carlos Brandão, ao traçar o “perfil” da religião popular. Segundo o autor, ela “é mais para usar do que para servir e, em muitos casos, para seguir”<sup>17</sup>, tendo a mesma uma função clara que vai para além do caráter penitencial. Por esse motivo, ampliase a cada dia o número de seguidores do santo, sendo o ato de crer uma ação rotineira, onde o milagre transita no dia a dia e, ao mesmo tempo, é um ato extraordinário para esses homens e mulheres crentes, “para o devoto, o milagre é plausível”<sup>18</sup>e, se sustenta pelos relatos de outros fiéis, que concedem veracidade ao milagre.

Nesse espaço de religiosidade heterogênea que a devoção surge, na maioria das vezes, mesclada com elementos de diversas religiões, predominando em alguns casos, os ritos

<sup>15</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações da Cura no Catolicismo Popular. In ALVES, Paulo César. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, p. 57.

<sup>16</sup> COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004. p. 54.

<sup>17</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 137.

<sup>18</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998, p. 24.

católicos, como a reza do terço e mesmo a devoção aos santos, crença geralmente fomentada pelas histórias dos santos e seus exemplos de castidade e temeridade a Deus. A hagiografia desses taumaturgos era contada aos sertanejos com características locais, logo o santo estrangeiro e europeu ganhava a cor e a forma de seus ouvintes, funcionando essas histórias como instrumento de instrução e dogmatização, já que ainda pelo início do Século XX o número de padres atuando pelo sertão mostrava-se insipiente.

No território inabitado pela instituição surgem as devoções populares, os taumaturgos do povo, mas se é o santo europeu que predomina, o mesmo é “transformado”, assim tomou outro aspecto as comemorações a Santo Antônio para quem se celebra e se dança e, assim, esse tipo de devoção “orientada” pelo povo passam a ser combatidas, não há padres, antes missionários em pequeno número, mas preocupados com a atuação religiosa do povo, que mescla superstições e práticas religiosas antiquadas; começa-se, como lembra Eduardo Hoornaert, uma luta entre “os deuses antigos e o novo Deus dos cristãos<sup>19</sup>”

Na falta do padre eram os beatos peregrinos que ao longo das suas andanças transmitiam a fé e davam os primeiros ensinamentos religiosos, eram eles quem construíam cemitérios e até mesmo as igrejas que abrigariam os padres nas desobrigas, essas capelas muitas vezes abrigavam os santos do povo, mártires, sendo o seu culto tão verdadeiro e legítimo quanto o institucional.

Uma constante da sociedade brasileira desde os primeiros tempos da colonização até a época atual, tais grupos isolados criaram figuras santificadas, locais ou regionais, enriquecendo assim o hagiológico católico; balizaram também sua paisagem com lugares sagrados, identificando nas vizinhanças de seus povoados sítios que figuravam nas narrativas bíblicas; inventaram também toda uma hierarquia de “agentes do culto”, cuja função era preservar conhecimentos, realizar ritos, manter vivas as manifestações religiosas.<sup>20</sup>

Esse agente religioso popular atuava como a figura religiosa da comunidade, eles “aprenderam os ensinamentos do catolicismo popular quase sempre no próprio lugar de seu exercício religioso”<sup>21</sup>, são eles que “santificam” junto com o povo o santo comunitário. Em Santa Cruz dos Milagres é o beato o responsável pela revelação do mistério, mostrando ao vaqueiro a pequena cruz de chapada e o olho d’água, que seriam os elementos de mediação para o milagre.

<sup>19</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 33

<sup>20</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Nacional, religião expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In. *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 65

<sup>21</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 35.

[...] é profundamente marcado pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos, com suas cantorias e rezas populares; além do medo do diabo e do hábito de rezarem o terço e o ofício. Nesse catolicismo as manifestações dos ritos religiosos renovam, mudam [...] Muitos dos beatos são analfabetos, porém, dominam com sabedoria a sua tradição. O beato é aquele que aos olhos de seu povo domina melhor a arte de aconselhar.<sup>22</sup>

O beato figura como um dos personagens principais na criação desse catolicismo sertanejo, que adequava às práticas religiosas da Igreja Católica a realidade do povo, o beato tinha a missão de ensinar o terço, o ofício de Nossa Senhora e as ladainhas, uma ação que tinha como objetivo lutar contra o demônio e levar os devotos para o caminho da redenção, o catolicismo sertanejo nas palavras de João Everton;

Portanto, foi pela ação de alguns desses beatos, que tem início nas cercanias das cidades pontos de devoção, lugares aonde se ia ao encontro de Deus pelas vias do “Santo Caseiro”, aquele criado e aclamado pela comunidade, caso ele fosse provedor de muitos milagres a devoção deixava o espaço da comunidade e se expandia para as regiões circunvizinhas, uma religiosidade recriada ao modo dos seus fiéis, com santos semelhantes a eles.

Eram esses “Santos Caseiros” que curavam a dor de estômago, as erupções na pele, a gripe brava, o desaparecimento da réis ou mesmo as doenças incuráveis, em troca recebiam dos fiéis orações e celebrações geralmente festivas, que além de servirem como pagamento da promessa, possibilitava o encontro com os conhecidos, cabendo ao santo recompensar o devoto com a graça, uma espécie de troca, como lembra Laura de Mello e Souza em sua análise da religiosidade colonial.

Para a maioria esmagadora dos habitantes da colônia, as doenças, as forças e armadilhas da Natureza apresentavam-se como indomáveis, irredutíveis. A fé mostrava, por isso mesmo, contornos tradicionais, arcaicos, onde a demanda de bens materiais e de vantagens concretas assumia grande importância, como se fosse uma espécie de contrato do tipo “toma lá dá cá”.<sup>23</sup>

O Socorro pela via do sagrado ultrapassou o tempo e chegou ao século XX, período do recorte, assim como os sujeitos analisados por Mello e Souza, o homem nordestino, em especial o piauiense, ainda busca nas divindades a conquista de bens, sejam eles materiais ou os de ordem natural, como a seca, que ainda impõe a fome e a pobreza ao homem nordestino, que reza e pede a misericórdia de seus santos protetores, guiados pela fé.

<sup>22</sup> CRUZ, João Everton da. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro*. Dissertação de mestrado. Minas Gerais, 2010, p.18.

<sup>23</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 109.

Uma fé descrita ao longo dos séculos por folcloristas, observadores atentos, mas que viam de modo romanceado as comemorações de devoção aos santos, atribuindo a essas festas o caráter de “nativamente voltadas à alegria, ao divertimento, à vida folgazã e despreocupada de nossas classes populares”.<sup>24</sup>

Esse caráter reducionista para com as devoções populares será notado ainda na década de 1970. Ruy Facó destaca que o atraso intelectual do povo sertanejo teria criado esses pontos de devoção popular, lugares onde se fomentava o fanatismo e o misticismo, sendo “o atraso intelectual extremo em que viviam as populações sertanejas, decorrente da estagnação econômica e cultural, que em geral oferecia campo favorável ao misticismo, ao mais grosseiro fanatismo religioso”.<sup>25</sup>

Afirmção semelhante faz Higino Cunha<sup>26</sup>, intelectual piauiense que na década de 1923, ao escrever um livro sobre a “História da Religião no Piauí”, acreditava que o homem sertanejo, em especial o piauiense, vivia inebriado pelos ritos de fé, pela crença nos santos que despontavam no sertão, e se deixava levar pelos milagres de Padre Cícero e pelas Curas do Olho d’água dos milagres<sup>27</sup>, um dos componentes do culto a Santa Cruz dos Milagres.

Mas o pior é que esse estado da alma do sertanejo transborda às vezes em tenebrosos acessos de loucura religiosa colectiva, determinando crimes e pandemonios macabros como se deu no famoso reducto de Antonio Conselheiro. São notáveis as romarias ao juazeiro do celebre Padre Cícero e ao Olho d’água dos Milagres no município de Valença.<sup>28</sup>

Para o intelectual essa fé apaixonada acabava fomentando organizações de “fanáticos” religiosos como Canudos, gerando o que ele chamava de “loucura religiosa”, para Higino Cunha tudo que se afastava do seu olhar progressista era percebido como danoso, sendo os cultos aos santos padroeiros, como é o caso de Santa Cruz dos Milagres, um modo de espalhar crendices pelo sertão, para ele eram também os padres os responsáveis pelo fanatismo e falta de conhecimento do povo.

*O padre [grifos meus] Agora, é um alto dignitário da igreja, no seio de uma*

<sup>24</sup> MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p.11

<sup>25</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

<sup>26</sup> Higino Cunha foi professor, jurista, jornalista, magistrado e escritor. Polemista desassombrado e seguro. Propagandista dos movimentos sociais da abolição e da República. Deixou registrado na imprensa piauiense preciosos debates, principalmente sobre temas religiosos, filosóficos e políticos. Maiores informações In GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 143.

<sup>27</sup> O Olho d’água dos Milagres junto a Santa Cruz dos Milagres formam a “dupla” milagrosa, o devoto depois de visitar a santa vai ao olho d’água, banha-se com suas águas, que teriam poderes curativos, o olho d’água também teria sido revelado ao vaqueiro pelo beato, junto com a Santa Cruz dos Milagres.

<sup>28</sup> CUNHA, Hygino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924, p. 109

gente submissamente fanatizada, que levanta a sua voz autorizada para entrar as práticas seculares de sua religião, suspendendo o padre relapso que as permite e patrocina, e dá lição solenne de psiquiatria ao médico que trocou o sacerdócio da ciência pela impostura do fanatismo<sup>29</sup>.

Áurea Pinheiro mostra em seu livro “As Ciladas do Inimigo”, como era tensa e conflituosa a relação entre clérigos e anticlericais, na emergência de inserir o Piauí nas discussões e transformações porque passaram esse início de século, os intelectuais trataram a seu modo de criticar o poder institucional da igreja, como a própria citação de Higinio Cunha salienta, era na perspectiva do intelectual, os padres os responsáveis por disseminar entre os fiéis a idolatria e o que ele considerava ser a ignorância nos cultos.

Travou-se um debate de cunho ideológico-religioso entre formas de pensar e agir tradicionais e novas, em que os partidários do novo propunham uma sociedade inspirada nos ideais iluministas. Os livres-pensadores e anticlericais se consideravam os arautos dessa idéias inovadoras. Passaram, então, a criticar a Igreja institucionalizada, condenando-a como propagadora de idéias retrógradas, como disseminadora da ignorância e da superstição no seio da sociedade.<sup>30</sup>

O modo como o devoto católico se relacionava com o santo também irá gerar crítica de Matias Olímpio<sup>31</sup>, que na década de 1910 fez de forma ambígua uma descrição das festas religiosas populares do Piauí, ao passo que as percebe como uma manifestação rica do folclore piauiense também as qualifica como grosseiras. Resultado do olhar da época de Matias Olímpio, além disso, o intelectual considera que o povo foi educado pela Igreja, de modo a fomentar a superstição e o fetichismo.

[...] o sapateado dessas festas, se não se adicionassem a estas as aclamações immorales e os ditos mais descabellados. Que seja, afinal, tudo isso aceito com jocosidade e catitismo no mundo profano, não é aqui lugar para fazer-se reparo; mas, curiosa é que seja esta a atitude do sertanejo nas cerimônias do culto catholico. Tão grosseiros são os seus sentimentos religiosos que, sem intenção de chalacear com a divindade, ditos ambíguos se entoam em seu louvor.<sup>32</sup>

Essa fé grosseira aos olhos dos intelectuais que despontava no sertão piauiense. Na verdade, na maior parte do Estado as devoções tomavam corpo e forma e seguiam os rituais

<sup>29</sup> CUNHA. Op.cit. p.110

<sup>30</sup> PINHEIRO, Áurea Paz. *As Ciladas do Inimigo: tensões entre clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001. p.25.

<sup>31</sup> Matias Olímpio de Melo foi Governador do estado, magistrado, jornalista, político e escritor. Critico literário percuciente e de perspicua investigação. Cronista estudioso do nosso folclore. Jornalista combativo. Maiores informações In GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. pp. 255-256.

<sup>32</sup> OLÍMPIO, Matias. Festas Populares Piauienses. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912, pp. 68-69.

locais, momento em que os santos dos altares da Igreja se “adequavam” ao modo de celebrar do povo. Licenciosas ou não, as festas de devoção atraíam os olhares admirados ou mesmo preconceituosos, esse turbilhão heterogêneo que incomodava, seja aos propagadores do progresso seja aos mensageiros da fé.

Mas para além da compreensão dos intelectuais e da Igreja Católica, as festas de devoção eram antes o modo encontrado pelo povo para agradecer as graças alcançadas, momento de reverenciar o santo interventor, e a cada nova festa surgiam novas histórias de bênçãos e milagres alcançados, um santo inclusive que se satisfazia com modesta esmola do devoto, que se agradava com “a sincera promessa de um arco, que rende ao santo amigo meia dúzia de patacas, basta para que ele preste assim incalculáveis serviços a humanidade”<sup>33</sup>, por pouca que fossem as ofertas o santo reconhecia, pois “a bondade de um santo reconhece as possibilidades matérias dos fiéis”<sup>34</sup>.

Era pelo relato do primeiro milagre que tornava o santo popular e amplamente divulgado, sendo o seu poder anunciado pelo devoto recebedor da graça, que passa a ser seu maior anunciador, a oralidade funciona, então, como instrumento de confirmação e propagação do milagre, sendo a memória um importante veículo na manutenção dessa devoção, já que “o esquecimento equivale a sua supressão”<sup>35</sup>.

Manter viva a memória dos milagres também é uma das obrigações do devoto, que passa a contar as graças conquistadas, assim como também mantém o modo de se relacionar com a santa. Michel Pollak define as memórias como “recordações” individuais, o que não significa dizer que se afastem do coletivo, essa memória individual passa a fazer parte do grupo; o que era antes um relato individual, torna-se uma memória do grupo.

[...] a memória é constituída por *pessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.<sup>36</sup>

É pelas memórias transmitidas através da oralidade que o milagre percorre o sertão, atraindo cada vez mais devotos para o retiro do santo. Histórias cercadas de simbolismo, que

<sup>33</sup>OLIMPIO. Op.cit, p. 65

<sup>34</sup>RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998, p.37.

<sup>35</sup> ANDRADE, Solange Ramos de. Espaço Sagrado e Sacralização do espaço: aspectos da procissão de corpos Christi em Maringá – PR. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 11, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acessado em: 24 fev 2012.

<sup>36</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992. p. 201

vêm cheias de significado para quem escuta. Passamos a crer porque involuntariamente nossos pais ou conhecidos nos ensinaram a crer, relatos que abrem um leque de possibilidades de análise para o historiador.

As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros, e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.<sup>37</sup>

O anúncio do milagre e confirmação pelo devoto recebedor da graça atrai novos devotos; é pelo relato dos agraciados com o milagre do santo que seu poder é divulgado, devotos que muitas vezes atribuem ao santo poderes fantásticos, que segundo eles só pode existir no universo dos eleitos, como sugere Solange Andrade, “o santo é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional”.<sup>38</sup>

Para o devoto vale crer em um ser que se assemelha a eles, pois muitos desses Santos Sertanejos passaram pela mesma agrura de seus devotos, viveu como eles, as injustiças sociais ou o dissabor da seca e as privações, mas o que os diferencia de seus devotos é a capacidade de fazer milagres, de terem sido, segundo seus seguidores, escolhidos por Deus, e por isso conquistaram a glória.

Devoção que é fomentada a partir das dificuldades diárias, pois assim se começa a crença, pela busca de coisas objetivas “palpáveis”. É certo que a plenitude moral e espiritual também faz parte do universo do fiel, mas no catolicismo popular surge de um modo diferente, o espírito está calmo quando a vida do devoto está farta e quando a família tem saúde.

As necessidades diárias também regulam o domínio do religioso, não basta pensarmos que o devoto procurar a Santa Cruz dos Milagres porque está tomado pela fé, há ainda outras motivações, que são sobretudo sociais, inerentes ao seu cotidiano, algo compreendido por Max Weber “a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos”<sup>39</sup>, que no seu tempo organizam a vida em sintonia com o religioso, pelas práticas e cultos demarcados pelo grupo.

[...] A ação religiosa ou magicamente motivada em sua existência primordial,

<sup>37</sup> KHOURY, Yara Aun. *Narrativas Orais na Investigação da História Social*. In Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001, p.84

<sup>38</sup> ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008, p. 242

<sup>39</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p. 279

está orientada para este mundo. A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência.<sup>40</sup>

Partindo do proposto por Weber, diríamos que as experiências cotidianas dos indivíduos formam e organizam o modo como eles se relacionaram com a divindade, esse santo lhes permite garantir o que desejam, e é o mediador entre eles e Deus. Ainda partindo de Weber, essa religiosidade da graça se mantém com tenacidade na religiosidade popular<sup>41</sup>, ou seja, é o culto da graça e a possibilidade que o santo tem de conceder milagres que mantém vivo e em “constante” transformação, cultos como o de Santa Cruz dos Milagres.

Em um espaço como o que se encontra Santa Cruz dos Milagres, o diálogo entre os devotos e o santo se torna uma ação quase rotineira, se orienta pelo proposto pela religião, é também adequar o santo às suas apreensões cotidianas. Assim, o santo se torna parte do “corpo social”, sujeito às transformações, e deve ser eficaz quando necessário, pois além da “eficácia efetiva ou imaginada que lhes é inerente, cada vez mais coisas e processos também atraem “significados”, e por meio de atos significativos se procura obter efeitos reais.”<sup>42</sup>

O santo não funciona apenas como mediador ou como guia para oração, é também uma figura prática, que age na busca de soluções reais, mas para se atingir a eficácia é necessário se situar no ritual, cumprindo rigorosamente o que é “prescrito”, para que o milagre possa acontecer, como fazer a promessa, pagá-la e manter uma relação de cumplicidade com o santo. Esse ritual é seguido por todos que se dizem devotos, seja o homem do campo ou da cidade, que buscam o mesmo efeito, a conquista da graça.

Esse homem sertanejo devoto e crente tem, desde sua formação, sofrido as agruras impostas pelo espaço onde vive, primeiro pelas longas distâncias dos centros econômicos, que em muitas circunstâncias dificultava o abastecimento e a circulação de dinheiro na região, o que não acontecia com os grandes fazendeiros, que tinham condições de mandar buscar na capital os mantimentos e outros objetos de primeira necessidade. Diferente do povo, que como descreve Capistrano de Abreu, tinha uma vida difícil e às vezes restritiva, pois, “a vida do povo comum dizia mal com estes esplendores a canjica, alimento da maioria da população, dispensava sal, porque esse ingrediente não chegava para todos.”<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Idem. p. 279

<sup>41</sup> WEBER. op.cit. p. 280

<sup>42</sup> WEBER. Op.cit. p. 282

<sup>43</sup> ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. 7. ed. rev e anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000, p. 135.

Na década de 1980 Cândido da Costa e Silva faz uma brilhante análise do catolicismo popular no sertão da Bahia. Os sujeitos por ele pesquisados compõem-se de uma maioria analfabeta<sup>44</sup>, que se encontra ainda sujeita à espoliação de terra e ao trabalho como agregado nos grandes latifúndios, homens e mulheres que às vezes tinham como principal recurso apenas a oração, mas até essa alternativa um tanto frágil parecia forte quando organizada por um grande contingente. Canudos é um exemplo clássico de como sujeitos “organizados” aterrorizavam os coronéis do sertão, como nos lembra Eduardo Hoornaet, “ninguém se importa com esses “vagos do sertão”, nem os governantes nem a igreja, senão na hora da perturbação da ordem pública.”<sup>45</sup>

Antes de ser um recurso de salvação, a fé desses sertanejos pode ser descrita como um movimento de luta, um instrumento para afastá-los não só dos desmandos dos coronéis, como também proporcionar um encontro particular com Deus, uma forma de ligá-los à “religião”, que os completava e entendia. Criando modos próprios de apreensão do sagrado fazia, e de certo modo faz parte até hoje do cotidiano desses homens e mulheres religiosos, já que a Igreja Católica que aparecia de tempos em tempos pela desobriga, não se adequava à fé do povo, segundo Costa e Silva;

o serviço religioso, de tempos em tempos, para desobrigar, esteve restrito à administração dos sacramentos que por um lado massificou o crente sem respeitar-lhe o acolhimento consciente e livre, e por outro lado inculcava uma visão de excepcionalidade, de algo prescindível, ainda mesmo nas urgências da morte.<sup>46</sup>

O Serviço do padre aparecia geralmente como recurso em alguns sacramentos, especialmente o da unção dos enfermos, além da extrema-unção, o poder de oferecer a bênção aos mortos estava restrita a eles, mas quando o serviço não chegava bastava as ladainhas ou Incelências que encomendavam e encaminhavam o morto, orações aprendidas geralmente nas vindas anteriores do padre ou pela época da visita dos missionários, contudo, acompanham pelo livrinho do “catecismo”, geralmente sem saber que palavras diziam.

A memorização popular de textos religiosos eruditos sofre, ao correr do tempo, o desgaste das elisões, das contrações, enfim, toda uma poda tendente a adaptá-los à fonética. Rara leitura, muito ouvido, e excelente memória, o que explica o lugar do livro religioso no sertão. O seu apreço não pode ser avaliado pelo número de exemplares, mas pela circulação que alcançam uns

---

<sup>44</sup> COSTA E SILVA, Cândido. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Editora Ática, 1982, p. 13

<sup>45</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 15

<sup>46</sup> COSTA E SILVA, Cândido. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Editora Ática, 1982 p. 16

poucos “livros de reza”, pertencentes, não raro, a cristãos analfabetos.<sup>47</sup>

A reza do Terço também era usada como recurso de aproximação do sagrado, seu texto ritmado e de fácil memorização proporcionava aos fiéis, em sua maioria analfabetos, a conversa franca com Deus e os santos, sem a riqueza oratória dos padres na prédica, que o sertanejo desfia pelo terço a oração contrita e apaixonada. Assim, adaptam a reza do terço a sua necessidade e ao seu santo de devoção, feito isso rezam nos intervalos do trabalho ou simplesmente carregam ao pescoço o terço como patuá e “desfiam” mentalmente a oração ao santo, assim fazem os devotos de Santa Cruz dos Milagres ao rezarem o terço pedindo proteção.

Que a Santa Cruz me proteja, que eu vença a dura peleja  
E possa do mal triunfar!  
Vindo, ó Jesus minha hora, por essas dores de agora,  
No céu mereça um lugar<sup>48</sup>

O terço ainda é uma prática recorrente no sertão piauiense e muitas vezes chega a ser orientado pelo próprio padre, que comanda as novenas e coloca como parte do ritual eucarístico a reza do terço, hoje junto ao conjunto de mistérios há também os cânticos e a forte correlação com o contexto atual, a reza passa a ser pensada para além do valor religioso, para ultrapassar o merecimento do “reino do céu”, e passa a pregar uma vida reta e direcionada pela caridade aqui na terra.

Ainda em meados do Século XX era possível notar a pouca atuação dos padres no serviço pastoral do sertão, algumas regiões, como é o caso do Piauí, contava em algumas de suas freguesias com apenas um pároco para atender e “direcionar” tantas almas, na região valenciana, território ao qual pertence o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, o serviço religioso se fazia precariamente, em algumas circunstâncias a visita do bispo funcionava como um sopro de esperança para a Igreja, que via na organização de sua visita uma forma de instruir e mobilizar os fiéis.

É importante lembrar que a região pesquisada é chamada de Valenciana por compreender os municípios que fazem parte da mesorregião de Valença, a quem inclusive a paróquia de Santa Cruz dos Milagres pertenceu, até 1968, um espaço onde a fé brota com certa facilidade. A região é descrita por José Martins Pereira de Alencastre como uma região árida, mas entrecortada por vários rios, para ele a região figuraria como um importante celeiro agrícola,

<sup>47</sup> COSTA E SILVA. Op.cit., p. 24

<sup>48</sup> TERÇO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES

a freguesia de Valença foi a primeira que tentou com algum resultado próspero a lavoura da cana, e tem continuado até hoje, porém em pequena escala, porque seus habitantes, como toda a Província, também preferem a criação de gado a qualquer outra indústria. Banhada pelas águas do Berlengas, Poti, Sambito, São Nicola e Onça, e outros pequenos regatos, pode, para o futuro, ser um dos municípios mais agrícolas do Piauí.<sup>49</sup>

Infelizmente, as proposições de Alencastre foram frustradas, a região não se tornou uma das mais agrícolas do Piauí. Quando da escrita de Alencastre, provavelmente a cidade de Valença, então vila, possuía uma imensa extensão territorial, os rios Sambito e São Nicolau, que hoje servem para marcar os limites da cidade de Santa Cruz dos Milagres, em nenhum momento sequer são referenciados pelo autor, ou mesmo o povoado de Santa Cruz dos Milagres, que acreditamos já devia existir. Podemos inferir duas coisas: ou que o culto a santa não interessava ao pesquisador ou que ele simplesmente permanecia oculto para a maioria da população piauiense, sendo que a referência de data para o início da peregrinação ao então santuário é descrita especialmente pela tradição oral, que marcaria o do culto em meados do Século XIX.

Outro fator de esquecimento da região, segundo Alencastre, diz respeito à inexistente representação política na Assembleia Provincial, que impossibilitou o desenvolvimento tanto econômico quanto educacional, sendo falho o sistema de ensino na região, fator, inclusive, que resultaria nas credices e dizeres do povo. Porém, com um olhar na atualidade é possível perceber que os cultos aos santos, seja no nordeste, espaço do objeto de pesquisa, seja no sul, mas progressista e desenvolvido, existe independente da erudição, inclusive se pensarmos que a fé não tem classe social, atendido o pedido o santo se torna interventor do rico e do pobre.

Retomando a importância que os bispos tinham na constituição religiosa dos seus fiéis, no sertão do Piauí, por exemplo, a visita do bispo servia inclusive para acalmar as disputas políticas, aqui a ação de orientar as almas vinha junto à responsabilidade de manter a cidade tranquila, com respeito à justiça e à moral, um modo de formar homens e mulheres tementes a Deus e respeitando os ensinamentos católicos.

A situação religiosa da paróquia tem as suas falhas decorrentes sobretudo da circunstância de um só padre não poder, a contento, dirigir tantas almas, como é o caso de Valença, sobretudo antes da criação da paróquia de Santa Teresinha de Elesbão Veloso, desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição. [...] Que esta visita pastoral seja um marco novo plantado na paróquia, sobretudo na sede paroquial, onde desejamos que reine a maior

---

<sup>49</sup> ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí*. Teresina: COMEPI, 2005, p. 150.

harmonia possível entre todos, para o bem espiritual, intelectual e moral da cidade.<sup>50</sup>

A fonte acima é parte do Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença do Piauí. Até o ano de 1968 a Igreja de Santa Cruz dos Milagres foi subordinada a supracitada paróquia, o primeiro livro do tomo, que possibilitaria a demarcação do início da peregrinação ao Santuário é hoje desaparecido. A importância do Livro do Tombo de Nossa Senhora do Ó e Conceição se exprime por ser o período em que Dom Avelar Brandão Vilela, então arcebispo, coloca em prática as recomendações do Concílio Vaticano II, que tinha como objetivo disciplinar, mas de maneira moderada, a religiosidade do povo.

O Concílio Vaticano II terá de certo modo uma função importante na romaria a Santa Cruz dos Milagres, pois permitirá uma aproximação com os ritos do povo na festa de exaltação a Santa Cruz, uma união um tanto conflituosa, mas percebida pelos dirigentes do Santuário como necessária, o tema será discutido adiante, mas vale antecipar, que parte da romaria permanece como era devido à inserção das recomendações do Concílio Vaticano II na Igreja Católica piauiense.

Contudo, antes das recomendações do Concílio Vaticano II, a então capela de Santa Cruz dos Milagres pouco foi citada no Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, mesmo fazendo parte da citada paróquia, alguns fatores como a grande extensão do território e as dificuldades de comunicação entre os párocos podem ser elencados como problema no conhecimento ou importância que foi dado à romaria a Santa Cruz, talvez a pouca atuação na então capela, tenha levado a desconsiderar a relevância que tinha para os devotos.

Cheguei aqui sem nenhuma pretensão sabendo que ia encontrar uma paróquia cheia de problemas e dificuldades. Vivi sem nenhuma condição material, só encontrando problemas por todas as capelas. [...] já percorri por várias vezes todas as capelas e lugares mais populosos da paróquia. Isto como um missionário do Reino, a pé, a cavalo, de ônibus, carona e carro fretado. Estou sentindo fortemente o peso de minha responsabilidade sem muitas condições de sanar um terço dos problemas<sup>51</sup>.

O trecho acima é um desabafo do Padre Nery Sobrinho, pároco de Valença, que percebia nas dificuldades materiais um dos maiores problemas a ação evangelizadora; portanto, cabe salientar que possamos considerar a pouca importância dada a Santa Cruz dos

---

<sup>50</sup> VALENÇA. *Livro do Tombo* - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1990, p.03

<sup>51</sup> VALENÇA, op. cit. p. 28

Milagres, por ser antes considerado um culto menor, criado e fomentado pelo povo, que pela distância e falta de padre criava seu culto próprio.

A religiosidade no centro-sul do Piauí é viva e intensa, com a presença de muitos santos de culto popular, sob o comando de Santa Cruz dos Milagres, a santa mais aclamada e importante da região. Nesse espaço que trabalhava a igreja com o objetivo de combater as superstições e as crenças que em muitas circunstâncias viam mescladas com elementos de magia, o objetivo da Igreja era reeducar seu rebanho, hoje se sabe que antes de repudiar, a igreja se une aos seus ritos, o culto do povo, inserindo-os para manter seus fiéis.

As fontes também nos revelam como a Igreja Católica, apesar de um posicionamento, mas “tolerante”, percebe que o povo deve ser educado para uma verdadeira vivência cristã, sendo as limitações geográficas e apostólicas uma das maiores dificuldades na “instrução religiosa” do povo; no Piauí, o objetivo era demonstrar que o catolicismo heterogêneo existente entre o povo devia ser combatido e transformado.

[...] Uma série de causas já determina um processo de anemia espiritual: situação geográfica e dificuldades de comunicação, número reduzido de líderes religiosos fora a densidade demográfica, ausência de espírito apostólico dos fiéis. [...] Não se deve esquecer ainda o acesso de preconceitos que circulam em nosso meio e que concorre para uma visão deformada da realidade. Em face de todos esses fatores, encontramos, muitas vezes, um catolicismo eclético, incapaz de representar o espírito do verdadeiro catolicismo.<sup>52</sup>

Vale salientar que essa adequação para além de um desejo de manter firme o rebanho, devia-se ainda à descrença do padre de que esses homens e mulheres seriam capazes de lidar com uma doutrina de fé e segui-la à risca, como mandava o dogma da Igreja Católica, esse posicionamento não era exclusivo dos religiosos piauienses, pois a própria historiografia sobre o tema lembra que os padres, ao chegarem ao sertão nordestino, consideravam seu “rebanho” estranho, “por isso os taxava de falsos, preguiçosos, vingativos e luxuriosos ao último excesso”.<sup>53</sup>

Tal proposição taxativa para com os sertanejos lembra o período de colonização do Brasil, que teria sido habitado inicialmente por “degredados, prostitutas e gente baixa, um lugar nas quais se iam cumprir penas”<sup>54</sup>, portanto, habita-se o sertão brasileiro nos mesmos moldes da colonização do Brasil, o sertão é então desbravado por bandeirantes sanguinários, mas povoado por “gente de toda espécie”, análise fomentada por Capistrano de Abreu, sendo

<sup>52</sup> VALENÇA. Op.cit, p. 05

<sup>53</sup> COSTA E SILVA, Cândido. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Editora Ática, 1982, p. 22

<sup>54</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Inferno Atlântico*. 1993, p. 89

que,

Os povoadores primeiros foram gente pobre: soldados idos do Pernambuco, mal pagos a ponto de raros poderem calçar sapatos e meias; ilhéus nobres, mas gente necessitada, impelida à emigração pela procura de meios não existentes no arquipélago; soldados rotos e despedidos tomados na guerra e abandonados nas costas pelos holandeses; finalmente degradados.<sup>55</sup>

Essa proposição que moldavam a lógica desses padres habituados a olhar de longe a vida da gente do sertão, percebendo-os como bárbaros diferentes do povo do litoral. Distantes dos costumes dos moradores, os padres ficavam satisfeitos em ensinar o que consideravam a verdadeira doutrina e, davam àqueles que viviam em pecado, a remissão pelo casamento, ou o amparo da alma pela extrema-unção, mesmo distante da instituição Igreja Católica, o povo não era avesso a ação evangelizadora, apenas estranhava o fato de seus santos e seu culto ser ignorado, já que aclama os mesmos santos da igreja, apenas adequando-os a sua realidade.

Enquanto isso a Igreja Católica encontrava modos de se manter nessa terra, que distante dos olhares eclesiais parecia transpirar superstições e luxúrias, como primeira medida, os Capuchinhos são inseridos com a missão de levar a oração e o respeito ao trabalho. Esses emissários da palavra eram tão semelhantes fisicamente com os beatos do sertão, o que tornava a aproximação ainda mais fácil, para além da evangelização tinham ainda a função de solucionar as contentas em nome da verdadeira fé cristã e sob a insígnia da Igreja Católica Apostólica Romana.

A Igreja está interessada em manter um vínculo com as populações abandonadas do interior através da organização de missões espetaculares que lhe possam assegurar a sempre precária adesão dos mais pobres. Congregações se especializam na tarefa de pregar aos pobres: os tradicionais capuchinhos, com um número relativamente reduzido de pessoas, conseguem uma enorme influência no interior do sertão.<sup>56</sup>

Essa aproximação proporcionada pelo trabalho missionário dos Capuchinhos não significava um afastamento das devoções populares, também ricas na vivência diária dos moradores do sertão, principalmente porque esses missionários permaneciam por pouco tempo, construía as capelas e, retomavam suas andanças, quem ficava em seu lugar eram os beatos, ouvintes atentos dos padres em missão, eram eles quem fomentavam no povo a fé na igreja católica.

---

<sup>55</sup> ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. 7. ed. rev e anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000, p.144

<sup>56</sup> HOORNAERT, Op. Cit, p. 25

No Piauí, segundo o historiador Pe. Cláudio de Melo, a Igreja, além de orientadora das almas, também foi a responsável pela formação da sociedade piauiense. Segundo o autor, a sua atuação por meio das desobrigas, que teriam inclusive ajudado na fixação da fé católica no Estado. Como integrante da Igreja Católica do Piauí, Cláudio de Melo tinha como propósito mostrar no seu trabalho “que os caminhos da civilização piauiense foram todos marcados pela ação da igreja, sempre presente na formação e desenvolvimento da sociedade que hoje somos”.<sup>57</sup>

O processo que permitiu a inserção da fé católica no Piauí veio, de certo modo, pelas mãos dos sertanistas, como o colonizador Domingos Afonso Mafrense ou Sertão, que ao pacificar o território do Piauí instalava uma capela, que logo receberia um ministro da fé, ou algum missionário, que em campanha de evangelização levava seus fiéis ao verdadeiro encontro com Deus.

Os padres, quase todos seculares, vinham vindo depois, um a um, quando as estradas já estavam desbravadas, os selvagens aldeados, para não dizer escravizados, as povoações fundadas, e se fazia preciso construir igrejas ou capellas e inaugurar freguezias ou parochias. Limitavam-se a ensinar a doutrina christã de viva voz, pela velha cartilha, e ás manifestações externas do culto, isto é, os sermões, procissões, missas, confissões e etc.<sup>58</sup>

Percebemos como a religião Católica entra no território piauiense, após a pacificação do território, aqui as ações de evangelização foram voltadas, como anteriormente citadas, aos “novos” habitantes do território, que moravam a grandes distâncias, o que dificultava a ação evangelizadora, o que não significava deixá-los, pois de tempos em tempos apareciam e ao chegarem sempre vinham com um ar doutrinador, conclamando ao povo para a conversão dos pecados.

A Igreja aqui instalada, vista como formadora social, trazia em seu cerne o propósito de evangelizar as almas desse lado do sertão nordestino, ao pacificar o território entra em cena o padre, que agora passa a agir nessa terra recém-encontrada, na orientação dos nativos que ainda sobraram e dos fiéis que aqui se instalaram, é preciso educá-los como cristãos católicos, combatendo os excessos e as idolatrias aos “santos estranhos”.

Importava retomar os laços com a Igreja romana e europeia, tão diferente e estranha para os moradores sertanejos, que pelo medo dos castigos de Deus ouviam o padre e abstraiam muito pouco “suas explicações não tem correspondência à síntese popular, não cabem em sua visão de mundo, são estranhas à sua realidade. Por isso as coisas são

---

<sup>57</sup> MELO, Pe. Cláudio. *Fé e Civilização*. Teresina: S/ed, 1991, p. 07

<sup>58</sup> CUNHA, Hygino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924, p. 65

esquecidas imediatamente”<sup>59</sup>, quando o padre faltava, sobrava à divindade da comunidade, tão comum e próxima, que mais parecia um ente de casa.

Portanto, o ideal nesses tempos era recriar sua própria divindade, que lhe corria em socorro sempre que precisavam, que lhe era, antes de tudo, semelhante, próxima a eles. O Culto a Santa Cruz dos Milagres percorreu gerações e ainda mostrasse presente, atraindo novos fiéis, para um recanto árido no sertão do Piauí, lugar onde o mistério foi revelado ao surgir para o homem sertanejo à santa que “É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz”<sup>60</sup>, a santa que cura e protege.

## 1.2 Santa Cruz dos Milagres e sua criação no imaginário popular

A Cruz, como parte do culto cristão, representa o martírio e morte de Jesus Cristo, assim como também representa a ressurreição, a vitória de Cristo sob a morte. No Santuário de Santa Cruz dos Milagres, parte dessa trajetória também é vivida pelos romeiros-devotos. A confiança depositada na Cruz também é pela vitória da vida, quando se obtém a cura de alguma doença, a conquista do emprego, a tranquilidade no lar, pedidos pensados na perspectiva de se alcançar uma vida plena e tranquila.

O que difere a relação que os devotos de Santa Cruz dos Milagres mantêm, se comparado a outras devoções, a Cruz é a pessoalidade, a relação de intimidade e parentesco, esse criado pelo compadrio adquirido pelos inúmeros afilhados da Santa Cruz, algo que causava admiração em padre Davi Mendes, observando a relação de cumplicidade do povo com a Bendita Santa Cruz, o padre expõe no seu livro de memórias a representatividade que a santa tem para esses devotos a santa;

não é propriamente a imagem da Cruz do Nosso Senhor, embora ninguém o negue assim explicitamente. É antes uma “pessoa” como a pessoa dos santos, com muito mais força, aliás, em torno dela gira um mundo todo de conceitos e atitudes. [...] E nesta intimidade chega a conversar com ela contando suas dificuldades, e dando recado de pessoas amigas que não puderam vir.<sup>61</sup>

Os recados a Santa também se acumulam no altar, pequenos bilhetes às vezes

---

<sup>59</sup> SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiro de Vida e da morte*: um estudo do catolicismo popular no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982, p. 23.

<sup>60</sup> Trecho do Hino da Santa Cruz, geralmente cantado no final das celebrações.

<sup>61</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres*: um pouco da sua história. Teresina: s/ed, 1990, p.08

contendo apenas o nome daqueles que querem graças, outras vezes inscrições do pedido desejado, mas tudo escrito como se o segredo confidenciado pudesse ser esquecido, então o melhor é deixar escrito para que a santa “veja”, e então se lembre dos seus romeiros-devotos. Assim, ao ver uma pessoa parada minutos a fio ao lado do livro de registros do Santuário, podemos pensar que a pessoa está com dificuldade de escrever, mas ao questionar o que tanto escreve, a resposta vem em uníssono: “estou deixando o nome dos meus”, não vim a Santa Cruz dos Milagres não significa exatamente não estar lá, pois alguém sempre lembrará os seus na hora de pedir proteção.

Ó Vós, rogai por mim e por toda a minha família, cubra eu, meu filho e toda minha família com seu manto e nos proteja de todos os perigos e ajude-nos a alcançar todos os nossos objetivos.<sup>62</sup>

O bilhete coloca Santa Cruz dos Milagres como guia norteador, não só para a pessoa que pede, mas para toda a família, em uma proteção perpétua que vem pelo “manto” de proteção da santa e que daria à família, além de conquistas materiais, a tranquilidade espiritual, que viria, como pode ser percebido ao observar o bilhete, pelas conquistas materiais, ou seja, mais uma vez podemos notar como o espiritual dialoga com o espiritual na lógica da fé dos devotos de Santa Cruz.

Além dos recados há também os pedidos feitos para os parentes, como os de dona Marli, 73 anos, aposentada e moradora da cidade de Belém, no Estado do Pará, ela age com Santa Cruz dos Milagres como se falasse de uma conhecida, próxima e íntima, apesar de nosso encontro ter acontecido na primeira visita de Dona Marli ao Santuário, a mesma já se sentia “devota” da santa, por ter ouvido falar inúmeras vezes das “maravilhas” que aconteciam pela intervenção da Santa Cruz, a curiosidade e devoção da senhora paraense a fizeram viajar 20 horas de ônibus para contemplar e abraçar a Santa Cruz dos Milagres.

eu vim pela primeira vez, e estou aqui gostando muito, e a doutrina daqui mexeu muito comigo, eu tô muito feliz [ênfase na fala], de tá aqui assistindo a missa, toda [...] desde ontem que nós chegamos, nós já paramos aqui em frente, assistimos a missa das 6 horas, viemos a noite e estamos aqui [...] eu estou me sentindo muito feliz, estou protegida, a Santa Cruz dos Milagres vale a pena a qualquer uma pessoa, qualquer romeiro se destacar de muito longe e chegar até aqui.<sup>63</sup>

Mesmo com a idade avançada, dona Marli deixa bem claro que não há dificuldades para o romeiro, pois “vale a pena a qualquer romeiro”, vir de longe em busca da pequena cruz

---

<sup>62</sup> Bilhete encontrado na Sala dos Milagres.

<sup>63</sup> PEREIRA, Marli. Entrevista Concedida a Patrícia Santos em Setembro de 2011.

piauiense, uma santa que proporcionou à senhora paraense uma sensação de amparo e proteção, uma proximidade que permite inclusive que ela fale da santa como se falasse de uma velha amiga: “Olha, eu tô aqui, mas eu tô confortada, em nome de Jesus e da minha Santa Cruz, porque eu fui agorinha mesmo dá um abraço nela ali [aponta o altar]”.

A narrativa de dona Marli nos lembra dois pontos importantes da história oral, especificamente no que toca a devoção popular, o santo geralmente tem sua devoção ampliada pela divulgação de outros devotos, que tiveram uma graça alcançada e agora perpetuam a conquista do milagre entre seus convivas, no caso da senhora paraense ela soube, pela narrativa de piauienses que sempre a convidavam para conhecer o Santuário e também pedir graças, já que havia ouvido por eles relatos de,

[...] graças alcançadas não só por eles [seus conhecidos] como por muitos [outras pessoas agraciadas com milagres]” também pelo [...] pra mim conhecer de perto, porque sempre a gente vendo falar, o pessoal fica comentando, mas é sempre bom a gente está perto pra conhecer melhor.

Esses relatos de graça que levam ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres novos romeiros, que passam a também compor o grupo de devotos da santa, basta ter um pedido atendido e logo a narrativa do milagre se propaga e a graça individual logo se torna narrativa do grupo, como nos lembra Alessandro Portelli, que “as histórias pessoais [...] têm uma existência autônoma na memória de indivíduos ou de grupos sociais, que as relembram e as transmitem dialogicamente.”<sup>64</sup>

É pela fala dos outros, principalmente dos próximos, que dona Marli se torna romeira, como garante a senhora, a distância não interfere na devoção que se inicia, a narrativa de seus conhecidos levaram dona Marli a se inserir no grupo de romeiros-devotos de Santa Cruz dos Milagres, sendo a transmissão do milagre e a confiança que ela deposita em quem conta um dos fatores que determinam a sua presença no Santuário, assim tomando, como nos lembra Alessandro Portelli, “as narrativas essenciais: revelam as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afeta”<sup>65</sup>, nesse caso afetou tanto a senhora que a fez sair de sua casa em busca de uma graça para o neto.

O pedido de dona Marli era pela “saúde” financeira do neto. Se ela chegou a alcançar a graça que desejava, ainda é uma pergunta sem resposta, pois o encontro se deu na primeira visita da senhora paraense a Santa Cruz dos Milagres, não sabemos se de fato o milagre

<sup>64</sup> PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a Arte multivocal da história oral. In *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19

<sup>65</sup> PORTELLI, Alessandro. O Que faz a História Oral diferente. In *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1997, p.29.

pedido por dona Marli foi conquistado, mas a fé que a senhora depositava na santa e a certeza de que seria atendida nos faz crer que a paz que ela tanto primava para o neto pode de fato ter sido alcançada.

Alguns romeiros, por curiosidade, acabam se inserindo na devoção, restaurando a memória de seus antepassados ou amigos, que falam do Santuário e da romaria, outros são inseridos pelas promessas feitas pelos pais, pela sua cura, ainda na infância, pais e mães que muitas vezes não sabem a quem recorrer para ter a saúde dos filhos e procuram ajuda das divindades, esse reconhecimento do poder dos santos é propagado pela transmissão oral, que amplia o número de devotos da santa.

Dona Maria Nascimento, 51 anos, agricultora, começou sua trajetória de devoção ainda na infância; sua mãe fez uma promessa a Santa Cruz dos Milagres, por conta de erupções na pele, que não saravam, a mãe de Dona Maria em contrição pede à Santa Cruz dos Milagres que intervenha pela cura da filha, depois de curada e adulta dona Maria cumpriu a promessa;

[...] eu vim meu menino tinha 9 meses a primeira vez que eu vim, numa promessa que a minha mãe fez dos meus pé. Eu tinha um problema nos meus pé que era uma coceira com aguiço, aquele aguiço, aquela coceira e era todo tempo ferido, aí ela se apegou a Santa Cruz se eu ficasse boa eu vinha de pé lá do município de Alto Longá pra cá, passamos dois dias e meio de viagem, a pé, aí viemo. Não deu pra eu vim antes de me casar, mas vim com meu menino com nove, meu primeiro menino... com nove mês de nascido. Deixei ele na minha irmã e vim.<sup>66</sup>

O que levou dona Maria nascimento a primeira vez a Santa Cruz dos Milagres foi a promessa da sua mãe, que ao perceber a evolução da doença da filha pede socorro a santa, pelo exemplo da mãe, dona Maria, além de pagar a promessa passa ela também a pedir a intervenção da Santa Cruz na resolução dos seus problemas e sempre que possível vai ao santuário para reiterar sua relação com a santa e também fazer novos pedidos.

Dona Maria passa também para os filhos os ensinamentos de fé que teve na infância e cumpre com desvelo a promessa feita pela saúde de um dos filhos, a senhora, na companhia de dois filhos, vai da porta até o altar de joelho, com olhar fixo para Santa Cruz dos Milagres e um diálogo feito de oração, onde ela restabelece os laços com a santa e agradece mais uma graça concedida, já que segundo dona Maria “graças a Deus sou valida”, o fato de conquistar sempre os milagres pedidos dão, aos olhos da senhora, credibilidade para a Santa.

A experiência que teve dona Maria serve de referência para outras pessoas. É no

---

<sup>66</sup> ANDRADE, Maria do Nascimento Lira. Entrevista Concedida a Patrícia Santos de 2010

fundo sua história de vida, sua narrativa, seus relatos com as fantásticas graças atribuídas a Santa Cruz dos Milagres que serviram de base para os novos devotos. Sua fala é cheia, sempre recheada de detalhes, é como a reprodução do próprio discurso de sua mãe; mas, agora, ela é o sujeito da ação, uma devota agraciada, que perpassa a promessa.

Passamos a fazer parte dessa narrativa quando questionamos nos personagens, os romeiros-devotos de Santa Cruz, pois cada um a seu modo tenta convencer o entrevistador, adentramos a vida desses romeiros que abrem seu diário de milagres e nos narram seus milagres, a conquista do impossível. Verena Alberti diz que há algo de vivo nos relatos e sua própria vida exposta e colocada em um papel;

é da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu- e, por isso dá vida, [...] E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais [...].<sup>67</sup>

As emoções desses devotos são expostas em suas narrativas, alegria, fé, medo, expectativa, tudo envolto no universo da fé, isso também que movimenta a romaria, que faz com que milhares de pessoas visitem o Santuário de Santa Cruz dos milagres anualmente, indivíduos que vão em busca da santa, mas também de diversão, um movimento de gente que tem permanecido durante séculos, e como diz Alberti, nos faz pensar em um contínuo, em um andar que parece não mudar.

Essa peregrinação em direção ao lugar sagrado tornou pequenos vilarejos em cidades, como é o caso de Santa Cruz dos Milagres, a romaria interferiu tanto na vida dos habitantes do povoado que acabou dando origem a uma cidade, que leva inclusive o nome da santa. Essa movimentação em busca do santo, que segundo Kenneth Woodward “transformou cemitérios em santuários, santuários em cidades, e gerou essa robusta forma de aventura e coesão social que é a peregrinação.”<sup>68</sup>

Mas, apesar do caráter especial que possui o espaço “consagrado” ao santo, a cidade se mantém como um lugar de expressão da própria continuidade da vida. É o lugar onde se morre, cresce, estuda e se ama. A cidade é uma mistura entre o secular e o sagrado. Nas palavras de Zeny Rosendhal, “a cidade se revela, não apenas um meio de expressar, em termos concretos, a ampliação do poder sagrado e secular, mas também um meio de expressão

<sup>67</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.14

<sup>68</sup> WOODWARD, Kenneth L. *A Fábrica de Santos*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992, p.18

de todas as dimensões da vida.”<sup>69</sup> A cidade passa a ser quase um resultado da vontade de Deus e as vivências que permeiam esse espaço sujeito no olhar de seus devotos à misericórdia do santo.

São esses devotos que representam como sagrado todo espaço que circunda a santa, não é apenas o templo que constitui um lugar de efusão de poder da divindade, mas todo o espaço circunscrito na Terra de Santa Cruz<sup>70</sup> sendo, como nos lembra Rosendahl, o “lugar sagrado es percibido y vivenciado com emoción y sentimiento por El creyente, que es quien lo diferencia plenamente de los lugares comunes.”<sup>71</sup> Esse lugar que habita o santo é incomum e místico e por mais que tenham todos os problemas que as outras cidades tem, é para o devoto um lugar diferente e especial.

A criação desses espaços sagrados na religiosidade católica também causa “desconforto” a alguns grupos, principalmente Igreja e intelectualidade passam a tratá-los de modo reducionista, seja a igreja ou os intelectuais, percebiam na heterogeneidade dos ritos e até mesmo no comportamento dos devotos de Santa Cruz dos Milagres, ações consideradas antiquadas, “grosseiras”. Esse olhar contraditório também influenciou as formas de se pensar as festas religiosas, em especial as sertanejas, havia aqui nas palavras do folclorista piauiense Noé Mendes, uma “expressão de catolicismo folclórico e de um sincretismo religioso típicos de todo o Brasil”.<sup>72</sup>

A análise de Noé Mendes relaciona as formas ditas religiosas populares como expressões idênticas. Além disso, Mendes as localizava caracterizando-as como manifestações homogêneas do nordeste brasileiro. O folclorista, como produtor do seu tempo e no período em que produziu suas análises acerca das manifestações religiosas do Piauí, as elencou como parte do Folclore, o que acabava por reduzi-las.

Cabe lembrar que os modos de apreensão do sagrado pelo homem do sertão se diferem do homem do litoral, questão que temos discutido ao longo do capítulo, afinal o homem sertanejo têm no seu espaço elementos que acabam fomentando a sua fé. Dione, no seu artigo “Ainda queremos ser... tão? reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí”, diz que na constituição do ser piauiense ainda vem interpelado pelos conceitos que fomentam a própria formação brasileira e sertaneja.

<sup>69</sup> ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. p. 42

<sup>70</sup> Trata-se do território pertencente ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres e assim chamado pelos moradores da cidade.

<sup>71</sup> ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis y procesiones: co sagrado y El espacio. In CARBALLO, Cristina Teresa. (coor.) *Cultura, territórios y prácticas religiosas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009, pp. 48-49.

<sup>72</sup> OLIVEIRA, Noé Mendes. *Folclore Brasileiro Piauí*, notas de atualização de Frederico Mendes. 3. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1999, p.66.

[...] os lugares geográficos ou sociais identificados como sertão em sua trajetória histórica no Brasil – o Piauí não foge à regra – recebem avaliação ora positiva, ora negativa, dependendo do ponto de vista: interior perigoso/ fonte de riqueza; exílio/liberdade e esperança; inferno/paraíso.<sup>73</sup>

Apoiado nessa caracterização dúbia, que muitas vezes tem, o Piauí e sua origem sertaneja, também nos deparamos com a pouca discussão referente a esse lugar geográfico, formado também por mito, lendas e religiosidade, perspectiva que temos defendido, no imbricamento de elementos locais, que mobilizam e direcionam a relação com o sagrado. O sertão sempre entendido como lugar inóspito, é lugar também de elementos únicos, que relacionados formam a cultura de seu povo. É pelo vagar das almas a noite que se reza por elas, pelas visagens campeantes das chapadas que norteavam as narrativas dos vaqueiros e caçadores, assim se o povo se “cria” temente a Deus e com respeito às coisas do “outro mundo”.

O sertão, para Moraes, não é um lugar vazio, como sugeriam os primeiros pesquisadores, mas cheio de vida, e que pela tradição oral repassavam as novas gerações, os mistérios dos povoados e cidades, que no Piauí vêm construídas a partir do fantástico, do diálogo entre natural e sobrenatural.

[...] para o entendimento desses sertões foi fundamental o encontro etnográfico com sertanejos e sertanejas do sudoeste piauiense em seu modo de vida e suas tradições orais que, como a do “fogo do campo” ou “luz do campo”, falam de fortunas acumuladas em segredo e escondidas, pelos antigos, em locais ermos como uma marca da presença humana ancestral nas “chapadas”. São narrativas que, através de representações do além, referem as “chapadas” como terras de donos antigos e, ao mesmo tempo, assinalam esses locais como, de certa maneira, ermos, fins-de-mundo, e com um matiz sobrenatural.<sup>74</sup>

Esse olhar do homem piauiense-sertanejo pode ser um dos motivos dessa percepção reducionista para com sua cultura, o próprio folclorista Noé Mendes tomou, de forma homogênea, as tradições religiosas piauienses ao compará-las às manifestações nordestinas. Apesar desse olhar reducionista, será a partir das pesquisas de Noé Mendes, que as manifestações culturais no Piauí tomaram relevância, ele será o precursor no Estado do Piauí nas pesquisas sobre cultura e religiosidade no Piauí e será a partir de suas análises que os historiadores piauienses vão tomar conhecimento das mesmas.

Apesar dos avanços, boa parte dos folcloristas ainda no século XX tomaram

<sup>73</sup> MORAES, Dione. Ainda queremos ser... tão? reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí. In *Público e Privado*. Nº 7. Janeiro- junho 2006. p. 17.

<sup>74</sup> MORAES. Op.cit. p. 19

emprestado as perspectivas reducionistas dos pesquisadores do século XIX, que tratavam de modo “romanceado” as festas de devoção, ou mesmo a dita cultura popular, pois como nos lembra Carlo Ginzburg;

com muita frequência idéias ou crenças originais são consideradas, por definição, produto das classes superiores, e sua difusão entre as classes subalternas um fato mecânico de escasso ou mesmo de nenhum interesse; como se não bastasse, enfatiza-se presunçosamente a “deteriorização”, a “deformação”, que tais idéias ou crenças sofreram durante o processo de transmissão.<sup>75</sup>

As manifestações religiosas são mutáveis, traços percebidos pelas diferenças que muitos rituais tiveram ao longo do tempo, a própria experiência dos sujeitos modifica o modo de pensar e agir dentro da própria festa, os rituais se modificam junto com as pessoas e, por mais que alguns ritos permaneçam, outros são retirados, “Naturalmente, o ritual permeia a vida social e política, assim como a doméstica”<sup>76</sup>; portanto, se está inserido em nosso cotidiano, pode certamente ser modificado ou readequado.

Sendo assim, devemos compreender as contribuições dos folcloristas para os estudos de cultura e religiosidade, pois são eles os primeiros etnógrafos desses ritos da religiosidade brasileira, alguns, inclusive, descrevem *in loco* parte dos rituais dos quais descrevem, o cuidado que deve ser dada à nomenclatura que boa parte das manifestações religiosas recebe, incluindo-os como parte do folclore.

O culto a Santa Cruz dos Milagres é descrito pelo folclorista Noé Mendes como uma prática do catolicismo folclórico, uma mistura sincrética dos modos de crer do povo piauiense, percebendo que a veneração pela santa é grande em todas as cidades e se faz presente no calendário religioso dos devotos, pois “o povo tem muita “veneração” pelo “Santo Lenho” [...], a festa de Santa Cruz é realmente um acontecimento religioso de grandes proporções, reunindo gente até dos Estados vizinhos.”<sup>77</sup>

A Santa Cruz dos Milagres, que atrai tantos romeiros, é feita de uma madeira amplamente encontrada na região. Tratasse da chapada, uma árvore muito popular e com poderes curativos. Na medicina popular funciona como relaxante estomacal e, foi crendo que a infusão feita de lascas retiradas da Santa Cruz teria um poder curativo, que muitos devotos tiraram pedaços da cruz, crendo que se tomassem um chá feito da própria “santa” poderiam

<sup>75</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.17.

<sup>76</sup> THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 239.

<sup>77</sup> OLIVEIRA, op. cit, p. 68

obter uma cura mais rápida de suas enfermidades.

Imbuídos nessa crença os devotos de Santa Cruz dos Milagres passaram anos a tirar pequenas lascas da cruz, cada um queria um pedaço da relíquia, o que proporcionaria o bem-estar e a cura definitiva de males incuráveis, se o simples toque na Santa Cruz podia proporcionar milagres, imagine se fossem tomadas as infusões feitas das próprias relíquias da cruz, o ato dos devotos deixou na cruz marcas percebidas até hoje.

A Santa Cruz dos Milagres leva em seu “corpo” as cicatrizes da fé, pessoas que acreditam que sua proximidade com a santa pode lhes levar a uma cura rápida, se não se pode levar um patuá da santa, o trajeto é marcado pelas fitinhas com pedidos, deixadas no altar, ou mesmo nas flores e terços, orações que parecem estar estampadas na cruz milagrosa.



Foto 1: Santa Cruz dos Milagres<sup>78</sup>  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

---

<sup>78</sup> As setas na fotografia representam as marcas deixadas pelos romeiros.

Essa necessidade dos devotos em levar uma parte da relíquia de Santa Cruz dos Milagres retoma à Idade Média, quando inúmeras partes da cruz de Cristo foram vendidas como indulgência. Em Santa Cruz os pedaços foram retirados pelos devotos pela necessidade de aproximação, além de acreditarem que serviria de proteção carregar junto a eles as partes da Divina Santa Cruz.

Nos começos [*a santa*] foi bastante atingida pela necessidade de que tem todo romeiro de tocar o objeto de sua devoção e, se possível, levar ao menos uma parcela do mesmo. É como se aquela parte carregasse em si a força divina que está no todo. Por isso foi depois protegida por uma caixa de madeira em forma de cruz, com vidro na parte da frente.<sup>79</sup>

A proteção colocada na cruz não afastou o devoto que tem necessidade de tocá-la. Sérgio Romualdo Brandim, considerado um dos primeiros pesquisadores da romaria a Santa Cruz dos Milagres, lembra que mesmo protegida, o devoto ainda encontra necessidade de senti-la e “se aglomeram em torno para pagar promessas; para rezar por graças; para que possam num toque mágico, mesmo que não seja nela exatamente, usufruir deste poder.”<sup>80</sup>

Essa necessidade que os primeiros devotos tinham dos pedaços da santa também pode ser atribuída ao valor curativo da chapada, vista pela tradição oral como uma árvore que cura os males do estômago. A santa teria o poder curativo e cicatrizante para doenças como gastrite, congestão, úlcera, dentre outras doenças intestinais. Essa crença no poder curativo dessa planta não se perdeu com o tempo, podemos notar ainda na contemporaneidade os devotos que tiram lascas de chapada ao redor do morro de Santa Cruz dos Milagres, essa chapada encontrada nos arredores do Santuário teria um poder curativo maior do que qualquer outra chapada, por se encontrar nas terras da santa.

---

<sup>79</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p. 08

<sup>80</sup> BRANDIM, Sérgio Romualdo Lima. *Romeiro e Fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de Mestrado, p. 91



Foto 2: O “fornecedor” de chapada  
Fonte: acervo fotográfico de Patrícia Santos

Essa crença na cura que pode vir pela intervenção de Santa Cruz dos Milagres leva também ao desejo de ser protegido por ela, anseio que é percebido pelo olhar contemplativo dos devotos ou no desejo de afago, carinho, que se olharmos apuradamente, a santa parece ofertar aos seus devotos, que a admiram e abraçam de modo contrito e levam ao encontro com a santa parte da sua própria história, seus medos e desejos, e são antes de tudo parte da imagem da devoção. Tanto que algumas ações chegam a se repetir com personagens diferentes, mas com ações semelhantes, de beijar, ajoelhar e tocar a santa.



Foto 3: O “abraço” de Santa Cruz dos Milagres  
 Fonte: acervo fotográfico de Patrícia Santos

Ao utilizarmos a imagem fotográfica para esboçar a devoção a Santa Cruz dos Milagres, partimos da própria observação de pesquisa ao notar rituais que se repetem no beijo carinhoso ofertado a santa levamos um “real” preso a um instante e sujeito às manipulações e observações de quem captura essa imagem, dando para Sandra Jatahy Pesavento a capacidade de fazer crer que

[...] a imagem levaria ao seu mais alto grau a capacidade que possui de fazer crer, de conferir verossimilhança à representação por meio da simulação ou da cópia construída a partir do real, chegando ao ponto de ocupar o lugar deste.<sup>81</sup>

Observando a imagem do devoto não questionaríamos o valor real da sua crença na cruz. Ela está presente pelo seu olhar admirado e seu carinho pela divina cruz, o objeto de devoção que se transforma em pessoa e ganha um ar maternal ao proteger seus filhos ela

<sup>81</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asteriscos, 2008. p. 103.

traduz, antes de tudo, uma “experiência do vivido e uma sensibilidade vivenciada por aquele que a produziu”<sup>82</sup>.

Uma devoção feita pelo amor e veneração a Santa Cruz dos Milagres, a madrinha para quem o povo traz recados e deixa lembranças, para quem os olhos se voltam de forma compassiva e até um tanto apaixonada, pois as economias do próximo ano também serão para o retorno ao santuário, os devotos que vão embora se organizam para o retorno à festa, são eles também que contam aos amigos dos milagres da Santa Cruz.

Um milagre inclusive que se perpetua por acontecer cotidianamente, pois todos têm notícias de milagres, eles podem ser de todos os tamanhos e de todas as gravidades da grande a pequena graça, afinal quem tem o problema que sabe o seu tamanho. Portanto, “no imaginário do fiel a definição de milagre é elástica: ele pode ser grande, pequeno, reconhecido por todos ou percebido apenas intimamente.”<sup>83</sup> É pela adoração ao santo de forma contrita e confiante que o devoto conversa com o santo sobre a sua vida, e principalmente fazendo planos para retornar ao santuário no ano seguinte.

---

<sup>82</sup> PESAVENTO. Op.cit. p. 104

<sup>83</sup> ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008. p. 257.



Foto 4: Admiração e devoção  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

A foto acima demonstra a admiração que os devotos de Santa Cruz têm por ela, devotos de várias idades reúnem-se na frente da santa para admirá-la, refletir diante dela, ter uma conversa franca para que ela entenda seu pedido, abraçá-la, confidenciam-se com a “amiga”, que clamará junto às forças superiores em seu socorro, como bem explicitou dona Marli. Além disso, desejam reiterar a confiança que depositam na Divina Santa Cruz dos Milagres, sendo uma ação repetida inúmeras vezes pelo romeiro, numa relação de intimidade respeitosa, pois “o povo reza para a Santa Cruz, manda cartas pedindo graças e conselhos, dá os filhos como afilhados, tratando-a, depois, como madrinha ou comadre”.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p. 08.



Foto 5: Adoração a Santa Cruz  
 Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

A Adoração a Santa Cruz dos Milagres fica clara pela ação da senhora, que ignora a presença e recomendações dos animadores da missa para que a aproximação com a santa seja feita apenas no fim das liturgias, a senhora prostrada aos pés da santa parece absorta às recomendações e começa o seu diálogo com a santa, concentrada e contrita, assim como os outros devotos, que acostumados ao ato parecem ignorar a ação da senhora.

Essa tradição de adoração a cruz remonta aos primeiros anos do cristianismo, e vai conquistar mais adeptos pela figura de Helena, ou Santa Helena, mãe de Constantino, que segundo a lenda teria encontrado a cruz de Cristo. A partir de então, o culto a cruz passa a significar a vitória da fé e de glória do Filho de Deus sobre a morte, os próprios evangelistas tratam de mostrar como a “devoção” a cruz é percebida como loucura, sendo, para eles, a salvação e redenção para aqueles que creem, “a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina.”<sup>85</sup> Essa cruz que salva que os devotos de Santa Cruz dos Milagres procuram, pois acreditam primeiro em Deus, “em

<sup>85</sup> BIBLIA SAGRADA. *I Coríntios*, 1:18. 118. ed. São Paulo: Ave- Maria Ltda., 1998, p. 1466.

segundo ela (Santa Cruz), porque ando confiado nela.”<sup>86</sup>

A fala acima é do jovem Marinaldo Andrade, que aprendeu com a mãe que não há dificuldade ou problema de impossível resolução para Santa Cruz dos Milagres. Ele, apesar de jovem, já teve ao longo da sua vida graças conquistadas, segundo ele, pela intervenção de Santa Cruz, o ajudando mesmo longe de casa a ter força para vencer uma doença, pois a cruz, pelo seu caráter penitencial, permitiria a esses homens e mulheres sertanejos vencer a paixão de cada dia, pois “desempenha certa função encorajante nas dificuldades e impasses. A força para resistir. Para esperar contra toda esperança. Para lutar, não se entregando ao cansaço, ao desânimo, ao desespero”.<sup>87</sup>

Essa cruz simples na aparência e semelhante à maioria de seus romeiros teria um ponto em comum com seus devotos, ter “nascido” em uma terra como a deles. Para Brandim, essa simplicidade na forma da santa reforça a sua relação com seus romeiros, pois “Ela não é um objeto ornamentado de ouro ou pedras preciosas, ela é uma figura simples da natureza, mas ao mesmo tempo revela um poder que faz com que, através dela, o contato com o divino se produza, sendo a própria confirmação do sagrado.”<sup>88</sup>

A Cruz chega ao Brasil na chegada dos portugueses ao território recém-colonizado. Álvares Cabral, como símbolo da conquista brasileira, trata logo de fixá-la no solo conquistado. Segundo Frei Vicente de Salvador, “era 3 de maio, quando se celebra a invenção da Santa Cruz, em nome de cristo que morreu por nós”, mas a cruz, além do caráter penitencial, serve ainda para expulsar o demônio, que “perdeu todo o domínio que tinha sob os homens”.<sup>89</sup> A cruz que teria guiado os portugueses nas suas conquistas, esses homens que inspirados pelo espírito cruzadista avançaram além-mar, como nos lembra Ronaldo Vaifas;

Cruzados, cruz: vera cruz. O sentido religioso da expansão ultramarina, empenhado, como na cruzada em alargar o território dos fiéis ao Cristo, se transmutaria depois idéia de missão, ora empenhada na salvação das almas. Almas d’além-mar, mais que territórios da cristandade, eis o que passou a preencher o sentido religioso da colonização.<sup>90</sup>

Frei Vicente lembra que a cruz, como símbolo de evangelização, afasta satanáas, serve

<sup>86</sup> ANDRADE, Marinaldo. Entrevista Concedida a Patrícia Santos em Fevereiro de 2010.

<sup>87</sup> COSTA E SILVA, Op. Cit. 1982, p. 60

<sup>88</sup> BRANDIM, Sérgio Romualdo Lima. *Romeiro e Fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de Mestrado.

<sup>89</sup> SALVADOR, Frei Vicente do. *Histórias do Brasil*. Apud, SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

<sup>90</sup> VAIFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000, p. 8.

de guia espiritual aos homens e mulheres, os orienta quando se encontram distantes do caminho, funciona também para demonstrar a presença da fé cristã e Católica no solo recém-encontrado, demarcador e consagrando o espaço, como nos lembra Mircea Eliade,

[...] a ereção da Cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo, a um 'novo nascimento'. Porque, pelo Cristo, 'passaram as coisas velhas, eis que tudo se fez novo' (II Coríntios, 5:17). A terra recentemente descoberta era 'renovada', 'recriada' pela Cruz.<sup>91</sup>

A ação de cultuar a cruz é secular, como nos lembra Frei Vicente foi ao dia 03 de maio que a cruz foi fixada em solo brasileiro, sendo que nesse dia se celebra a “invenção da Santa Cruz”, que também é comemorado no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, diferente da Festa de Exaltação a Santa Cruz, a Festa da Invenção, que ocorre em maio, tem um caráter penitencial mais forte, momento em que a paixão e o sofrimento de Cristo figura no centro da manifestação religiosa.

É uma festa com características mais religiosas, diferente da festa de setembro, quando o movimento religioso, bastante movimentado em batizados e casamentos, fica comprometido em sua parte pastoral pela enorme afluência de gente, comércio, diversão, etc [...] A crise financeira provocada pela maior seca fez aumentar a movimentação social. Quanto à Igreja, foi a mesma afluência de sempre, marcada ainda por melhor participação.<sup>92</sup>

Poderíamos inferir que a Santa Cruz piauiense é uma santa eclética, o que corrobora com a relação quase pessoal que os devotos mantêm com ela, ao passo que tem uma festa de caráter penitencial e muito mais voltada à oração, a santa possui outra festa, onde a diversão, o comércio, entre outras coisas acontecem. É possível perceber que agrada ao Padre Davi essa festa mais voltada à oração, apesar de considerar todas com igual importância. “Embora de origem popular, essa devoção e esse exercício seguem bem de perto a linha de espiritualidade do povo cristão, sobretudo entre nós, no século passado.”<sup>93</sup>

Será ele um dos fomentadores da romaria a Santa Cruz dos Milagres, pois ao ser colocado no comando da Paróquia de São Felix de Cantalice, assume também a responsabilidade sobre a pequena capela de Santa Cruz, a princípio seu olhar para com as manifestações que ocorrem no santuário serão de estranheza, mas diante da grande devoção do povo e do aumento significativo no número de romeiro, passará a olhar com mais cautela o

<sup>91</sup> ELIADE, Mircea. *Sagrado e Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 35

<sup>92</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984), p. 178

<sup>93</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p. 25

modo de apreensão do sagrado feito pelos devotos de Santa Cruz.

[...] sempre respeitei escrupulosamente as manifestações religiosas desse povo, buscando mesmo, no possível, criar melhores condições na organização pastoral, como na própria estrutura física do Santuário. O que acontece ali são manifestações de fé simples, primárias e até estranhas. Valorizei-as pelas suas intenções.<sup>94</sup>

Isso que torna o culto a Santa Cruz dos Milagres diferente, pois a santa aceita seus devotos em qualquer ocasião, seja na festa ou em oração, relaciona-se com eles sem distinção, mesmo que eles estejam celebrando a vida aos pés do morro, tomando cerveja e dançando a noite toda, ainda assim permanecem fiéis e devotos, pois no dia seguinte, cientes de sua obrigação, comparecem novamente à igreja, para abraçar e celebrar junto a santa.

Tomamos a observação do Santuário de Santa Cruz dos Milagres a contra pelo, assim com Carlo Ginzburg no “andarilhos do bem”, também temos a fala dos “poderes”, ou seja, uma “narrativa filtrada, sem véus, não confiadas – como muitas vezes ocorre – a testemunhos fragmentários e indiretos, filtrados por uma mentalidade diversa e inevitavelmente deformante”.<sup>95</sup> No caso pesquisado, temos o Livro do Tombo, aqui é o olhar da Igreja Católica para as manifestações que não estavam em seu domínio, e que convencionalmente se denominou de Catolicismo Popular.

O que vale lembrar é que o posicionamento do padre permitirá, além de uma aproximação da igreja e dos romeiros, um aumento significativo no número de visitantes do Santuário, será o respeito às “manifestações espontâneas de fé”, que Davi Mendes tentará inserir as premissas da Igreja Católica no seio da romaria, a terceira Festa do Santuário, o Encontro dos Santos, que ocorre em outubro, pode ser considerada o momento em que de fato o padre interfere na romaria; mas, esse assunto será foco do próximo capítulo.

Uma religiosidade mesclada a muitos elementos, que torna os ritos do povo um rico emaranhado cultural, isso refletido especialmente no modo como essas pessoas experimentam o sagrado, incluindo elementos das suas relações sociais e até mesmo da sua atuação em outras religiões no seu culto aos santos, além disso, essas características refletem o modo como nossa sociedade expressa sua fé católica, que para Vera Irene Jurkevics, “a sociedade latino-americana, de forma mais abrangente, e a brasileira, de forma mais específica, por todas as influências que sofreram, se configuram como católicas, mas repletas de

---

<sup>94</sup> OLIVEIRA, op. Cit. p. 03

<sup>95</sup> GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 07.

componentes desclericalizados, espontâneos e marcadamente emocionais.”<sup>96</sup>

Não importa que tipo de interferência a igreja ou seus dirigentes imponham ao devoto, eles sempre buscam modos de recriar seu rito, próximo dos vivenciados pela sua comunidade, que geralmente é diferente do proposto pela instituição. Portanto, em um círculo constante de mudança e readaptação, recria uma forma própria de conversar e homenagear o santo, seja nas cartas que lotam o altar e vêm sempre carregadas de súplicas e desabafos, nos ex-votos que materializam o milagre e trazem o agradecimento pela graça alcançada, ou ainda nas festas ao santo, onde se bebe e dança em honra e glória do santo.

São devotos que burlam as regras impostas pela Igreja, desafiam a instituição ao proclamar sua própria fé, criando nesse universo da devoção suas táticas de apreensão e aproximação com o sagrado, como nos lembra Michel de Certeau,, “táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este”<sup>97</sup>. Momento em que esses romeiros-devotos ritualizam os ritos e cosem sua própria fé.

Nessa heterogeneidade, cada devoto experimenta o mundo de uma forma, mas as semelhanças os mantêm próximos, e os constituem como grupo, mas essa organização não isola sua individualidade, sua experiência se soma e dá origem aos ritos de fé, movimentos que em certa medida imitam os da Igreja, mas que carregam seu próprio tom. Como nos lembra Thompson, “nem todos os ritos são tão sinceros. Os peregrinos são por vezes críticos e impertinentes. Mas como em algum lugar de seus corações, ainda querem adorar o Absoluto, não repudiam, mas apenas procuram corrigir os ritos”<sup>98</sup>.

Reatualizam para o seu tempo e espaço, dando à devoção o seu próprio tom, a religião permite inclusive que observemos os homens no seu tempo, principalmente se pensarmos como essa religião interferiu em suas vidas, como homens ao longo de sua evolução trataram a fé, sendo que a partir do século XVII, a realidade natural foi substituída pela científica, ou seja, “os tratados espirituais se organizam, então, segundo os "estados de vida", quer dizer, segundo um modelo social e classificações profissionais, e não mais segundo as determinações próprias da Igreja (clérigos-leigos, regulares-seculares, paróquias, missões, etc.)”<sup>99</sup>.

Nesse universo dissociado, mas não apartado da instituição e de suas determinações,

---

<sup>96</sup> JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. UFPR: Curitiba, 2004. (tese de doutorado), p. 92

<sup>97</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 32

<sup>98</sup> THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. In *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 184.

<sup>99</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 125

que nasce o culto a Santa Cruz dos Milagres, em cima do morro; e a princípio, em uma pobre capela de palha. É antes pela quantidade de pessoas que atrai que se torna pauta na Igreja Católica piauiense. A Santa Cruz dos Milagres que aqui esboçaremos é diferente da vivida pela Igreja Católica, pois para seu devoto ela existe para além do símbolo, seria antes “uma pessoa”, capaz de se apiedar e sentir as necessidades de seus devotos.

Por isso recriam sua maneira própria de crer, sua forma de vivenciar a divindade, com ela conversam como amigos, ofertam-lhe presentes e fazem pedidos. É comum, ao percorrer o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, encontrarmos fiéis ao lado da Santa lhe confidenciando algo, pedindo-lhe a bênção como a um parente, contando-lhe o que se passou no ano e como ficaram os outros, que “esse ano não puderam vim ver a senhora”.

Esses devotos acreditam que a santa os escuta, creditam a ela fé e confiança, dão credibilidade aos relatos dos que foram atendidos com uma graça e esperam esperançosos e temerosos, que seu pedido um dia possa ser atendido. Povo que crer não porque a Igreja os impôs, creem porque se sentem atraídos e tocados, por algo que lhes é semelhante, sendo sua fé tão verdadeira quanto a aclamada dos púlpitos. “Aqui a crença é entendida não como objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la, considerando-a verdadeira.”<sup>100</sup>

Ao tratarmos da fé do povo, aquela que nasce antes de tudo da crença no extraordinário; levamos em conta a vivência dos sujeitos com o santo, sua experiência, suas motivações; não nos restringindo aos motivos da crença, fomos além da fé, vasculhamos de certo modo sua vida, investigando quem lhes contou sobre a santa, que graças buscam e que outros santos compõem seu “rosário” de proteção.

A devoção ao santo seria, portanto, o resultado das experiências dos devotos, que praticam a romaria, que experimentam a devoção. A crença no santo se faz cotidianamente, pois, “um santo, na tradição cristã, é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional por outros cristãos”,<sup>101</sup> a partir desse conhecimento a crença passa a ser alimentada pelo hábito e pelas histórias da família, alcançando outras gerações, fomentada especialmente pela conquista do milagre, que na verdade é o que legitima o poder do santo.

Para o devoto, festejar também é um ato legítimo de fé, nesse momento de sociabilidade eles demonstram sua alegria por poder celebrar os poderes miraculosos do santo. A fé não está massificada dentro das orações, ela é viva e difusa, e se espalha na alegria dos festejos, na dança dos romeiros que comemoram a conquista da graça, e que logo após as

---

<sup>100</sup> CERTEAU. Op.cit. p. 278.

<sup>101</sup> WOODWARD, Kenneth L. *A Fábrica de Santos*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 50

comemorações se organizam para voltar a seus afazeres.

Os dias do devoto são preparados para o retorno à casa da santa, alguns têm o desejo de morar sob a guarda da santa. “Se eu pudesse eu morava aqui, as condições é que não têm de morar aqui, mas se eu tivesse serviço, terra e casa morava aqui, se eu pudesse morava aqui...”<sup>102</sup>,o lugar onde se sentem protegidos, uma proteção que não vem apenas pela saúde, mas pela possibilidade de outras conquistas pessoais, carro, moto, casa, ou simplesmente um cuidado que viria pela ida à Terra de Santa Cruz.

Podemos considerar a heterogeneidade dos ritos existentes em Santa Cruz dos Milagres como um dos elementos de interesse dos pesquisadores, seja ela notada como manifestação folclórica, ou como movimento religioso, com valor social para seus devotos. As pesquisadoras Verônica Ribeiro e Maria Cecília Nunes no livro “Piauí: Formação - Desenvolvimento – Perspectiva”, propõem abordar as manifestações religiosas dentro do contexto das manifestações folclóricas, ou seja, a partir de um mesmo lugar, que talvez soe problemático ao relacioná-la com o folclore.

[...] a proposta de eleger manifestações folclóricas que expressam de maneira viva a afirmativa de que as práticas religiosas, a fé no sagrado, assumem um lugar legítimo no imaginário social do povo piauiense, retratando na sua cotidianidade pela crença em milagres, rezas, benzeduras, mezinhas, almas santas benditas, novenas, procissões e outros.<sup>103</sup>

Esbarramos em um problema ao retratar as manifestações religiosas apenas como elementos culturais, a sua relação com a história, a sua construção tanto no imaginário quanto no cotidiano do povo, que não é aleatória, não surge e se solidifica. Como qualquer movimento humano passa por transformações, permanências e rupturas ao longo do tempo, como lembra Edilece Couto, que quando as festas religiosas passam a ser objeto de estudo dos folcloristas, muitas estavam em decadência,

Provavelmente isso contribuiu para o desejo de “restaurar”, reviver festividades há muito tempo desaparecidas. Elas são consideradas como manifestações folclóricas que devem ser preservadas. E na tentativa de preservar o tradicional, retira-se o contexto histórico em que foram e são produzidas.<sup>104</sup>

O próprio objeto de análise, a romaria a Santa Cruz dos Milagres, esteve envolto

<sup>102</sup> ANDRADE, Marinaldo. Entrevista Concedida a Patrícia Santos em Fevereiro de 2010.

<sup>103</sup>RIBEIRO, Verônica Maria Pereira; NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Manifestações Folclóricas. In SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 347

<sup>104</sup>COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004, p. 42

nesse lugar do fantástico, entre o que se convencionou chamar de credence popular, fruto do imaginário do povo, restringindo o culto, como se fosse algo inerente e exclusivo do homem do campo, de pobres e iletrados, que dariam a esse extraordinário, forma e representatividade.

Outros fatos pitorescos, extraordinários, povoam aqueles lugares tornados sagrados pela credence e imaginação do povo simples do sertão. O certo é que o surgimento de Santa Cruz dos Milagres como centro de romaria se deu de maneira espontânea. Nasceu do próprio caráter místico do nosso povo, sempre relegado ao mais completo abandono, em todos os níveis. Não houve manipulação de outros interesses, mas a criação de um subterfúgio em meio a tanto desamparo e contingências.<sup>105</sup>

Se observarmos a partir da tradição oral, que primeiro espalhou a notícia do milagre de Santa Cruz dos Milagres, concordaríamos com a assertiva das pesquisadoras, que o consideram como um movimento espontâneo, mas até mesmo a devoção a um santo não deve ser notada como fruto da ingenuidade dos seus devotos, é antes de tudo um modo de conquista, se o Estado ou a Igreja não chegam a esses homens e mulheres, os mesmos procuram alternativas para resolução de seus problemas, mesmo que seja pelos meios “menos compreensivos”, ou seja, pela fé.

A pesquisa nos revela que em Santa Cruz dos Milagres a diversidade social também compõe o quadro de devotos da santa; ela, inclusive, torna-se parte da tradição religiosa do Piauí, inserindo-se no cotidiano dos mais variados grupos sociais. É certo que não devemos descartar a assertiva que define os grupos populares como os primeiros a cultuarem a Santa Cruz dos Milagres, mas restringi-lo a esse grupo é desprezar a diversidade da romaria. Mesmo porque, será pela intervenção de outros grupos sociais no culto que o povo procura maneiras de manter viva a sua tradição.

Além do mais, tomamos a análise do ponto de vista histórico, sujeito a transformações e permanência, e principalmente sujeito a interferência de outros elementos que enriqueceram a festa de devoção a Santa Cruz dos Milagres. Notamos que esses elementos, como o mercado que se forma aos pés da escada que dá acesso ao santuário ou mesmo às festas profanas, podem ser percebidos como heterogêneos que se harmonizam, precisando um do outro para sobreviver.

É necessário não excluir nem reduzir as tensões que surgem em volta do santo, tanto no comportamento mais podado e tolhido dos fiéis mais elitizados, assim como as manifestações apaixonadas dos devotos, que sobem as escadarias de Santa Cruz. Devemos considerar todos os caminhos abertos na análise de devoção ao santo, quanto a Santa Cruz dos

---

<sup>105</sup> RIBEIRO; NUNES. Op. Cit, p. 358.

Milagres é pela diversidade das suas festas que enriquece essa manifestação de fé do homem piauiense.

## Capítulo II

### O ERUDITO E O POPULAR NA HORA DE REZAR: TENSÕES NA FESTA DE EXALTAÇÃO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES

A devoção do povo se constitui cotidianamente na luta diária, nas alegrias e tristezas, e representa o modo como cada fiel reconhece a Deus, ou mesmo como se relaciona com as outras representações do sagrado. Portanto, pensar essa religiosidade exige discutir o posicionamento da Igreja Católica frente às práticas religiosas populares, assim como o posicionamento do próprio devoto frente a suas devoções, que em muitos casos não compartilham do mesmo espaço sagrado ocupado pelos santos canônicos.

Os “santos do povo” estão presentes em seu cotidiano e fazem parte de suas vidas como um “parente”, são tão próximos que não necessitam da aprovação ou intervenção da igreja para serem cultuados, o que não significa que seus devotos não desejem o reconhecimento da instituição, e a própria Igreja, pelo relato dos fiéis, dava ao santo credibilidade, considerando-o digno para a canonização, sendo lembrado seus feitos e sua vida, como nos lembra Kenneth Woodward.

Os santos eram identificados como santos (1) por sua reputação entre o povo; (2) pelas histórias e lendas que faziam de suas vidas um exemplo de virtudes heróicas; e (3) por sua fama de operar milagres, principalmente em seus santuários ou através de suas relíquias, postumamente. Embora nem todas as histórias fossem aceitas sem discussão, só vários séculos depois a Igreja insistiria em que esses elementos fossem verificados por uma investigação da vida e da morte dos santos. No intervalo, os santos continuaram a ser objeto de culto e não inquérito. Bastava para a santidade que o defunto fosse lembrado, venerado, e – acima de tudo – invocado.<sup>1</sup>

Portanto, a devoção do povo se torna também elemento de fé da Igreja, pois o santo, ao habitar o espaço eclesial, torna-se também elemento do culto e seu exemplo servirá de guia norteador aos seus seguidores. Uma devoção, que discutimos, constitui-se pela prática, pela vivência dos devotos como o santo no seu cotidiano, uma relação que depende das experiências que tiveram com ele. O Santo vem substituir o Deus vingativo, pois intervém

---

<sup>1</sup> WOODWARD. Kenneth. *A Fábrica de Santos*. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 62

junto a ele pelos seus fiéis; de modo zeloso e paternal ele reconhece os problemas dos devotos e “luta” para atendê-los, seja na doença seja no trabalho. O Deus implacável é substituído, assim, pelos santos, devotos que constituem suas “regras”, criando um modo próprio de ser cristão e, principalmente, ser católico.

Nosso objeto de “devoção” não é um homem ou mulher, é antes um objeto, uma representação do sagrado, mas que se personifica no sertão piauiense, tomando as formas da madrinha protetora que dá aos seus devotos chuva, trabalho e saúde. Uma cruz de madeira, a Santa Cruz dos Milagres, que atrai fiéis peregrinos, alguns que pelo sofrimento expiam seus pecados, outros que pela curiosidade a visitam e se tornam devotos, compadres, afilhados, amigos dessa santa sertaneja.

O culto a Santa Cruz dos Milagres tem início em meados do século XIX. Apesar da imprecisão na data, a tradição oral dá conta do culto por volta dos anos de 1880, período inclusive de atuação, segundo o padre Davi Mendes, do Cônego Acylyno Baptista Portella Ferreira, que teria sido o responsável pela substituição da capela de palha por uma “nova capela, construída de pedra, no alto do morro de Santa Cruz, perto do famoso Olho d’Água denominado “dos milagres”, pelo povo que acredita encontrar em suas águas, remédio pronto para todas as doenças ”<sup>2</sup>.

Essa primeira ação do Cônego Acylyno Batista constitui, não em uma intervenção de fato da Igreja Católica piauiense, mas constitui uma maneira de abrigar a santa de devoção do povo, não constituindo necessariamente em intervenção direta da Igreja no culto, tanto que ao longo dos primeiros anos do século XX pouco é relatado sobre o culto a santa, constituindo-se de uma preocupação menor para a ortodoxia católica piauiense.

Ao notar o grande fluxo de pessoas que seguiam em direção à pequena capela de palha, a Igreja Católica piauiense interfere, substituindo o rude templo por um de alvenaria. Essa ação de construção da capela marcaria a entrada da Igreja Católica do Piauí no culto a Santa Cruz dos Milagres e sua inserção na devoção a Santa; essa intervenção acontece no ano de 1929, período em que a pequena capela será substituída por um templo com linhas mais amplas; antes, como bem lembra o padre Davi Mendes na abertura do livro do tomo, a atuação dos devotos se fazia sem a mediação da igreja.

Desde logo começou o povo a sentir o efeito prodigioso daqueles sinais e acontecimentos em “curas” milagrosas e graças extraordinárias. Fez-se de logo uma capelinha de palha sobre a “Santa Cruz”, depois uma bem maior

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p. 11

de construção bem grosseira. Em visita pastoral, Dom Severino Vieira de Melo encomendou a construção de uma nova igreja.<sup>3</sup>

A procura pela milagrosa Cruz piauiense aumentava com os anos, de tal forma que padre Davi percebe a igreja como pequena, para abrigar o grande número de pessoas que para ali vão a procura de milagre, um templo simples e um tanto rústico. Um lugar tão simples e ao mesmo tempo muito concorrido, por pessoas vindas de várias regiões do nordeste, especialmente de Estados vizinhos ao Piauí.

[A Igreja possui] uma construção sólida quanto aos baldrames e paredes, com um bom tecto. Mas já se manifesta pequena para o movimento atual e há uma constante reclamação de todos pelo mau estado de conservação e pobreza de um templo, visitado por tanta gente.<sup>4</sup>

Apesar da rusticidade descrita por padre Davi, não há para o devoto impedimento quanto à qualidade do seu templo de devoção, tanto que o culto a Cruz piauiense se inicia pela ação do povo, que “recria” sua divindade e credita a ela o poder de realizar milagres, são eles, os devotos, os maiores propagadores do milagre, e expõem em suas conversas as graças alcançadas pela intervenção da Santa Cruz. Ao agir no culto a Santa Cruz dos Milagres a Igreja Católica traz para dentro dos limites da romaria toda uma “agência religiosa ideológica institucionalizada”<sup>5</sup>, que tem por objetivo readequar a romaria.

Essa institucionalização da devoção remonta ao final do século XIX, período segundo Riolando Azzi, de reforma da Teologia Católica, momento de reeducar o povo para práticas mais direcionadas aos sacramentos e a vivência casta que denotaria as características de um bom cristão, essa ação mais efetiva junto aos cultos populares será efetivada pelo trabalho dos bispos reformadores, entre os anos de 1840 a 1920, e tinha como uma das metas instruírem o povo na verdadeira fé.

[...] a reforma do povo, mudando sua fé tipicamente devocional numa expressão religiosa mais sacramental e sustentada pelo arcabouço doutrinário do catecismo. Segundo os bispos, em matéria religiosa o povo era ignorante, supersticioso e fanático. Era necessário, pois, instruí-los nas verdades da fé e trazê-los à verdadeira prática religiosa, através dos sacramentos da confissão e da comunhão.<sup>6</sup>

Parte dessa orientação doutrinária ainda permanecerá no Piauí pelo menos até

<sup>3</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984). p. 10

<sup>4</sup> SÃO FELIX. Op. cit. p. 11

<sup>5</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 14

<sup>6</sup> AZZI, Riolando. A Teologia no Brasil. Considerações Históricas. In DUSSEL, Enrique (et al.). *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 30

meados da década de 1960, quando as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín passarão a fazer parte da ortodoxia católica Piauiense. Essas reformas mudaram a postura do clero com as práticas devocionais do Estado, principalmente em cultos como o de Santa Cruz dos Milagres.

O primeiro milagre de Santa Cruz dos Milagres, atribuído à filha de um vaqueiro, toma grandes proporções e corre o sertão, principalmente entre os mais pobres, que veem na ação protetora da santa um modo de ter seus pedidos realizados, ali pela proteção da santa tudo parece possível, como a cura que brota das águas do milagre ao pé do morro, como nos apelos silenciosos dos devotos a Santa Cruz dos Milagres.

Pedirem milagre e intervenção não faz dos romeiros-devotos pessoas ingênuas, a falta do Estado e muitas vezes as próprias adversidades do clima os direciona ao sagrado, que de certo modo parece mais próximo e mais presente do que as forças humanas, pois pelo ouvir contar, descobrem o santo e o inserem no seu cotidiano, “apropriando-se” das liturgias da Igreja, e “recriando-as segundo suas próprias experiências em todos os setores de trocas sociais”<sup>7</sup>, ou seja, o santo não age apenas pela cura, mas também nas forças naturais, proporcionando a chuva, ou mesmo bens materiais, permitindo o desejado emprego.

Nesse “mundo” da devoção popular o santo adquire uma lógica diferente do pensado pela instituição. Um assassino, ladrão, prostituta ou mendigo podem vir a compor o plantel de santos; na religiosidade popular a glória se alcança pelo sofrimento, mesmo que esses, agora santos, tenham tido uma vida “desregrada”, os mesmos tiveram os pecados expiados pelas dores causadas no leito de morte.

Mas, apesar de queridos pelos fiéis, esses santos nada exemplares foram combatidos com força pela Igreja Católica no final do século XIX e início do século XX, assim como as demonstrações acaloradas de fé desses devotos, além da mistura entre sagrado e profano, que tornava as festas religiosas em festas do mundo, desvirtuando, ao olhar dos ministros da fé, o real significado dessa fé.

Em Santa Cruz dos Milagres a atitude da Igreja do Piauí não será de “modificar” o modo como se cultua a santa, mas de reeducar, ação que será efetuada no decorrer dos anos e de modo intenso, teremos ali um dito culto com moldes “tradicionais”, onde a promessa ao santo ainda constitui a base da devoção religiosa, feita não só por trabalhadores rurais e operários, mas por grupos heterogêneos, formados por diferentes classes sociais.

No século XIX essa prática religiosa comum ao sertão nordestino intrigava os

---

<sup>7</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.17

missionários que para cá eram enviados, tanto que ao entrar no território brasileiro passam a intervir nas práticas de devoção do povo, o objetivo é impor regras e limites aos cultos festivos, mas como nos lembra José Beozzo, ao invés de agregar os fiéis à igreja, essa ação só agravará a distância que há entre o catolicismo institucional e o do povo, essa devoção regrada a ações apaixonadas dos devotos junto à devoção festiva e alegre escandalizava os ministros da fé,

tal comportamento religioso irá escandalizar os missionários estrangeiros que vão agir sobre esse catolicismo em crise, aumentando ainda mais a distância entre os dois catolicismos, o da vida e o da teologia. Era ver-se, ainda em tempos recentes, a mistura de veneração e medo com que eram tratados os “santos missionários” por este povo herdeiro de uma religiosidade mais de devoções do que de preceitos.<sup>8</sup>

Uma religiosidade feita da experiência, que o próprio devoto tinha com o santo do relacionamento feito pela sua vivência cotidiana. A experiência mantém o devoto, e é pela “constância” do milagre que novos devotos surgem e os antigos são mantidos, e pelo seguimento de regras mantidas no ritual que o santo permanece em seu lugar cativo, se a história do milagre cessar, “morre” o santo.

A devoção ao santo passa a atrair inúmeros romeiros e conseqüentemente transforma em festa cada prova de milagre, levando cada vez mais gente a procurar o santo de devoção, transformando capelas, igrejas, cemitérios em lugar de culto. Por essa relação com os santos, os devotos constroem um caminho mais “simples”, porém também prático de inserção ao sagrado, sem necessariamente precisarem recorrer aos ritos da igreja, a devoção aos santos é, portanto, “um instrumento mais fácil e mais sensível de garantia de salvação”<sup>9</sup>.

É pela manutenção da tradição e pelo afastamento progressivo de fiéis que em meados do Século XX a Igreja Católica se vê ameaçada; pois seu posicionamento restritivo a afastava de seus fiéis, muitos aderiam a outras religiões, ou vivenciavam, sozinhos, sua própria prática religiosa, em um universo cercado por divindades e objetos de valor devocional inestimável para esses homens e mulheres crentes, que acreditavam nos milagres de suas divindades e que não pareciam muito interessados em escutar as proibições ou restrições vindas da Santa Sé.

Diante desse quadro, em 1962 tem início o Concílio Vaticano II, que tentava mudar o posicionamento, dos ministros da fé e da Igreja Católica diante dos seus fiéis, além de buscar

---

<sup>8</sup> BEOZZO, José Oscar (org.). História da Igreja no Brasil: a igreja no Brasil no século XIX. Tomo II. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 17

<sup>9</sup> AZZI. Op.cit. p. 25

se adequar às práticas religiosas ocorridas na América Latina, e as vivências religiosas desse povo, que mantinham uma religião heterogênea, formada por elementos da sua tradição e divindades que habitavam seu cotidiano.

A linguagem da igreja nesse momento deveria ser outra. Ao invés da intolerância ou medidas restritivas, a solução para sua decrescente atuação era se adequando ao seu povo, como modo de permanecer próxima dos fiéis. Para Solange Ramos, “não seria a doutrina que deveria ser adaptada, mas sua apresentação”<sup>10</sup>. O modo como o evangelho e os ensinamentos da Igreja Católica iam ser repassados aos fiéis.

A andança da Igreja Católica agora não era apenas para marcar território, mas também para manter e trazer de volta seu rebanho. Cabia mudar o olhar julgador por uma atitude misericordiosa e compassiva com seus fiéis, servindo-se inclusive do intermédio dos seus santos, no intuito de entender a fé de seus fiéis.

Ação que será intensificada pela II Conferência Geral do Episcopado latino-americano, Conferência de Medellín, realizada em 24 de Outubro de 1968. Essa etapa marcaria, segundo o Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), um período de “profunda renovação espiritual, por generosa caridade pastoral e por uma autêntica sensibilidade social”<sup>11</sup>. Deteremos-nos às mudanças pastorais da Igreja piauiense neste período, inserindo o Estado do Piauí nas discussões acerca das mudanças pastorais desse período da história da igreja Latino-americana.

Para exemplificar esse novo modelo proposto pelo Concílio Vaticano II, utilizaremos a Igreja Católica Piauiense e as transformações pela qual passou após essas recomendações, localizaremos, em especial, o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, inserindo nosso objeto nas transformações propostas pelo Concílio Vaticano II e discutidas na Conferência de Medellín.

Além disso, cabe lembrar que a chegada de Padre Davi Mendes de Oliveira a Santa Cruz dos Milagres se dá justamente no ano da Conferência de Medellín, ou seja, o ano de 1968, ainda imbuído dos preceitos da própria romanização e do Concílio Vaticano I. Padre Davi Mendes não aceitará prontamente as manifestações de fé dos romeiros, mas sem tanto poder para intervir, usará medidas “educativas” para coibir os excessos; além, inclusive, de tentar demonstrar o quanto perniciosas essas práticas eram para o verdadeiro culto religioso.

---

<sup>10</sup> ANDRADE, Solange Ramos. A tolerância como estratégia da Igreja Católica Frente à religiosidade. In MANOEL, Ivan A.; ANDRADE, Solange Ramos (orgs.). *Tolerância e Intolerância nas Manifestações religiosas*. São Paulo: FAPESP; Unesp. 2010, p. 144.

<sup>11</sup> CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 06

Portanto, esse capítulo tem como objetivo discutir a atuação de padre Davi Mendes no que ele define como verdadeira romaria, além de colocar em cheque as recomendações do Concílio Vaticano II nas manifestações religiosas piauienses, inserindo-se no contexto da tolerância e convivência “pacífica” entre as práticas institucionais e as devoções do povo, lembrando que tolerar não significa aceitar. O próprio Concílio pretendia, pelas ações menos enérgicas, evangelizar seus fiéis. Discutiremos a participação dos vaqueiros como elementos do ritual de devoção a Santa Cruz dos Milagres, observando o momento em que deixam de ser mocinhos e passam a figurar como “vilões”, pela ótica do Padre Davi Mendes.

## 2.1 As recomendações do Concílio Vaticano II nas festas religiosas piauienses

A historiografia atual tem buscado perceber como as festas religiosas foram tratadas e como são vivenciadas no tempo. Atualmente caminham para um aprofundamento, onde a festa não é apenas vista como momento de suspensão do cotidiano, mas também como um campo de tensão entre as instituições religiosas e os indivíduos que experimentam e fomentam a festa.

A festa que aqui tomamos com suas mutações ao longo do seu percurso, é um lugar, como nos lembra Maria Clementina, na apresentação do Livro “*Carnavais e Outras F(r)estas*”, onde somos capazes de “captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, têm sempre um gosto único e inconfundível.<sup>12</sup>”

Sabor que se perde, que podem ser considerados de ordem ou desordem na festa, basta direcionar o olhar e trabalhamos em muitos momentos com o que é considerado como ato de desordem, jogos, bebidas e prostituição e com os ritos de ordem casamento, confissões rituais, que depois de passarem pelo crivo da ortodoxia católica ganham ares de sagrado.

Percebemos nas festas religiosas desde práticas coercitivas e reguladoras a alternativas de convivência entre a Igreja e os devotos, mas o que pode parecer pacífico e ordeiro vem, na maioria das vezes, camuflado por tentativas de controle e coerção dessas práticas devocionais, conviver não significa aceitar, pode ser antes percebido como um modo de manter os devotos tanto fiéis aos santos quanto a Igreja Católica.

Essa religiosidade presente na comunidade e com ação direta do povo fez surgir alguns conceitos presentes na historiografia atual, o que seria erudito e popular, ou mesmo o

---

<sup>12</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e Outras F(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campina- SP: UNICAMP, CECULT, 2002. p. 12

que seria Catolicismo popular e erudito. Pedro Oliveira, ao escrever na década de 1980 sobre a religião Católica no Brasil, diz que a religião “popular”,

o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas que independem da mediação de agentes institucionais [...] contrapõe-se à produção religiosa de especialistas que sistematizam as representações e práticas religiosas, produzindo doutrinas e rituais explicitamente formulados, sobre os quais eles são os únicos a exercerem um domínio [...].<sup>13</sup>

A afirmação de Oliveira não é errônea; a instituição sistematiza o rito, o regula, mas ao mesmo tempo abre espaço para a tolerância, ao adotar as práticas dos devotos nos seus ritos ou mesmo ao intervir nas devoções, mesmo que parte da sua atuação se dê pela educação para o que toma como “verdadeiro” exercício da fé, é pela tolerância que consegue manter os seus fiéis.

A religião popular no entender do autor se define pela autoafirmação, ou seja, pelos agentes do poder, a instituição, seja pelas classes subalternas, camponeses, operários, mesmo criando um código próprio, a mesma visa as determinações da doutrina oficial, impondo essas determinações. Para confrontá-la “o catolicismo popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas.”<sup>14</sup>

Pensar assim nos remete a um eterno confronto entre a Instituição, Igreja Católica e as práticas religiosas populares, é certo que as tensões existem e não devem ser excluídas, mas não são constantes a ponto de tornar o espaço religioso um campo de batalha. O que deslegitima a religiosidade do povo é o modo como se toma essa religiosidade ou o lugar de onde se fala ao desqualificá-la, toma-se como centro o olhar da instituição, que geralmente não a legitima.

O erudito aqui proposto tem como intenção não restringir ou tornar ilegítima a prática do povo, mas pensá-lo como parte do ritual que é coordenado pela Igreja Católica como ritual da missa, a organização da procissão ou mesmo a bênção dos objetos, assim como os devotos manifestam modos individuais de se relacionarem com o santo, como por exemplo, pelo compadrio, um não se torna melhor em detrimento do outro.

Solange Ramos, ao discutir o conceito de catolicismo popular, nos permite uma abordagem mais próxima ao que caracterizaria a devoção a Santa Cruz dos Milagres, não

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Pedro A. *Ribeiro. Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1985. 134

<sup>14</sup> OLIVEIRA. Op.cit. p. 135

partindo das dicotomias, mas do que foi citado anteriormente da tolerância, principalmente com as manifestações religiosas presentes na própria Festa de Exaltação a Santa Cruz, tolerância também presente ao analisarmos outras festas religiosas no Piauí, dançar, beber, jogar não o afasta da divindade, assim como rezar, participar das liturgias e pedir a celebração de missas não os torna submissos à Igreja.

[...] a conceituação de uma manifestação a partir da dicotomia oficial/popular, dominante/ dominado mostra-se no mínimo, incompleta, pois exclui a especificidade de cada manifestação de religiosidade que o historiador aborda. Ao adotar a análise considerando esta dicotomia, acaba por pulverizá-la, dado que cada prática analisada é apresentada como tendo uma existência forjada em virtude de outra prática considerada oficial.<sup>15</sup>

Assim, é importante pensar que a ação do Concílio Vaticano II, principalmente após a Conferência de Medellín, terá esse propósito “apaziguador”, implantando dentro dos cultos do povo os preceitos da instituição sem, contudo, confrontá-los. O popular aqui discutido não é uma prática menor nem ilegítima, mas um modo particular de cada devoto se relacionar com a santa, lembrando também que houve momentos de conflitos, alguns bem mais dentro dos campos ideológicos que práticos.

Essa disputa ideológica devia, sobretudo, ao caráter que as manifestações religiosas e culturais eram consideradas fora dos padrões, tanto para a Igreja quanto das elites, pois seguiam um caminho diferente do pretendido por esses grupos, mas ao mesmo tempo acenavam como algo interessante e curioso, como nos lembra Peter Burke<sup>16</sup>, quando as culturas ditas populares passaram a desaparecer, o tema acaba se convertendo em interesse de estudos dos intelectuais, no caso específico da religiosidade popular ocorrerá uma comedida adaptação da Igreja às práticas religiosas do povo.

Portanto, cabe contextualizar esse processo de “modificação” ou reformulação sofrido pela ortodoxia católica brasileira, até esse abrandamento conquistado pelo Concílio Vaticano II, e principalmente após a Conferência de Medellín, em que a cultura do povo será aproximada da religião “oficial”, como maneira de se pensar a fé desse povo em um ambiente tão diversificado, quanto é o da América Latina.

O Brasil irá passar por esse período de reformulação das práticas religiosas, resultado do Concílio Vaticano I, mas esse processo de romanização passará por períodos bem mais

---

<sup>15</sup> ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós – Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008. p.238.

<sup>16</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

difíceis de adaptação, principalmente por conta da grande quantidade de leigos que exerciam o poder religioso. Sendo assim, o Concílio Vaticano I objetivava, além da retomada de controle na ordem religiosa, distanciar o povo das práticas libidinosas, especialmente as ocorridas nas festas religiosas, onde conviviam juntos a festa e a oração. O interesse do Concílio era purificar essas práticas cristãs e retomar os moldes da antiga Igreja Romana, separando o catolicismo devocional do catolicismo eclesiástico e institucional. Para Vera Jurkevics,

a romanização do catolicismo brasileiro só poderia ser efetivada na medida em que o poder religioso fosse totalmente transferido dos leigos para os clérigos. Ao promover tal centralização, o clero passou a exercer um controle cada vez mais acirrado sobre todas as manifestações religiosas, combatendo, enfaticamente, aquelas que não se enquadrassem nos limites permitidos.<sup>17</sup>

Tudo que não se enquadrasse no dogma estabelecido era coibido, práticas que feriam a moral, como jogos, meretrício, bebedeiras, coisas que andavam juntas nas festas religiosas, principalmente as mais populares, atraíam um grande público, que buscava o santo, mas também as diversões oferecidas, principalmente pelas barracas, além disso, a falta de preparo do clero também era motivo de preocupação para o poder religioso, como lembra Martha Abreu, na verdade as festas religiosas no período colonial se convertiam em preocupação para os detentores do poder.

Algumas autoridades policiais e municipais condenaram as festas nas ruas, com suas barracas e diversões, por serem locais de jogos e vagabundagem; os médicos, por sua vez, passaram a considerar as festividades religiosas como bárbaras, perigosas, vulgares e ameaçadoras da “família higiênica”, e, finalmente, a liderança religiosa começou a se preocupar mais sistematicamente com as ditas deficiências do catolicismo brasileiro, marcadas pelo despreparo do clero e pela prática religiosa distante dos cânones oficiais.<sup>18</sup>

Tentativa de coerção será reforçada pelas missões populares, mas esse controle dos religiosos às práticas religiosas do povo no sertão nordestino servirá, em certa medida, para fomentar o abismo social existente. Severino Silva nos lembra que serão os redentoristas, capuchinhos e franciscanos que contribuirão para a mudança da mentalidade religiosa e social do povo nordestino,

Ao trazerem a sua contribuição decisiva para a mudança de hábitos da

<sup>17</sup> JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. UFPR: Curitiba, 2004. (tese de doutorado) p.41.

<sup>18</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 37.

população pobre, com a pregação moralizante e conformadora que tanto auxiliam o domínio de certos segmentos sobre a população pobre, ao mesmo tempo em que foram fundamentais no processo de romanização e europeização da Igreja no Brasil.<sup>19</sup>

O domínio dos padres redentoristas, franciscanos e capuchinos substituirão cultos tradicionais por novas devoções, algumas com características bem próximas das tradições religiosas já existentes, mas boa parte das ações do clero nesse período parecia voltadas para um modelo de religião que não se adequava às vivências religiosas do povo, comportamento que se manterá até meados do século XX.

A romaria de Santa Cruz dos Milagres, por seu caráter secular, teve por alguns períodos a ação direta da igreja, principalmente na tentativa de reeducar o povo e direcioná-los ao que consideravam como verdadeira vivência cristã; não quer com isso dizer que a intervenção da Igreja foi reduzida ao longo da trajetória da romaria, pelo contrário, as práticas institucionais foram readequadas às exigências dos fiéis, uma maneira perspicaz de manter o controle do culto e os seus devotos.

Portanto, as festas religiosas populares piauienses serão ao longo do tempo revistas, chegando, em algumas delas, a ter uma forte intervenção da Igreja Católica nas práticas religiosas dos fiéis, como por exemplo, na organização dos cortejos religiosos, além disso, as devoções que ultrapassassem os limites do permitido pela ortodoxia católica piauiense eram colocadas na ilegalidade. Assim lembra Eurípedes Filho, ao discutir a Festa de São Gonçalo no Piauí, que não só a igreja coibia as festas tidas como libidinosas, mas também a elite, que criticava e condenava a sensualidade das danças em louvor a São Gonçalo.

Na cidade de São Gonçalo do Piauí, a prática dessa dança encontrou um clima próprio, por estar esta cidade longe dos centros urbanos e ser zona de pecuária e de lavoura de subsistência. Com o beneplácito dos senhores de fazendas, os rurícolas se reuniam e improvisavam latadas, terreiros cobertos com palhas de babaçu ou carnaúba, ou mesmo ao ar livre, e iniciavam a veneração ao Santo.<sup>20</sup>

No caso de Santa Cruz dos Milagres a intervenção se inicia quando a então pequena capela de Santa Cruz ainda estava subordinada a paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença, no ano de 1929. Mas com o correr dos anos outras medidas serão tomadas, a fim de organizar o templo, como uma melhor acomodação dos devotos, medida que tem como objetivo manter o ritual religioso sob a vigília eclesial. Além disso, abrigar os

<sup>19</sup> SILVA, Severino Vicente da. Modelos de Igreja no Brasil no final do Século XIX. IN SILVA, Severino. Vicente da. (org.) *A Igreja e o Controle Social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988. p.79

<sup>20</sup> FILHO, Eurípedes de Sousa Dourado. A Dança de São Gonçalo. In *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1987. p. 27

elementos de devoção do povo, como o Olho d'água;

Em Santa Cruz [...] foi concluído os trabalhos na ladeira ficando de modo a passar qualquer veículo. Mandei construir as barracas do Olho d'água, sendo as colunas de alvenaria e a cobertura de telha.<sup>21</sup>

Além da Santa Cruz o Olho d'água dos Milagres também constitui um dos elementos de devoção na romaria a Santa Cruz dos Milagres, portanto, era importante para a igreja abrigar esses lugares de devoção. Assim, a partir da sua intervenção poderia atuar de forma mais firme no culto a santa. Com o correr dos anos tudo será feito e pensado para melhoria do templo, a fim de confirmar a atuação eclesial na Igreja de Santa Cruz dos Milagres, como explicita o padre Raimundo Marques no Livro do Tombo.

Ano de 1962: Em Santa Cruz dos Milagres. Fôra benta a primeira pedra, da futura igreja. O oficiante foi o padre Mateus Rufino Cortez, que proferiu um belíssimo discurso, comoveu o povo.<sup>22</sup>

Ao analisarmos a religiosidade piauiense a partir de Santa Cruz podemos traçar um paralelo do modo como as devoções e romarias no Piauí eram percebidas pela Igreja Católica do Estado. É importante lembrar que o contexto do período ainda trazia os moldes da romanização, processo implantado no Concílio Vaticano I por Pio IX, que queria ver posto em prática em todo território de ação da Igreja Católica, o mesmo modelo romano de catolicismo vigente, grosso modo, na Europa católica, desde o Concílio de Trento, no século XVI [...] <sup>23</sup>.

A Igreja Católica piauiense possuía falhas que decorriam em especial da distância do seu arcebispado, que até o ano de 1901 se manteve subordinado a Arquidiocese do Maranhão. Apenas em 1903 seria criada a Diocese do Piauí<sup>24</sup>. Sendo assim, as paróquias piauienses, pela distância de seu arcebispado, não tinham controle sob as devoções e cultos que surgiam no interior do Estado.

A falta de um Arcebispado mais próximo e que controlasse a religião no Estado provocou a criação de devoções fora das bênçãos da ortodoxia católica, mas essa espera de 81 anos findaria graças à persistência do clero e das autoridades piauienses. Em 1901 é criada a Diocese do Piauí, mas sua instalação só acontecerá dois anos depois, em 1903, fato que para o Pe. Cláudio de Melo era inexplicável.

---

<sup>21</sup> VALENÇA. Op.cit. p. 3

<sup>22</sup> VALENÇA. Op.cit. p. 9

<sup>23</sup> JURKEVICS, Op. Cit. p. 39

<sup>24</sup> CARVALHO JUNIOR, Dagoberto Ferreira de. *História do Episcopado do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980. p. 84

Com data de 20 de fevereiro de 1901, sua Santidade o papa Leão XIII, pela bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, criou a Diocese do Piauí, sinal de que o pedido dirigido pelo governador e povo piauiense e a solicitação de Dom Jerônimo, foram atendidas. No entanto, por motivos ainda hoje sem explicação o documento pontifício fica engavetado por dois anos.<sup>25</sup>

Mesmo não sendo o objetivo principal do trabalho discutir a criação da Diocese do Piauí, cabe citar os conflitos ou pelo menos as questões acerca da criação do Arcebispado piauiense, tal assertiva de Cláudio de Melo pode ter duas causas, o total abandono que vivia o clero piauiense ou mesmo a falta de interesse da Arquidiocese do Maranhão na criação da Diocese nas terras da Mocha, o certo é que o Estado possuía um número considerável de fiéis, mas não possuía estrutura nem comando local para administrar essas almas.

Mesmo após quase 50 anos da criação de sua diocese, esses problemas ainda permaneciam e estavam presentes na fala do então arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, que expõe no Livro do Tombo da paróquia de Valença as dificuldades de doutrinar tantas almas com a pequena quantidade de padres, um número que em meados do século XX não era uma prioridade apenas do Piauí, mas de boa parte do nordeste, quanto mais distante a região mais insuficiente o número de ministros da fé.

Ainda no final da década de 1950 o arcebispo piauiense demonstrava uma clara preocupação com o direcionamento da igreja no Estado, e com o rumo de algumas de suas paróquias. Em Valença a apatia religiosa se confundia com os conflitos morais e políticos da cidade, querelas que serão recorrentes na trajetória religiosa piauiense, onde a presença de interesses pessoais acabará interferindo na atividade do clero.

Para além do território valenciano, o arcebispo notava certa apatia dos cristãos piauienses, e acreditava que sua atuação religiosa melhoraria pela educação para a fé, e no doutrinamento da sua vida social e das festas em homenagem aos santos, um trabalho que se daria pela atuação entre igreja e sociedade.

Esperamos que a vida cristã da paróquia se desenvolva, que as associações religiosas, cujo trabalho louvamos e abençoamos se afervorem mais ainda, que o catecismo se robusteça sob todos os aspectos, que a graça divina habite todos os lares e a paz social promova o bem público, sob os cuidados materiais de Nossa Senhora.<sup>26</sup>

A fala do então arcebispo de Teresina, Dom Avelar, demonstra a necessidade do trabalho dos leigos, que atuariam como mediadores entre a Igreja e o povo, ações que

---

<sup>25</sup> MELO. Pe. Cláudio. *Piauí: Diocese e Província Eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1990. p. 17

<sup>26</sup> VALENÇA. Op.cit. p. 04

acabaram se efetivando com a participação dos grupos de casais, de jovens e de senhoras, tudo em prol da “paz social e do bem público”, como lembra o arcebispo, princípios que seriam alcançados pela associação dos princípios cristãos às práticas sociais cotidianas.

A preocupação no ano de 1968 era em implantar nas paróquias piauienses o que havia sido proposto pelo Concílio, seguindo o que desejava o então papa Paulo VI, e um dos defensores da atuação carismática da Igreja Católica, mas, além disso, o arcebispo do Piauí ansiava uma atuação mais próxima do povo, uma ação pastoral voltada para uma autêntica sensibilidade social, analisando a fala de Dom Avelar no Livro do Tombo de Valença, diríamos que essa já era uma preocupação do arcebispo de inserir o povo na liturgia.

Na II Conferência Geral do Episcopado latino-americano foram apresentadas as principais propostas do Concílio Vaticano II, inclusive as que se direcionavam para a América Latina, na apresentação da Conferência o bispo Dom Avelar Brandão Vilela, presidente do Celam, expôs os principais objetivos da reunião.

A todos interessa a tarefa essencial da *evangelização e crescimento da fé*, que atende a renovada pastoral popular e das elites, a uma catequese viva e orgânica, a uma liturgia frutífera e expressiva. A todas preocupa uma revisão evangélica da Igreja visível e de suas estruturas, que anime os movimentos apostólicos de leigos, o ministério e vida dos presbíteros, a atividade dos religiosos e religiosas, a atualizada e sólida formação do clero, o testemunho da pobreza evangélica, a coordenação pastoral em seus diversos níveis, a utilização sábia dos meios de comunicação social.<sup>27</sup>

Dom Avelar, como arcebispo do Piauí, buscou, ao longo do seu ministério, colocar em prática os princípios expostos acima, direcionando seus padres para um exercício pastoral mais próximo do povo, e que além de tudo, os integrasse nas atividades paroquiais, apesar das dificuldades de trajeto e territoriais, tentando acima de tudo manter os fiéis. O que valia, de fato, para o então arcebispo, era integração do Povo de Deus nas ações da igreja, o que consequentemente os aproximaria da liturgia e os afastaria das crendices e novas religiões.

Além de porta-voz da Igreja Católica piauiense, Dom Avelar queria ser ouvido; e a forma encontrada foi a divulgação de suas mensagens tanto na imprensa escrita como na radiofônica, lugar onde vivenciou conflitos e manteve um diálogo com a cidade. Sônia Carvalho ao escrever a biografia do arcebispo, lembra esse lugar de tensão, mas constantemente transitado por Dom Avelar.

Dom Avelar foi personagem de atuação freqüente neste lugar social chamado

---

<sup>27</sup> CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 07

imprensa escrita. Nele viveu tensões e batalhas para defender sua atuação em Teresina. O preço da diversificação do púlpito foi a ampliação das possibilidades de choques ideológicos com os interlocutores da cidade.<sup>28</sup>

O objetivo aqui não é traçar o perfil de Dom Avelar, mas lembrar como o arcebispo agia de modo a ter sua mensagem propagada, sendo comum ao longo do seu ministério notas nos jornais citando tanto o seu retorno ao Piauí, principalmente após voltar de suas viagens, especialmente quando das reuniões da CNBB, assim como o período de presidência do Celam, ações pautadas no desejo evangelizador, que incluía sua ação destacada como “representante da América Latina no Vaticano”<sup>29</sup>.

Esse interesse doutrinário e tão direto de Dom Avelar esboça o quadro do momento pós-Concílio, onde o papel dos bispos se fez mais presente, como sujeitos atuantes na comunidade, motivados por uma ação social até então inexistente. Cabia agora se preocupar com os problemas sociais de seus paroquianos, inserindo-se inclusive em uma rede de discussões sobre o próprio destino da Igreja Católica em terras latinas, como lembra José Oscar Beozzo,

o Concílio quebrou ainda o secular predomínio dos órgãos da Cúria Romana sobre as Igrejas locais e fez emergir os bispos como sujeitos e atores na cena conciliar, como responsáveis primeiros e porta-vozes de suas próprias Igrejas e de seus países e continentes, como foi o caso do Brasil, por intermédio da CNBB, e da América Latina, por meio do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e de seus cerca de 600 bispos. Essa nova condição do episcopado expressou-se plenamente na realização e nos resultados da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia, em 1968.<sup>30</sup>

A Conferência de Medellín pode ser percebida como um momento em que a igreja assume a heterogeneidade da América Latina e, inclusive, percebe os grandes abismos sociais que existem no continente, passando a pensar numa “Igreja feita para o povo”; portanto, claramente voltada ao diálogo, percebendo a “necessidade de adaptação da Igreja a uma pastoral que priorize a diversidade e pluralidade cultural do homem latino-americano.”<sup>31</sup>

O momento histórico inaugurado pelo Concílio Vaticano II demonstra claramente o modo com a própria Igreja Católica passa a visualizar seus fiéis, percebendo inclusive como a cultura desse povo interfere no modo como consomem e vivenciam essa religião e,

<sup>28</sup> CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. *Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2010. (Dissertação de Mestrado). p. 111. Para maiores informações consultar a Dissertação citada.

<sup>29</sup> DOM AVELAR VISITA O PAPA. *Jornal O Dia*. Teresina, 8 out. 1969. Ano XIX n° 2824. p. 1

<sup>30</sup> BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959- 1965)*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 54

<sup>31</sup> ANDRADE. *Op.cit.* p. 145.

principalmente, como a propagam junto ao seu grupo. Basta lembrar que o Santo toma força pela ação do grupo, dos indivíduos tocados pelas graças desses “agentes divinos”, a igreja, então, reconstitui sua visão em um dado momento histórico. Riolando Azzi afirma que,

importa ressaltar que em geral o modo de vivência da fé se relaciona diretamente com a própria visão de Igreja que se mantém nos diversos períodos históricos: alterando-se o conceito que a instituição eclesiástica tem de si mesma, modifica-se em geral a prática da fé e a consciência religiosa do povo.<sup>32</sup>

Portanto, seguindo o previsto pelo Concílio Vaticano II, em especial o proposto pela Conferência de Medellín, no ano de 1969 o padre Raimundo Marques, então pároco da Igreja de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença, muda a estrutura da igreja de São Benedito. A igreja supracitada é considerada uma das mais antigas da região e teria sido fundada em meados do Século XIX, sendo subordinada à matriz de Nossa Senhora do Ó e Conceição. As mudanças citadas pelo padre na igreja de São Benedito tinham como objetivo adequar-se ao proposto pelo Concílio Vaticano II, além de permitir uma maior liberdade no exercício pastoral.

Em maio de 1969 iniciei, por conta própria, uma remodelação da igreja de São Benedito. Comecei pelo meio da nave central e corredores eu os coloquei nas paredes, para continuarem a um testemunho através dos templos. Abri mais dois arcos na capela-môr, afastei a mesa do altar, desde a forma defendida pelo Concílio Vaticano II, tirei todo o reboco que era de barro simplesmente [...] tirei os arcos dos corredôres, coloquei novas portas acrescentando mais duas [...].<sup>33</sup>

A igreja reformada pelo padre Raimundo Marques priorizava, além de uma aproximação com o povo, que ela fosse mais “aconchegante”, que atraísse e recebesse de modo mais amistoso os fiéis, além de buscar evangelizar jovens e adultos de modo a ensiná-los a palavra de Deus e renovar a Igreja pela atuação e inserção desses jovens nas liturgias.

Apesar de Santa Cruz dos Milagres pertencer à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, a romaria a santa cruz dos milagres concorria com as festas do Divino Espírito Santo realizadas em Valença, que atraíam um grande contingente de pessoas. Além disso, os poucos escritos no Livro do Tombo de Valença sobre Santa Cruz dos Milagres nos permitem inferir que a festa em homenagem a Santa Cruz ganhará relevância apenas no final da década de 1960, enquanto isso as comemorações em louvor a santa concorrerão diretamente com

<sup>32</sup> AZZI, Riolando. A teologia no Brasil: considerações históricas. In DUSSEL, Enrique (*et al.*). *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 21

<sup>33</sup> VALENÇA. Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição. 1958 -1990. p. 21.

outras festas da região.

A comemoração do Divino, em maio, era uma dessas festas de grande movimentação na região, que contava inclusive com grande participação popular, tanto que padre Marques expõe no Livro do Tombo a atuação dos leigos nas comemorações à Virgem Maria e ao Divino Espírito Santo, festas que além de muito movimentadas eram esperadas pelo povo. A nova postura do padre permitia maior participação dos fiéis nas comemorações aos santos.

Maio de 1970. No mês de maio as 18 e meia horas a recitação do terço. A cidade foi dividida, as famílias, os alunos, a polícia, as enfermeiras todos tiveram o seu dia para rezar a virgem. Houve muita manifestação. A Festa do Divino Espírito Santo. Simples, com muita concorrência do povo no interior da paróquia. Mas revestida de muita liberdade.<sup>34</sup>

É importante ressaltar que a participação de leigos nas comemorações religiosas não é nova, as irmandades são uma prova da intervenção de outros grupos na Igreja. “Os leigos participavam ativamente na construção de igrejas, nos atos do culto e na promoção de devoções”<sup>35</sup>, a partir do exposto acima, percebemos um interesse da Igreja Católica em permitir uma participação mais efetiva e “menos restritiva”, apesar das limitações impostas pela instituição.

Partindo dessas ações interligadas entre os leigos e a igreja, retomamos a discussão quanto à ideia de Erudito e Popular, que entendemos não haver um abismo tão grande entre essas duas formas de atuação na devoção a Santa Cruz dos Milagres. Tendo como ponto de partida essa assertiva, tomamos como base o conceito de Carlo Ginzburg sobre “circularidade cultural”, que pode ser definida como “um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”<sup>36</sup>.

Essa circularidade estará presente nas festas religiosas piauienses, de modo muito claro em algumas circunstâncias, ou camuflado por iniciativas de renovação eucarística, assim como os padres tomam as manifestações do povo, inserindo-as no culto, o povo também consome o que vem da Igreja, não significando submissão nem muito menos autonomia absoluta de uma cultura sob a outra. Entretanto, antes de nomear uma cultura, ou mesmo uma manifestação religiosa como “pura” ou mesmo percebê-la como “modificada”, torna-se importante pensar o proposto por E. P. Thompson, de que o estímulo deve ser a;

---

<sup>34</sup> VALENÇA. Op.cit. p. 22

<sup>35</sup> MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e Devoção: as Festas do Divino e do Rosário em Monte Carmo e em Natividade-TO*. Goiás: Universidade Federal de Goiás. 2010 (tese de doutoramento). p. 50

<sup>36</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12

[...] identificação de novos problemas, na visualização de velhos problemas em novas formas, na ênfase em normas (ou sistema de valores) em rituais, atentando para as expressivas funções das formas de amotinação e agitação, assim como para as expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia.<sup>37</sup>

É pela ação tanto dos padres de Valença quanto de Santa Cruz dos Milagres que nos levará a novos problemas, muitos decorrentes do período histórico vivenciado por esses sujeitos, a proposta de Medellín e sua inserção dentro da Arquidiocese de Teresina, a necessidade desses homens de repensar sua atuação, ao passo em que percebem a importância desses padroeiros na constituição da sociedade e até mesmo como veículo de sobrevivência da sua religião.

A festa continua contendo suas tensões, algumas claramente percebidas, mas isso não a torna um campo de batalha, demonstra as diferenças ideológicas presentes no cotidiano, escolhas não só na postura do fiel, que tem um modo particular de relacionamento com a santa, assim como a do padre, que absorve os elementos dos devotos na liturgia, com batiques e cantorias em louvor aos santos.

Pela fala de Raimundo Marques no Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, é possível notar como as Festas de comemoração aos santos eram concorridas no interior piauiense e atraíam fiéis de todos os recantos, desde os moradores da cidade aos do interior, a festa, inclusive, percebida como simples pelo padre, era muito participativa, unindo toda a comunidade, essas “procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo na maior parte das vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir”.<sup>38</sup>

Podemos inferir que parte desse espírito comunitário que esteve presente no ministério dos padres de Valença se deva em boa parte pela atuação constante e presente de Dom Avelar Brandão Vilela na cidade de Valença, como Presidente da Celam, Dom Avelar buscou inserir as recomendações do Concílio Vaticano II, no território por ele comandado, pois os próprios padres pareciam incomodados pela proximidade hierárquica dessas recomendações, o que se percebia por atitudes veladas, mas nem sempre expostas no livro do tomo.

Dom Avelar sentia a responsabilidade que era presidir o Conselho Episcopal Latino Americano, tanto que ao retornar ao Piauí, em dezembro de 1968, concede entrevista a um

---

<sup>37</sup> THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 229

<sup>38</sup> JURKEVICS, Vera Irene. *Festas religiosas: a materialidade da fé*. In *História e Debates* n° 43. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. p.2

Jornal do Estado, falando do papel por ele desempenhado e lembrando a conjuntura política e social pela qual passava o Brasil, enfatizando o papel social que a igreja deve ter junto aos fiéis.

Quem como eu vem exercendo tantos cargos de responsabilidade, está forçado a viajar sempre, quer queira quer não. [...] No Rio de Janeiro, além das reuniões promovidas pela CNBB, mantivemos contatos com o Sr. Nuncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, e com algumas autoridades civis e militares. Nestes momentos mais delicados da vida nacional, são de grande utilidade para o bem público êsses contatos que esclarecem problemas e derramam luz sôbre os caminhos.<sup>39</sup>

O momento delicado a que se refere Dom Avelar é a ditadura militar, regime político que durou até 1985; era importante levar ao povo esperança, e a Igreja, no entender do bispo, era essa válvula de escape. O Piauí, por exemplo, vivia nesses anos uma crise política e econômica, além dos longos períodos de estiagem. Esse quadro inclusive fomentava a participação popular intensa nos festejos religiosos, com pedidos diversos, inclusive de chuva, o que melhoraria a situação do Estado.

Esses pedidos de bênçãos geralmente feitos aos santos da comunidade cresciam pelo tempo dos festejos em sua homenagem, o povo se organizava para celebrar o santo padroeiro, como manifestações acaloradas de fé, alguns padres valencianos exerciam seu ministério sem muitas críticas às devoções comunitárias, aparentando certa aceitação para com as práticas do povo e acabavam se inserindo no cotidiano desses fiéis, como feito pelo padre Nery Sobrinho, que ao chegar a Valença usou da tolerância para ser aceito pelos paroquianos.

Trabalhos pastorais de 1973: Não fizemos nada de extraordinário. Apenas tentamos conhecer os três municípios da paróquia de Valença com todos os seus interiores. Tentamos conhecer a vida do povo com todos os seus costumes e tradições religiosas. Para este trabalho fiz questão de não impor minhas idéias, limitei a ouvir o povo, fazendo o que era do agrado dele. Presidi todas as festas dos três padroeiros principais [...] <sup>40</sup>.

Padre Nery Sobrinho usou a tolerância como estratégia para ser aceito pelos fiéis, tudo que considerava como credence foi colocado temporariamente em suspenso para permitir sua inserção no cotidiano dos paroquianos, assim ele utilizou um instrumento que segundo Michel de Certeau, é a arte do fraco, a tática; ao chegar a Valença ele ainda não tinha poderes, além disso, teve que enfrentar a desconfiança da população, por ser o novo pároco e até mesmo a rejeição do seu antecessor;

<sup>39</sup> DOM AVELAR FALA A REPORTAGEM DE O DIA. Jornal O Dia. Teresina, Ano XVII. p. 06

<sup>40</sup> VALENÇA. Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição. 1958-1990. p. 28

A astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita a astúcia” Portanto, a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado do poder.<sup>41</sup>

Se pensarmos em Nery Sobrinho apenas como um sujeito vinculado à instituição Igreja Católica, cairíamos em uma ambiguidade, mas vale lembrar que até mesmo como membro, o recém-chegado padre teve de se submeter ao padre anterior, portanto, ser “misericordioso e complacente” com os costumes do povo, será o modo encontrado pelo padre para ser inserido na comunidade e, conseqüentemente, aceito.

O padre agia pela aproximação com o povo, que em alguns momentos se confundia com ele, mas essa também foi uma postura da Igreja ao longo da década de 1970. Para Rubem Fernandes, a Igreja no Brasil perde parte do seu poder e passa a ser “parte do povo”, devia ser simples como seus fiéis, o sacerdócio se realizaria não pela distinção, mas sim pela identificação com o “outro”<sup>42</sup>, no caso os fiéis assistido por Padre Nery.

Além dessa inserção na comunidade o padre tinha como interesse o trabalho sociorreligioso nos festejos dos padroeiros, a fim de reorganizar a festa, torná-la mais participativa não apenas nos atos festivos ou sociais, mas principalmente nos litúrgicos, fazendo a seu ver uma reeducação do Povo de Deus.

Festa de São José – esta festa teve um cunho novo, pois foi participada por todo o povo da cidade e do interior através de palestras especializadas, campanha financeira, festa social e etc... Senti o interesse do povo todo em trabalhar pela Igreja, a partir de logo depois da festa nasce uma equipe de leigos (3 casais) para tomarem conta da Igreja, não só na parte material, como também na vida espiritual do Povo de Deus.<sup>43</sup>

Essa inserção popular nas ações da igreja estava presente nas determinações do Concílio Vaticano II, ou seja, uma liturgia mais aberta à participação do povo com ritos mais simples, que pudessem abarcar tanto o povo do interior quanto o da cidade, o interesse era um relaxamento das exigências, mas com vistas à evangelização.

Vale ressaltar que a incorporação dos ritos do povo nas liturgias primava antes de tudo a sua purificação, principalmente nas romarias e peregrinações, onde os rituais dos devotos seriam corrigidos. A Igreja percebia nessas liturgias marcas do cristianismo tradicional, que deviam ser mantidas, mas ao mesmo tempo um grande número de superstições que deviam ser sanadas, como exposto no texto de Medellín.

<sup>41</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 101

<sup>42</sup> FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 39

<sup>43</sup> VALENÇA. Op.cit. p. 32

Suas expressões podem estar deformadas e mescladas, em certa medida, com um patrimônio religioso ancestral, onde a tradição exerce um poder quase tirânico; correm o perigo de ser facilmente influenciadas por práticas mágicas e supersticiosas, de revelar um caráter mais utilitário e certo temor ao divino, que necessita da intervenção de seres mais próximos ao homem e de expressões mais plásticas e concretas.<sup>44</sup>

Essa proximidade do devoto com o santo é algo perceptível na festa de Santa Cruz dos Milagres, a relação quase parental que se cria entre o devoto e a santa, em especial na relação de compadrio, na proteção perpétua que o santo deve ao seu afilhado, Santa Cruz dos Milagres é a madrinha protetora, nesse momento a Cruz de Chapada perde seu status de objeto de devoção e passa a ser praticamente a “pessoa” da devoção, a santa é também a personificação do Espírito Santo.

O santo no olhar do devoto deve ser utilitário, servir para as horas de aperto. Woodward diz que “a grande massa dos crentes não estava interessada em santos como exemplos morais, mas como protetores contra tempestades e pestes”<sup>45</sup>, por esse motivo, não importa se o santo foi um criminoso ou um tronco de árvore em forma de cruz, o que vale é sua capacidade de fazer milagres e resolver os problemas, sejam eles quais forem.

Mesmo entendendo a importância da fé do povo, geralmente manifestada nas devoções, romarias e festas religiosas, a Igreja buscou agir conservando o que entendia como uma demonstração autêntica de fé e “restaurando” o que considerava negativo na religiosidade do povo.

A religiosidade popular pode ser ocasião ou o ponto de partida para o anúncio da fé. Não obstante, impõe-se uma revisão e um estudo científico dessa religiosidade para purificá-la de elementos que a tornem inautêntica e para valorizar seus elementos negativos<sup>46</sup>.

Padre Davi Mendes percebia no culto a Santa Cruz dos Milagres muito desse culto “impuro”, onde as relações com a santa se confundiam com as comemorações do “mundo”, o romeiro precisava ser orientado e disciplinado. Ao escrever suas memórias sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres o padre lembra a necessidade de “um trabalho profundo de purificação e levantamento a nível satisfatório de Igreja”<sup>47</sup> e, a ocasião propícia seria a própria festa em homenagem a Santa Cruz dos Milagres, a Festa de Exaltação. Para o padre essa festa precisava de melhorias, como uma ação pastoral mais firme; portanto, ainda nas

<sup>44</sup> CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 111

<sup>45</sup> WOODWARD, Kenneth L. *A Fábrica de Santos*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 70

<sup>46</sup> CELAM. Op.cit. p. 125

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p. 03

comemorações de maio, anuncia para os fiéis as modificações, que serão feitas no culto a Santa Cruz.

O vigário anunciou nesta festa [Festa da Invenção] as modificações que pretende introduzir na festa de setembro, e que a seu tempo serão aqui registradas [...] O vigário acompanhou o exercício da Invenção e anotou certos problemas a serem estudados para a festa de paroano.<sup>48</sup>

Na ótica do padre, todas as festas de Santa Cruz dos Milagres possuíam algum tipo de vício a ser sanado, seja na pouca participação dos fiéis na liturgia, seja na forma apaixonada e mesmo desrespeitosa que os fiéis se relacionam com a santa, assim como a grande participação dos romeiros nos atos profanos, o que gerava preocupação no padre. Essa renovação eucarística percebida por padre Davi, também está presente no texto de Medellín;

é recomendável a celebração comunitária da penitência, mediante uma celebração da palavra [...]. Sendo tão arraigadas em nosso povo certas devoções populares, recomenda-se buscar formas mais adequadas que lhes dêem conteúdo litúrgico, de modo que se tornem veículos da fé e do compromisso com Deus e com os homens.<sup>49</sup>

Esse trabalho de inserção da celebração comunitária teve como instrumento a confissão comunitária, um dos elementos utilizados por padre Davi Mendes para trazer os fiéis romeiros para as celebrações eucarísticas. Pela confissão era possível demonstrar para os devotos o que o padre considerava como protagonista principal da festa, a Santa Cruz dos Milagres e seu exemplo para a adoção do verdadeiro cristianismo, pautado na palavra de Deus e nos ensinamentos da igreja.

A grande preocupação dessa festa é a pastoral. Nunca se acertou uma linha de ação que tranquilizasse quanto ao aproveitamento espiritual dos romeiros. [...] Na impossibilidade de fazer um planejamento concreto, decidimos partir para uma ação mais ou menos organizada, que fôsse ao menos um roteiro de trabalho. Alguma coisa se devia tentar, ao menos como experiência. E a idéia central seria dar ao romeiro ao que se acha fundamental naquela ânsia que o leva a procurar o Santuário.<sup>50</sup>

A devoção no entender do padre deveria vir imbuída de um sentido espiritual e menos material, um primeiro passo que também deveria vir da Igreja, ao organizar de forma um tanto sistemática a sua ação pastoral medida, que ao longo da atuação de padre Davi a frente da paróquia de Santa Cruz dos Milagres ele tentará tomar, buscando, quando possível, a

<sup>48</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984), p. 36

<sup>49</sup> CELAM. Op.cit. p. 141

<sup>50</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984). p. 12

participação de padres da região na liturgia, confissões e novenas, a fim de organizar a devoção a santa.

Mas o que se sabe é que boa parte dessas romarias se iniciam pelo anúncio do primeiro milagre, geralmente a obtenção de uma graça, que pode ser uma cura, a aquisição de um bem. Observando desse ponto, a Conferência de Medellín também pensando na purificação das romarias, sugeria um doutrinamento dos devotos, para que os santos sejam exemplos de imitadores de Cristo e não como interventores obradores de milagre, o texto traz a seguinte recomendação;

impregnar as manifestações populares, como romarias, peregrinações, devoções diversas, da palavra evangélica. Rever muitas das devoções aos santos, para que não sejam tomados apenas como intercessores, mas também como modelo de vida, de imitadores de Cristo. Tratar as devoções e sacramentos de maneira que não levem o homem a uma aceitação semifatalista e sim que eduquem para se tornar concriador e administrador com Deus do seu destino.<sup>51</sup>

Este pensamento estará presente na atuação de padre Davi Mendes frente ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres, tornar a romaria a Santa Cruz um momento de evangelização, pensamento que ficará claro nas suas ações de coerção na festa, na limitação às práticas profanas e ditas libidinosas, como o afastamento da própria Igreja da tradicional corrida dos vaqueiros, tudo em prol do que o padre considerava como “Verdadeira Romaria”.

## **2.2 A “verdadeira” romaria: a Igreja Católica na dinâmica da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres**

Ao chegar a Santa Cruz dos Milagres em 1968, padre Davi Mendes de Oliveira se depara com um vilarejo com aproximadamente 300 habitantes, que viviam sem saneamento básico, nem abastecimento de água, em ruas escuras e sem pavimentação. Esse pequeno arraial, encravado no semiárido piauiense, que abrigava uma das “santas” mais aclamadas pela religiosidade católica do Estado do Piauí. O lugar, pelo tempo da Festa de Exaltação, causava espanto ao padre, uma verdadeira confusão de pessoas que se misturavam entre as árvores na escuridão do povoado, cometendo, a seu ver, atos de desagrado e desrespeito a boa conduta e aos preceitos cristãos.

Junto ao môro da Santa Cruz está o povoado que tem de 200 a 300 habitantes. Pelo tempo da festa são milhares de pessoas que acampam no

---

<sup>51</sup> CELAM, op.cit. p. 114

local, em barracas de palha, sob as árvores, por toda a parte. O lugarejo se transforma em imenso arraial, onde campêia o meretrício, a jogatina mais desenfreada, as festas populares às centenas porque se dança e se joga e se bebe a toda hora e por toda a parte<sup>52</sup>.

Esse era o quadro visto por padre Davi Mendes ao chegar a Santa Cruz dos Milagres, o lugar não parecia, à primeira vista, um reduto do sagrado, mas um ambiente em que campeava o meretrício e a jogatina, atos nocivos a um bom fiel, sendo o serviço religioso feito de modo inadequado. É em contraposição a esse quadro que Davi Mendes lutará para transformar as comemorações em homenagem a Santa Cruz dos Milagres na “Verdadeira Romaria”.

Padre Davi Mendes é transferido para a cidade de São Felix do Piauí em maio de 1968, por conta de um decreto sancionado pela Cúria piauiense, que desmembrava a Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição e criava três novas paróquias. A pequena igreja de Santa Cruz dos Milagres passa a compor a Paróquia de São Felix de Cantalice, até o ano de 1997, quando se torna paróquia independente.

No dia 18 de maio deste ano de 1968, presente Dom Avelar Brandão Vilela e mais oito sacerdotes, pelas oito da manhã, transfere posse da freguesia de São Felix do Piauí, o Sr. Reverendo Pe. Davi Mendes de Oliveira e como pelo Decreto o município de Aroazes entraria com o de São Felix e Prata, fora a constituição de uma nova paróquia [...].<sup>53</sup>

A partir da entrada de Davi Mendes que a romaria a Santa Cruz dos Milagres toma um novo rumo, pois o padre intervirá de forma maciça nas festas em homenagem a santa. Nesse momento tudo será pensado pelo padre para dar a essa manifestação religiosa “outro sentido”, dar à festa um caráter litúrgico mais firme, com isso o padre tentará disciplinar a ação dos romeiros durante a festa, proibindo os jogos e tentando controlar práticas já consolidadas da festa, como por exemplo, a Corrida de Vaqueiros.

A Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres, por ser a maior festa das três<sup>54</sup> que ocorrem anualmente no Santuário, era para padre Davi Mendes a mais problemática, tanto pelo grande número de pessoas que ocupavam a cidade, quanto pelas festas e jogos que invadiam a terra da santa nos 10 dias de festejo. Nesse ambiente acontecia de tudo e os romeiros figuravam como atores desse quadro, percebidos em muitas circunstâncias como

<sup>52</sup> SÃO FELIX. Op.cit, p. 20

<sup>53</sup> VALENÇA. Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição. 1958-1990. p. 19

<sup>54</sup> O Santuário de Santa Cruz dos Milagres possui no seu calendário três importantes festas a 1ª, a Festa da Invenção de Santa Cruz, que ocorre no mês de maio, entre os dias 2 e 3; a 2ª, a Festa de Exaltação, que constitui os festejos propriamente ditos da santa, ocorre entre 05 e 14 de setembro; essa festa também é o principal objeto da pesquisa. E, por último, o Encontro dos Santos, que ocorre no último domingo de outubro, é também a mais nova festa do calendário do Santuário.

ingênuos e influenciáveis, tanto que o padre expõe no livro do tombo sua preocupação, lembrando que “o ano passado fiquei preocupado com a invasão de jogadôres na festa de Santa Cruz. Todos os tipos de jogos, com a finalidade única de roubar os pobres romeiros”.<sup>55</sup>

A maioria dos romeiros de Santa Cruz dos Milagres no período do recorte era de agricultores. Camponeses que juntavam suas economias para seguir junto à família em romaria para Santa Cruz, muitos viam nos festejos religiosos uma forma de se divertir, apesar da santa também ser o principal motivo, a devoção não impedia que as atrações vividas ao pé do morro, tirassem o foco dos devotos, mas também figuravam entre os interesses dos romeiros ao seguir em romaria, mas para o padre, assim como para boa parte da intelectualidade piauiense do período, as ações dos romeiros eram sinônimo de ignorância e ingenuidade.

Essa dita ingenuidade atribuída aos romeiros não se deve apenas ao fato de, segundo o padre, serem facilmente enganados, mas também ao modo como exprimem a sua fé, com relações criadas por esses devotos e os santos, que olhadas a “distância” pareciam desrespeitosas, tanto que é descrita por Matias Olimpio em um de seus artigos com ironia, pois para ele nossa fé indisciplinada não condizia com os poderes atribuídos aos santos de devoção piauienses.

A maneira por que se realizam essas promessas é que provoca o riso e dão-nos a medida da hypocrisia que as envolve. O todo da unção e piedade, de beatitude e fraqueza dos que em momento afflictivo ou de necessidade recorrem à divina protecção, não condiz com o saracotear impudico, ademais picantes, os ditos concupicientes e as expressões dúbias que se observam nos festejos realizados em paga dos benefícios feitos.<sup>56</sup>

O intelectual piauiense escreve essas linhas em um importante periódico piauiense, *Litericultura*, no ano de 1912. Em relação aos escritos de padre Davi no livro do tombo temos quase 60 anos os separando, mas o pensamento em relação as atitudes dos devotos permanece praticamente o mesmo. Para Matias Olimpio a ignorância do povo os leva a essa licenciosidade, para o padre a ignorância religiosa os levava a esses atos, tanto que em 1970, ao solicitar reforço policial no período da Festa de Exaltação, ele reforça a concepção que tem dos romeiros.

A maioria dêste povo é constituída de pessoas simples do campo, que vai à festa mesmo de pé. Nos últimos dias, porém, contam-se mais de duas

---

<sup>55</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984). p. 38

<sup>56</sup> OLIMPIO, Matias. Festas Populares Piauhyenses. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912. p. 65

centenas de carros, vindos de toda parte. Este povo se concentra todo no povoado e arredores, nas mais difíceis condições e maior promiscuidade. [...]. O meretrício não há meios de manter afastado. E dia e noite há festas dançantes por toda a parte.<sup>57</sup>

As batidas ouvidas de cima do morro da Santa Cruz dos Milagres incomodavam o padre, que como alternativa de coerção solicita ajuda policial para pôr fim aos “atos negativos”, festa, jogos e a prostituição reinante na terra da santa, que refletiam negativamente na festa, principalmente os jogos, que “funcionando abertamente e, nos últimos anos, em tão agressiva escala, que se sente refletindo negativamente no comércio e nas condições do povo”, essa afirmativa condizia ao pensamento do padre, mas não refletia o do povo, já que assim como o Santuário, os bailes também eram bastante procurados.

Esse espetáculo vivido ao festejar o santo com fogos, festa e batuques não era desprezar o santo, “festejá-los de forma espetacular era o mesmo que demonstrar gratidão, respeito e fê”<sup>58</sup>. Além disso, como não podia agir de modo truculento, o padre se apropriava de seu prestígio para pedir reforço no controle da festa, elencando os principais problemas ocorridos nos festejos e a necessidade da presença da polícia na organização da festa, inclusive como medida de proteção dos devotos de Santa Cruz.

Há roubos a todo instante, e até mesmo dentro da Igreja, dezenas de pobres romêiros foram despojados do pouco que possuíam [...]. Penso ser indispensável a presença em Sta. Cruz dos Milagres, pelo menos nos últimos dias, de um Delegado Especial, a bem da proteção daquele povo pobre e ingênuo [...] apelo a V. Excia. vendo a desorganização social ameaçando inutilizando o nosso trabalho, que, sendo cristão, é também, e por isso mesmo, humano e social.<sup>59</sup>

É claro que a preocupação do padre com o bem-estar dos romeiros é evidente, mas está imbuída também a necessidade de organização, ou seja, controle e ordenação da festa, desejo presente no ofício encaminhado pelo padre à secretária de segurança, além disso, o padre parece se propor a falar pelos devotos, mas uma fala que se reverte em favor da Igreja.

Ao analisar o Santuário de Bom Jesus da Lapa, Carlos Steil percebeu um movimento que poderíamos considerar semelhante ao de Santa Cruz dos Milagres, um esforço da ortodoxia católica em tornar o rito mais comedido e menos “supersticioso”; superstição que viria pela crença nos milagres do santo, seria uma “retomada aos valores do sacramento deslocando a religiosidade centrada no poder direto do santo de socorrer seus devotos, para o

<sup>57</sup> SÃO FELIX. Op. Cit. p. 38

<sup>58</sup> COUTO, Edilece Souza. Festejar os santos em Salvador: regras eclesíásticas e desobediência leiga (1850-1930). Disponível em: [www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/edilece\\_souza\\_couto.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/edilece_souza_couto.pdf) . Acessado em 15 set. 2011. p. 5

<sup>59</sup> SÃO FELIX. Op.cit. pp. 38-39

poder dos sacramentos, especialmente da eucaristia”<sup>60</sup>.

Assim, busca-se uma educação para a fé, preceito defendido pelo padre Davi Mendes. O interesse é tornar os elementos de culto a Santa Cruz dos Milagres, a própria cruz e o olho d’água, não em símbolos curativos, mas exemplo de Cristo, assim como acontece em Bom Jesus da Lapa no período analisado por Steil. “Instaura-se uma confiança na educação como meio eficaz para eliminar do espaço sagrado do santuário as *crenças supersticiosas*.”<sup>61</sup>

Após o Concílio Vaticano II, o interesse é substituir as intervenções milagrosas dos santos pelos atos litúrgicos, com organização e direção dos “ministros” da Igreja, pensá-la também como um lugar de divertimento é permitir que atitudes combatidas pela instituição sejam reacendidas no meio dos devotos, o santo permissivo, que admite a festa e o batuque deve ser um exemplo de fiel casto e preocupado com as coisas divinas.

Mas mesmo que a postura da Igreja Católica seja pelos símbolos de castidade os líderes religiosos percebem como necessária a aceitação de parte de suas práticas, algumas representam inclusive a própria vivência desses devotos com o santo, relações que se deram por conta das muitas religiões existentes no Brasil, sincretismo que permitiu que o diálogo entre essas múltiplas formas de apreensão do sagrado chegasse, mesmo que de modo velado, à Igreja.

[...] apesar de a população declarar-se “católica”, a Igreja sente que há muitos valores que ainda lhe escapam neste “novo mundo”. [...] a “expansão” há de ter favorecido a abertura da Igreja brasileira para uma dispersão dos seus sinais, propiciando o desenvolvimento dos sincretismos.<sup>62</sup>

A mesma Igreja que busca um posicionamento mais podado e voltado ao rito eucarístico, abre “brechas” para uma atuação mais permissiva e próxima do seu cotidiano, voltada para relações e ritos que não desqualificavam sua atuação como cristão católico, mas que permitiam um trânsito entre outras religiões, possibilitando um diálogo entre elas.

Entre as comemorações em homenagem a Santa Cruz dos Milagres, a Festa da Invenção tinha para o padre um caráter devocional mais forte, entre eles o pequeno número de comerciantes e até mesmo de pessoas que iam a essa festa que ocorre no mês de maio, a Invenção consiste em rezar cem ave marias e também se ajoelhar e beijar o solo cem vezes, essa festa tem um caráter penitencial muito forte, como descrito pelo padre.

---

<sup>60</sup> STEIL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis – RJ: Vozes. 1996. p. 47

<sup>61</sup> STEIL. Op.cit. p. 50

<sup>62</sup> FERNANDES. Op.cit. p. 45

Essa festa transparece mais religiosa sendo a movimentação comercial e de festas populares em menor número. [...] Há procura intensa de sacramentos, confissão e comunhão [...] fazendo tudo com o povo, o vigário achou que seria o caso de valorizar a devoção para uma melhor compreensão e vivência de seu sentido.<sup>63</sup>

A Festa da Invenção e seu rito penitencial acontece praticamente nos mesmos moldes, ainda se reza as cem ave marias na véspera da festa e no dia bem cedo, segue os romeiros subindo o morro em direção ao Santuário, às seis horas da manhã tem início o impressionante ato de devoção e penitência, os devotos se ajoelham e beijam o chão cem vezes entoando a oração;

nos Campos de Caifás, com o inimigo da cruz encontrarás, arreda e afasta-te Satanás. Tu comigo não tens conta, deixa minha alma passar em paz! Por que no dia da Invenção de Santa Cruz, cem vezes me persignei. Pelo sinal da Santa Cruz, livre-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos, cem Ave Maria rezei, cem na véspera e cem no dia. Me recomendo a Deus e à Virgem Maria. Cem vezes o cão arreneguei: arrenego de ti Satanás: Ave Maria cheia de graças [...]<sup>64</sup>.

Stanley Oliveira, ao discutir a memória no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, rememora as permanências presentes nas festas do Santuário, especialmente a da Invenção, como um espaço de formação de sua identidade religiosa que, “agregada à memória coletiva deste grupo social, se cristaliza nas suas vivências e se perpetua por gerações”<sup>65</sup>. Consideramos que a própria devoção a Santa Cruz em alguns casos se trata de uma tradição vinda da família, mas até essa tradição é passível de mudanças, considerá-la cristalizada é desconsiderar as transformações vividas no próprio ritual.

A oração pronunciada no rito da Invenção ainda é a mesma, mas algumas mudanças acabaram ocorrendo, como por exemplo, o atual reitor lembrar aos fiéis idosos que não há necessidade de seguir o ritual à risca, o se abaixa e se ajoelha cem vezes, por conta da própria condição física desses fiéis, mas o que se nota ao acompanhar o ritual na contemporaneidade é que os idosos ainda são os fiéis seguidores do rito, pessoas que aprenderam que os atos penitenciais ajudam a alcançar a glória.

Podemos, em certa medida, considerar que o vivo caráter “religioso” e sua clara característica de ritual penitencial que residia o “apreço” de Davi Mendes pela Festa da Invenção, a seus olhos, menos problemática que a festa de Exaltação. A Invenção era para o

<sup>63</sup> SÃO FELIX.op.cit. p. 23

<sup>64</sup> Essa oração é entoada cem vezes no dia da *Festa da Invenção*, portanto, no dia 3 de maio

<sup>65</sup> OLIVEIRA, Stanley Braz de. A Religiosidade Católica em Santa Cruz dos Milagres – PI como reflexo da memória coletiva. In OLIVEIRA, Stanley Braz et.al. (org.) *Espaços e Tempos de Aprendizagem: geografia e educação na cultura*. Fortaleza: UFC, 2011. p. 82

padre o momento em que os devotos de Santa Cruz dos Milagres intensificavam sua espiritualidade e fé na sagrada Cruz de Chapada, tornando-se o momento de expiação dos pecados pela penitência.

É uma festa com características mais religiosas, diferente da festa de setembro [Exaltação], quando o movimento religioso, bastante reduzido a batizados e casamentos, fica absorvido em sua parte pastoral pela enorme afluência de gente, comércio, diversão, etc...<sup>66</sup>

Mais uma vez é possível notar a crítica do padre aos “eventos” ocorridos na festa de setembro, mas ao mesmo tempo recorrendo à fala anterior percebemos a necessidade de aproveitar a devoção do povo, como forma de integrá-los nos ritos eclesiais, trabalho que será feito pelo padre ao longo da sua trajetória no Santuário, seu olhar é acima de tudo preconceituoso, são devotos que vivem à margem da instituição, mas não totalmente apartados dela, cristão aparentemente “inorganizados”, define Hoornaert, mas que,

unem-se num convívio parental, numa comunhão fraterna, que— embora tênue precária —lhe dá muita satisfação. Vivem de certa forma à margem da grande instituição eclesial, entre independentes e assimilados, mas de forma nenhuma identificados com os propósitos dela.<sup>67</sup>

Hoornaert exprime essa suposta falta de identificação principalmente pelo não questionamento desses cristãos ao domínio eclesial. Analisando, a partir do contexto de Santa Cruz dos Milagres, identificamos as práticas dos devotos mais presentes nas ações eclesiais, é notório que o contexto histórico em que se localiza a pesquisa de Hoornaert reverte um quadro diferente do proposto em Santa Cruz dos Milagres, mas a semelhança dos seus sujeitos pesquisados permite um diálogo profícuo com o autor.

Observando o período da chegada de padre Davi a Santa Cruz dos Milagres, diríamos que esses devotos até então não atuantes na liturgia, terão de certo modo uma atuação importante para o próprio desenvolvimento da romaria, já que boa parte das medidas, até mesmo as coercitivas, serão pensadas a partir dos romeiros, ou seja, mesmo não agindo diretamente contra essas práticas, é por causa deles, devotos, que o ritual é aceito e as interferências na romaria acontecem, basta observar a fala do padre no livro do tomo, “fazendo tudo com o povo”, unindo-se a eles”.

A Festa da Invenção era percebida pelo padre como a mais religiosa, a mais devocional, se comparada com a Festa de Exaltação, o próprio padre reconhece que as

---

<sup>66</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 166

<sup>67</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 53

melhorias estruturais, principalmente as rodoviárias, aumentaria significativamente o número de romeiros visitando o Santuário no mês de maio, período inclusive de chuva na região, as precárias condições das estradas que davam acesso à cidade dificultava grandes contingentes de romeiros nesse período, mas ao mesmo tempo mantinha a festa protegida dos excessos, que o grande número de pessoas causava.

As melhorias chegaram à cidade progressivamente, permitindo uma melhoria estrutural ao então povoado de Santa Cruz dos Milagres<sup>68</sup>, a década de 1980 foi o período de transformações na cidade, como a melhoria na estrada de acesso, que ligava Santa Cruz a Teresina, mudanças que como diz Davi Mendes, “uma vez pronta a estrada de São Felix, que liga também com Teresina, esta festa [Invenção] vai ser igual à festa de setembro [Exaltação]<sup>69</sup>.”

A pesquisa nos permite inferir que a preocupação de Davi Mendes tinha fundamento, atualmente a festa de Invenção da Santa Cruz dos Milagres reúne um número expressivo de romeiros no mês de maio, mas nada comparado a Festa de Exaltação, onde não só o número de romeiros se amplia, este trânsito cada vez maior de devotos nas três festas do santuário se deve em boa parte à facilidade de acesso, com linhas de ônibus regular fica fácil ao romeiro em qualquer dia do ano ir visitar a “madrinha” Santa Cruz.

O pequeno povoado com ares de Santuário crescia aos olhos do padre, para ele era inegável a necessidade de evolução, o progresso chegava e não havia como não percebê-lo, com energia elétrica, água, um tímido esforço para parecer agradável para os visitantes, que chegavam aos milhares, apinhando-se nos arredores do Santuário, um crescimento desordenado de pessoas pelo tempo da festa, aumentando o número de romeiros e, conseqüentemente, os problemas que resultavam desse acúmulo de pessoas como os roubos, meretrício, jogos, tudo espalhado pela terra da santa, desviando a atenção dos romeiros.

A terra de Santa Cruz abrigava nos festejos de setembro um amontoado de sujeitos diferentes, alguns dispostos apenas a visitar a santa, outros dispostos a aproveitar o que essa heterogeneidade poderia lhes reservar como benefício, nesse caso a Santa Cruz dos Milagres “obrava” sua graça duplamente, para os seus fiéis e para aqueles que forneceria para os fiéis, seja ideologicamente, políticos e Igreja, como economicamente, comércio, jogos e até mesmo a prostituição, um serviço também bastante procurado nessa época.

Apesar das peculiaridades existentes em Santa Cruz dos Milagres, a comparação com

---

<sup>68</sup> Até o ano de 1992 a cidade de Santa Cruz dos Milagres permaneceu subordinada a cidade vizinha de Aroazes, quando em 1993 através de um plebiscito adquire independência política- administrativa e torna-se cidade.

<sup>69</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo II*. Paróquia de São Felix de Cantalicia. (1984-1993).p. 35

outras manifestações religiosas é inevitável, como a Romaria a Juazeiro do Norte no Ceará, os romeiros de Padre Cícero também buscam, além das benesses do Santo, diversão, além disso, o espaço sagrado é um lugar de sujeitos heterogêneos que concorrem com a Santa pela atenção dos devotos, sendo esse espaço, como lembra Régis Lopes,

a terra dos romeiros é, também, o lugar de políticos em busca de poder, de comerciantes que procuram sobreviver e aumentar os rendimentos, de homens e mulheres que acreditam na ordem do progresso, de pobres que procuram vencer a fome ou de católicos que acreditam (ou não) nos poderes do Santo.<sup>70</sup>

A estrada permitiria um acesso mais rápido e fácil ao Santuário e aumentava a preocupação do padre, o grande número de pessoas também atraía a ação de lanceiros, que aproveitavam a distração dos romeiros para roubar, além dos jogos, constante preocupação do padre desde a sua chegada a Santa Cruz dos Milagres. Em 1987, com estradas mais trafegáveis e a possibilidade de aumento no número de romeiros, Davi Mendes solicita à secretaria de segurança reforço no contingente policial no período da Festa de Exaltação, o padre começa expondo os problemas que considera comum aos Santuários, para então expor seu pedido.

[...] Normalmente estes movimentos apresentam toda espécie de problema e, no nosso caso, sobretudo o jôgo e o roubo (bate carteira, enganar pessoas simples etc...). Isto deixa uma marca negativa no movimento, afastando exatamente as melhores pessoas. [...]  
Este ano o povoado onde se encontra o Santuário foi atingido pela Estrada e pela Energia Elétrica. Espera-se assim, uma muito maior concentração humana e maiores problemas.  
É nesse sentido que venho como reitor daquele Santuário apelar para V. Excia. quanto a uma maior segurança e conseqüente maior tranqüilidade.<sup>71</sup>

É nítida a preocupação do padre com a segurança dos romeiros, mas também com a saída das “melhores pessoas”. Podemos concluir que a preocupação do padre era com os devotos mais participativos na liturgia, aqueles que participam ativamente dos rituais eucarísticos, mais uma vez o padre pede pelo controle do que considerava como poder negativo da festa, os jogos, problema que ele carregava desde a sua chegada ao Santuário, uma convivência nada pacífica e sempre combatida.

Assim como padre Davi percebia os jogos como um problema recorrente nos movimentos religiosos, especialmente na romaria a Santa Cruz dos Milagres; portanto,

<sup>70</sup> LOPES, Régis. *Padre Cícero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 20

<sup>71</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo II*. Paróquia de São Felix de Cantalicia. (1984-1993). p. 46

podemos inferir que a presença de jogos, barracas e festas não se restringe ao espaço de Santa Cruz dos Milagres. Martha Abreu demonstra como esses jogos, seja o bilhar ou as cartas, eram coibidos nas comemorações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro, mas que assim como em Santa Cruz dos Milagres, havia dificuldade em proibir;

o principal problema consistia em que a polícia tinha dificuldade em executar o artigo 281 do código criminal, que cuidava das casas de jogos, pois as posturas apenas especificavam e legislavam sobre a proibição de jogos nas ruas, praças e lugares públicos.<sup>72</sup>

Problema semelhante era vivido em Santa Cruz dos Milagres, medidas coercitivas eram tomadas pelo padre, mas sem grande efeito, pois todos os anos as barracas de jogos estavam presentes, levando, segundo o padre, as poucas economias dos romeiros, nessa disputa nem mesmo a polícia tinha força repressiva suficiente para burlar essa ação, além disso, as barracas de jogos consistiam em mais um dos atrativos da romaria, mesmo que essa atração custasse as economias dos romeiros.

Mesmo os jogos desagradando aos religiosos de Santa Cruz dos Milagres, os mesmos conseguiam perceber uma presença mais constante dos devotos nos atos litúrgicos, a Igreja sempre cheia não representava apenas o cumprimento do dever dos devotos, mas também um interesse em participar das celebrações, que também compunha as necessidades desses fiéis. Sendo, portanto, “opinião unânime dos padres e religiosos a abertura e aceitação do povo para as iniciativas propostas de pastoral, bem como o comportamento nas concentrações e celebrações dentro e fora da Igreja”<sup>73</sup>.

As ações de padre Davi para melhoria do Santuário não se restringiram a reorientar a liturgia, nem apenas coibir os excessos percebidos por ele na Festa de Exaltação, no ano de 1990, padre Davi Mendes dá início ao que ele considera como a “primeira Romaria a Santa Cruz dos Milagres”, trata-se da criação de uma nova manifestação religiosa, que reuniria fiéis de outras paróquias, que trazendo seus padroeiros para Santa Cruz dos Milagres, a reunião de vários santos que posteriormente seria chamada de Encontro dos Santos.

Vamos pensar de maneira mais intensa e, começar pela organização das romarias ao Santuário, buscando maior aproveitamento espiritual das mesmas.

Assim já na festa (Exaltação) o vigário convenceu a paróquia de São Felix do Piauí, onde está implantado o Santuário, para a primeira Romaria Oficial, marcada para o dia 28 de outubro, Domingo. O vigário foi depois a cada

<sup>72</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 268.

<sup>73</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo II*. Paróquia de São Felix de Cantalicia. (1984 – 1993). p. 75

paróquia comunidade: São Felix, Baixa Grande, Buriti do Castelo, Prata do Piauí, Aroazes e São Francisco levando o convite, preparando o tipo de organização, falando para o povo sobre o sentido do movimento. Cada comunidade deveria comparecer com o maior número de pessoas, levando a imagem de seu padroeiro [...].<sup>74</sup>

Analisando a partir das fontes diríamos que essa é de fato a intervenção mais representativa da Igreja de Santa Cruz dos Milagres na romaria, agora os resultados do trabalho feito por Davi Mendes ao longo de mais de 20 anos se faziam expressivos pela introdução no calendário do Santuário, de uma “Festa” com caráter religioso conciso e criado sob as bênçãos e autorização eclesial.

A sua função como padre era direcionar os cristãos para uma obediência aos preceitos de cristo e a valores edificados pela instituição a qual ele fazia parte; portanto, nada mais lógico que a Igreja, na figura de padre Davi, desse esse primeiro passo. Atitude que não foi tomada aleatoriamente, pelo contrário, ele criou ao longo do tempo condições de evangelização para pôr em prática o que considerava a verdadeira romaria.

A “I Romaria da Paróquia de Santa Cruz dos Milagres”, que logo se chamaria Encontro dos Santos, tinha como objetivo o aproveitamento pastoral e espiritual, considerando que o Encontro dos Santos começa às 5 da manhã do último domingo de Outubro e se encerra no mesmo dia após a missa. Podemos dizer que ele cumpriu o que era esperado, não há tempo para festa, jogos ou aglomerações prolongadas, os serviços começam e se conclui, deixando apenas os “corações alegres”.

É nítida a readaptação daquilo que poderia ser considerado como uma ação dos romeiros, e passa a ser uma estratégia da Igreja, mantêm-se os fiéis e ainda cria uma nova forma de celebrar a Santa Cruz dos Milagres, mas todas válidas para esses romeiros, que em grande número comparecem a essa nova celebração em louvor a santa. O que demonstra também que os romeiros celebram a santa, não importando quem coordena ou quem inicia o rito, valendo a celebração junto a ela.

### **2.3 Vaqueiros foliões: controle social e disputas na corrida de vaqueiros**

Retomado as disputas ocorridas em torno de Santa Cruz dos Milagres, uma rendeu muita discussão, apesar de algumas críticas terem ficado veladas e restritas ao ambiente doméstico, a atitude de coibir o movimento de vaqueiro iniciado por Davi Mendes colocaria o padre nos noticiários do Estado, visto como repressor de um movimento que compunha a

---

<sup>74</sup> SÃO FELIX. *Livro Tombo II*, Paróquia de São Félix de Cantalicia. (1984 – 1993). p. 88

Festa de Exaltação.

Portanto, pensando a Corrida de Vaqueiros como parte inerente e representante do ritual da Festa de Exaltação, cabe uma discussão mais individualizada dessa disputa, que como já citado em muitas circunstâncias, ficou tão restrita ao ambiente a ela circunscrito, que muitas pessoas sequer perceberam as mudanças, o que não exclui a sua importância para construção do trabalho.

A Festa de Exaltação tem um dia reservado para cada grupo, é o dia dos afilhados de Santa Cruz, das pessoas que possuem Cruz no nome, dos casais casados e o dos Vaqueiros, dia 05 de setembro, primeiro dia de festa as comemorações ficam a cargo dos vaqueiros, que fazem corrida em homenagem a Santa Cruz dos Milagres, uma tradição que não se perdeu com os anos, todos saem “fardados” como eles falam com gibão, chapéu e perneiras para do seu modo louvar a Santa.



Foto 6: Vaqueiros  
Fonte: Acervo pessoal de Edite

A imagem retrata um típico vaqueiro de Santa Cruz dos Milagres, encouraçado para

prestar homenagem a santa, a pose nos permite inferir a sua identificação com o papel que eles representam no momento são homens, vaqueiros de profissão ganham a vida na lida do gado, mas são antes de tudo os vaqueiros abençoados da santa parte da história de fé de Santa Cruz dos Milagres, assim o fotógrafo quis mostrá-los como respeitosos “cavaleiros” da sagrada cruz, Peter Burke nos lembra que nosso olhar também é direcionado pelas lentes da câmera.

As pessoas retratadas podem ser vistas com maior ou menor distância, num enfoque respeitoso, satírico, afetuoso, cômico ou desdenhoso. O que vemos é uma opinião “pintada”, uma “visão de sociedade” num sentido ideológico, mas também visual.<sup>75</sup>

Imagem do vaqueiro de Santa Cruz dos Milagres ainda se conserva no imaginário. O vaqueiro deve estar vestido de acordo para representar a santa; deve, como eles dizem, estar fardado, como bem nos lembra seu Edmundo Santos,<sup>76</sup> vaqueiro de Santa Cruz dos Milagres, que ao longo da vida trabalha na lida do campo e considera seu ato de comemorar a Santa um importante exercício de fé, além de levar para futuras gerações o respeito pela santa.



Foto 7: A criação de um novo vaqueiro  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

<sup>75</sup> BURKER, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 149

<sup>76</sup> SANTOS, Edmundo Rodrigues. Vaqueiro de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos em setembro de 2012.

Até o ano de 1969 a corrida de vaqueiros contava com o patrocínio da igreja para ocorrer. Essa manifestação abria as comemorações de exaltação a Santa Cruz dos Milagres, mas ainda em 1969 passou a ser questionada pelo padre, primeiro por conta do que ele considerava como falta de comprometimento religioso dos vaqueiros, assim como a falta de organização, alegação que será responsável por uma reviravolta no movimento.

Dia dos Vaqueiros, primeiro dia, porque se consegue uma melhor organização, no desfile anterior as corridas e mais ordem na própria (manifestação) movimentação das corridas. Merece estudo e atitude a tomar o fato de que se faz muito grande despêsa com hospedagem dos mesmos, e por parte deles nenhuma ajuda. O leilão realizado na hora não conta nem sequer com sua presença.<sup>77</sup>

O padre deixa claro que a manifestação é algo a ser pensado e, inclusive, passível de mudanças, por conta em especial das despesas que a corrida acarretava para a igreja, gastos esses considerados desnecessários, no entender do padre, em vista de serem os vaqueiros um dos principais elementos da devoção os mesmos deviam contribuir para que essa manifestação permanecesse.

O vaqueiro, na história da romaria, representa o primeiro agraciado pelo milagre, pois terá sua filha curada graças aos benefícios da Cruz e do Olho d'água, além disso, é o primeiro a ser apresentado para os objetos de milagre, apesar de não ter dado credibilidade as palavras do beato, pois “voltou ao seu trabalho esquecendo o incidente”<sup>78</sup>, retomando a sua vida sem tomar conhecimento do que lhe havia acontecido, até precisar da ajuda da santa.

O vaqueiro na constituição social do Piauí é uma figura emblemática e importante, um dos primeiros a percorrer e se instalar na terra junto aos primeiros bandeirantes, era ele o cuidador das fazendas de gado, servia como um “servo” aos senhores de terra e garantia os domínios desses senhores. Tanya Brandão questiona a sua condição de homem livre, já que mantinha certa posição de dependência em relação ao dono da terra.

Sua posição de parceiro, ou, como querem alguns, de sócio menor na empresa pecuarista, transitava-se com o passar dos anos para uma dependência, pois transformava-se num elemento de confiança do grande senhor, dando origem a vínculos difíceis de serem rompidos.<sup>79</sup>

Apesar de não ser o objetivo aprofundar as relações paternalistas experienciadas

---

<sup>77</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984). p. 23

<sup>78</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes de. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história*. S/n, 1996. p. 06

<sup>79</sup> BRANDÃO, Tanya Maria. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999. p. 155

pelos vaqueiros no Piauí, a afirmação de Tanya Brandão nos leva a pensar a própria condição de vida do vaqueiro agraciado com o primeiro milagre de Santa Cruz dos Milagres. Ele, assim como outros, no possível período da descoberta da Cruz, meados do Século XIX, viviam como agregados nas fazendas do semi árido piauiense, vivendo em alguns casos, em condições de pobreza extrema, diante desse quadro surge o socorro na figura de uma cruz, que viria para curar e salvá-los nas privações.

Esses trabalhadores serviam na terra dos outros e eram a marca da sobrevivência no semiárido, além disso, ser vaqueiro também era sinônimo de ascensão social nesse espaço em que ter terra significava riqueza e poder. Os vaqueiros, apesar de não serem os donos da terra, viviam dela e a ela estava ligado, como afirma Eurípedes Dourado, o povo do Piauí possui uma estreita ligação com a terra.

A posse da terra era um importante fator de diferenciação na organização social, sendo a profissão de vaqueiro a mais cobiçada pela massa de trabalhadores. Os vaqueiros estavam subordinados diretamente aos fazendeiros latifundiários; além disso, eram prestigiados socialmente por suas características de fortaleza e bravura.<sup>80</sup>

O vaqueiro piauiense também foi exaltado na literatura, Francisco Gil Castelo, considerado por alguns críticos como o precursor dos romances sobre a seca, descreve no livro “Ataliba – o vaqueiro”, a saga do vaqueiro do Piauí, principalmente sua capacidade de vencer as adversidades impostas pelo clima árido, o vaqueiro de Castelo Branco figura como herói do sertão, sobrevivente do clima árido piauiense.

[...] tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que era vaqueiro [...]. São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas.<sup>81</sup>

Assim, a figura do vaqueiro é pintada pelo imaginário sertanejo como um “homem do campo, figura heroica no imaginário nordestino, é o individuo que se arrisca no dia a dia pela sobrevivência”<sup>82</sup>, semelhança que o une a boa parte dos devotos de Santa Cruz dos Milagres, também homens do campo, que mesmo não inclusos na lida do gado, trabalham e

<sup>80</sup> DOURADO FILHO, Eurípedes de S. *Questão Religiosa no Piauí: a influência da imprensa piauiense no conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no período de transição Império/ República*. Teresina: UFPI, 1991. p. 33.

<sup>81</sup> CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba- o vaqueiro*. 6. ed. Teresina: Corisco, 2003. p. 32

<sup>82</sup> BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de mestrado. p.42

tentam sobreviver no clima árido do sertão piauiense, poderíamos, inclusive, pela semelhança, pontuá-la como o motivo da simpatia do povo pela corrida de vaqueiros.

Para além da fé, a corrida de vaqueiro é um acontecimento animado e segue um ritual pré-estabelecido desde as primeiras manifestações, as comemorações têm início com um café da manhã chamado de a alvorada, momento de confraternização e oração, logo no decorrer da manhã acontece uma primeira missa em homenagem aos vaqueiros, já à tarde, por volta das 14 horas, momento em que o sol está mais escaldante, tem início a corrida de vaqueiros, sempre com a bênção do padre, para dar início aos trabalhos.

A corrida de vaqueiros se inicia como uma linda e festiva desorganização, assim podemos adjetivá-la. Os vaqueiros, cada um em seu cavalo, é alinhado, mas os cavalos desobedientes costumam a se aquietarem e se alinham na linha de largada; portanto, a partida se dá aos atropelos, com uma, duas, três tentativas a largada é dada e todos em alinhado correm em disparada entre o sol e a poeira.

Em 1970, a corrida de vaqueiros perde o apoio da Igreja, como alegação principal o padre critica o modo como o movimento tem se mantido, resultando mais em despesas do que em fé, além da balburdia que causava, pois eles eram responsabilizados pela desordem que ocorrida na cidade no período dos festejos, principalmente no dia que correspondia ao seu movimento, padre Davi, então, expõe no livro do Tombo os motivos que o levaram a se afastar da corrida de vaqueiros,

este ano [1970] foi suspenso o movimento dos vaqueiros no dia 5, como já era costume. As razões que levaram o vigário a dispensar esse movimento foram: a) a enorme despesa que tinha a Igreja neste dia, com a alimentação dos vaqueiros, sem nenhuma colaboração da parte deles. b) a absoluta falta de ordem que reinava, sobretudo depois das corridas. O povoado ficava a noite toda tomado por uma enorme quantidade de vaqueiros embriagados, às carreiras e gritos pelo meio da rua.<sup>83</sup>

Vale lembrar como era o então povoado de Santa Cruz dos Milagres no período descrito. Tratava-se de um pequeno arraial, sem saneamento básico nem energia elétrica, situação que preocupava o padre, por conta, em especial, dos atos perniciosos que podiam acontecer nesse ambiente.

Imaginar os representantes da devoção a Santa Cruz bêbados e às voltas na cidade causavam descontentamento ao padre, mas as ações do padre eram interpretadas por alguns como medida válida para manter a ordem nos festejos e permitir o bom funcionamento da festa, como lembra Raimundo Dede, que durante a adolescência e parte da vida adulta

---

<sup>83</sup> SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984). p. 40

conviveu com padre Davi Mendes, chegou a trabalhar como um dos vaqueiros de Santa Cruz, na lida com os animais da fazenda Galiléia, para ele o objetivo do padre não era acabar com a festa, mas organizar o ritual.

[...] O que aconteceu nessa época quando passou para o Padre Davi foi que ele pediu que viesse mais a justiça pra controlar, pra controlar, muita gente bebia muito agitava, o cavalo variava entrava no meio do povo. Então ele pediu mais o incentivo da justiça pra justiça controlar, então ele queria organizar, mas dizer assim Acabar as corridas, eu nunca ouvi falar disso não eu vi falar na época desse homem [Luiz Luciano?] que falou isso, acho que ele era de Valença, mas não me lembro o nome.<sup>84</sup>

Para Raimundo Dede, as medidas do padre tinham apenas o propósito de controlar os excessos decorrentes, inclusive da ingestão de bebidas alcoólicas, um dos motivos de descontrole dos vaqueiros nesse período, que a cavalo andavam descontrolados. Raimundo Dede lembra que tudo era feito em prol de uma organização, o homem que ele diz sem nomear será um dos pivôs das disputas entre igreja e vaqueiros na festa de Santa Cruz dos Milagres.

Os excessos ocorridos após a corrida de vaqueiros haviam sido um dos principais motivos da retirada financeira do apoio a manifestação dos vaqueiros, esse momento de desorganização parecia excluir de fato o caráter religioso que o movimento deveria ter, sua função de homenagear a santa se perdia nas bebedeiras que ocorriam durante a Corrida, o desagrado do padre não pôs fim a manifestação, a própria Igreja continuou prestigiando o movimento, que “apóia e estimula, mas nunca como antes, quando tudo corria por conta da Igreja<sup>85</sup>”.

Como medida ele nomeia para a festa de 1975 o senhor Caçula Barbosa como presidente, para dar à manifestação uma nova dinâmica, delegar a organização a outra pessoa seria o modo de a igreja ver a corrida organizada e ao mesmo tempo manter o controle, assim não se perdia a festa e, conseqüentemente, poderia se ter uma festa nos moldes desejados.

Iniciamos a festa no dia 5, com a costumeira demonstração dos vaqueiros. Em número relativamente pequeno, e sem boa organização, levou o vigário a nomear, para a festa de paroano, o Sr. Caçula Barbosa como presidente, a vê se assim se fazem melhor as coisas.<sup>86</sup>

Melhorar a manifestação dos Vaqueiros será durante algum tempo um dos propósitos do padre nos seus primeiros anos em Santa Cruz dos Milagres, pois as melhorias na festa

<sup>84</sup> RAIMUNDO DEDE. Entrevista concedida a Patrícia Santos em setembro de 2012.

<sup>85</sup> SÃO FELIX. Op. cit. p. 49

<sup>86</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 79

eram pensadas no geral, não bastava coibir jogos, prostituição e bebedeiras, se dentro do próprio movimento da Festa de Exaltação havia problemas a serem sanados, como a própria organização dos símbolos da devoção, os vaqueiros.

Martha Abreu, ao tratar das festas religiosas no Rio de Janeiro, nos remete a essa ação de alternância entre “a repressão e a tolerância<sup>87</sup>”, atitude muito presente nas festas religiosas do século XIX, repressão que muitas vezes não era feita apenas pela igreja, mas também pelo Estado. Essas ações também existiram no contexto de Santa Cruz dos Milagres, onde o poder repressivo do Estado se fazia na intervenção da força policial, principalmente na coerção aos jogos.

Essa ação coercitiva do Estado reprimindo os vaqueiros não foi encontrada nas fontes, o que nos leva a acreditar que os mesmos, pensados como elementos da festa, podiam estar imunes às medidas repressivas, necessariamente não quer dizer que não possam ter sido em alguma circunstância barrados nos seus excessos, principalmente em relação ao que pontua o padre sobre as correrias a cavalo após a corrida.

É perceptível a tentativa de reorientar o rito, que deveria se adequar ao proposto pela ortodoxia da Igreja, “o clero deveria administrar a fé nos aspectos doutrinal, ritual e devocional. Nenhuma manifestação religiosa poderia ser realizada sem a autorização e a supervisão de um padre”.<sup>88</sup> O padre autorizava e orientava como devia ser a corrida, mas percebia que as mudanças não ocorriam de modo satisfatório, apesar da sua intervenção.

Mesmo com a nomeação do Sr. Caçula Barbosa, a manifestação não deu ao padre a resposta esperada, tanto que ele abre a exposição no Livro do Tombo da Festa de Exaltação de 1975, lembrando dos problemas da Manifestação dos vaqueiros, e acreditando ser necessário “levantar outro movimento para início da festa<sup>89</sup>”. Quando afirma de levar outro movimento para o início da festa, o padre não deixa claro se o objetivo é acabar com a manifestação ou apenas enfraquecê-la, ocorrendo de fato mudanças bem mais enérgicas no ano seguinte.

A corrida de vaqueiros ocorria anualmente e tradicionalmente na Fazenda Galiléia, “propriedade” de Santa Cruz dos Milagres, mas acontecimentos às vésperas da festa fizeram o padre mudar completamente os rumos da comemoração de 1976. Durante o treinamento dos vaqueiros no pátio da fazenda um mês antes da festa, alguns vaqueiros acabaram entrando em desentendimento, chegando ao ponto de um vaqueiro agredir outro dentro da casa da fazenda,

---

<sup>87</sup> ABREU, Martha. Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. In *Estudos Históricos*. 1994. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 7, n. 14. p. 188

<sup>88</sup> COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N.S da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004. p. 78

<sup>89</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 91

tal atitude levou o padre a suspender a corrida no pátio da fazenda Galiléia. Vale salientar que a proibição do padre no pátio da fazenda não significava sua proibição ao movimento, que em suas palavras podia fazer sua “programação em outro lugar.”

Eu queria evitar incidentes e rixas já iniciados, e não assumir em nome de Santa Cruz o abuso desenfreado de homens bêbados a noite toda, correndo a cavalo nas ruas estreitas do povoado, apinhados de gente. Que tudo acontecesse, mas não em nome da festa.<sup>90</sup>

A partir da fala do padre é possível perceber que sua atitude não se restringia a ordenação da corrida, mas também às consequências que a postura dos vaqueiros poderia acarretar a festa, ou seja, o olhar dos romeiros em relação às comemorações a Santa Cruz e, principalmente, o tipo de imagem que levariam de uma das maiores festas religiosas do Piauí, além disso, havia o receio de afastar os bons devotos, preocupação que levava o padre a olhar os vaqueiros como vilões.

Mas para a maioria da população residente na cidade, assim como os romeiros o movimento era considerado lindo, e os vaqueiros figuravam como heróis cheios de proeza, cheios eles também de histórias de maravilhas fantásticas realizadas por Santa Cruz, com cavalos que entravam na “igreja e se ajoelhavam”<sup>91</sup>, tudo pelo louvor e honra de Santa Cruz dos Milagres.

Os vaqueiros, como parte da história da devoção a Santa Cruz dos Milagres, tinham uma trajetória na festa que se confundia com a própria romaria, eram de certo modo parte do ritual, “a história do vaqueiro como é a história da Santa Cruz”, assim define Raimundo Dede quando questionado sobre a importância da corrida de vaqueiros, os personagens são os mesmos, praticando ritual que se mantém ao longo dos séculos quase inalterado.

Mas a ação do padre que pode ter passado despercebida para alguns, não foi ignorada por outros, um grupo de vaqueiros liderados por Luis Soares Barbosa compareceu a redação de um dos jornais de Teresina para protestar contra o impedimento da corrida de vaqueiros na fazenda Galiléia, atitude que segundo Luis Barbosa, havia ocorrido de maneira truculenta e com ajuda da força policial.

[...] compareceu à redação do Jornal O Dia para divulgar e protestar sobre o impedimento com uso descabido da Polícia, que aquele vigário praticou contra o desfile tradicional e pacífico de mais de seis vaqueiros, no dia 5 de setembro, maior parte da população se revoltou e os vaqueiros declararam-se ofendidos. Fizeram o desfile em outro município onde foram aplaudidos por

---

<sup>90</sup> SÃO FELIX. Op.cit. 97

<sup>91</sup> Edite. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Maio de 2012.

mais de 5 mil pessoas.<sup>92</sup>

O texto deixa clara a importância que a manifestação tem para a comemoração de setembro, sendo percebido como parte de sua tradição. Além do texto escrito pelo jornal, o próprio Luiz Barbosa quis manifestar-se, relatando no jornal os acontecimentos da festa e tratando, inclusive, de se mostrar indignado diante do que considerou um ato arbitrário do padre, além de rebater as acusações do padre de que os vaqueiros corriam bêbados.

[...] houve muita alegria. Não houve nenhuma alteração por parte dos vaqueiros, nenhum deles usaram de bebidas alcoólicas, pois que já é uma praxe adotada nessas ocasiões em que os mesmos se sentem muito orgulhosos de sua profissão.

O padre, apesar de não ter se manifestado contra as “denúncias” de Luis Barbosa, não se pronunciou publicamente, “o vigário nem sequer se deu ao trabalho de mostrar que havia lido a tal falsidade”<sup>93</sup>, a crítica do padre ficou restrita ao Livro do Tombo e provavelmente ao seu ciclo de convivência, não sendo um episódio muito discutido entre o povo da cidade de Santa Cruz dos Milagres.

A atitude do padre nos leva a duas possíveis constatações: primeiro, não dá credibilidade à fala de Luis Barbosa, evitando assim a repercussão do caso e, segunda, mostrar o quanto o movimento era desorganizado e, conseqüentemente, enfraquecê-lo. Já que pela sua fala percebemos que após a corrida na fazenda mesa de pedra e por conta da proibição feita o comportamento dos vaqueiros teria se agravado ainda mais, pois tudo “foi pior quando a noite toda abusaram de todo mundo, a polícia impotente para coibi-los”<sup>94</sup>.

Trabalhamos em um campo de duplo confronto ,o dito pelo padre e a fala dos vaqueiros, exposto na figura de Luis Barbosa, duas figuras importantes são representantes do poder, um da instituição Igreja Católica outro dos Vaqueiros, o certo nesse discurso é que nenhum dos dois saiu como vencedor, pois o movimento, além de permanecer, sempre foi um dos pontos altos da Festa de Exaltação, apenas deixou de ser realizada no pátio da fazenda Galiléia.

A alternativa encontrada pelo padre para conviver com a manifestação de vaqueiros é aceitá-la, tendo em vista que a corrida ainda é uma das maiores atrações da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres, hoje, inclusive, traz um caráter bem mais competitivo do que devocional, mas não deixa de ser uma linda homenagem a Santa, tanto que em 1985,

---

<sup>92</sup> VAQUEIROS PROTESTAM CONTRA A DECISÃO DO PADRE DE AROAZES. Jornal O Dia. Teresina, Ano XXV 10.09.1976 n° 4581. p. 6

<sup>93</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 98

<sup>94</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 97

observando o crescimento da Festa, o padre pontua a importância que a corrida de vaqueiros tem para os romeiros.

O dia 5 já foi extraordinário, com a primeira noite de novena, já tendo muitos batizados e casamentos na missa pela manhã. Ainda é ponto de atração neste dia a corrida de Vaqueiros, muito ao gosto da população.<sup>95</sup>

O tempo demonstra que a corrida de Vaqueiros ainda é um dos eventos mais esperados na Festa de Exaltação, atualmente é feita com caráter de evento esportivo, mas ainda atraindo um grande número de pessoas. A faixa etária dos vaqueiros que correm em louvor a Santa Cruz é diversa, com jovens entre 14 e 70 anos, assim como o sexo, hoje é permitido às meninas participarem da corrida.

Essas disputas por espaço vão ocorrer ao longo das comemorações de Santa Cruz dos Milagres e por mais que em algumas circunstâncias sejam camufladas pela oração ou mesmo alegria dos devotos, elas existem e a devoção se mantém pelas iniciativas de tolerância, até mesmo como medidas de manutenção do ritual e como forma da Igreja manter-se firme e empreender seu projeto de educação pastoral da romaria.

---

<sup>95</sup> SÃO FELIX. *Livro Tombo II*, Paróquia de São Félix de Cantalicia. (1984 – 1993). p. 62

### CAPITULO III

#### A ESMOLA DO SANTO SE PAGA COM FESTA

Pensar a romaria a Santa Cruz dos Milagres é também pensar a festa e os múltiplos acontecimentos que se relacionam com ela. Do pagamento da promessa aos pés da cruz às compras das lembranças, que depois de bentas servirão como patuá para quem as recebe de presente. Uma relação que se faz pela fé e pela alegria, uma festa que é ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar<sup>1</sup>.

Uma festa feita pelos devotos, que se aprontam a cada ano para reiterar seus votos com a Santa Cruz dos Milagres, que caminham alegres para celebrar a cura da doença e conquista do emprego, desejos cotidianos que se confundem com a fé pela santa, devotos que também vão em busca de sustento ao vender suas lembrancinhas ao pé do morro, alguns que mesmo sem devoção a santa correm ano a ano para os festejos para garantir o sustento, como Comerciantes Itinerantes<sup>2</sup>; há ainda os pedintes, figuras características da romaria, que fazem a vida de colher trocados dos Romeiros da Santa Cruz.

A festa a qual analisaremos ocorre em setembro, é a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres. São milhares de romeiros que seguem a pé, de ônibus, de motocicleta, a cavalo ou nos famosos paus-de-arara<sup>3</sup>. O importante aqui não é o modo como irão chegar ao santuário, mas sim chegar à cidade e prestar sua homenagem a santa. Esse momento é também marcado pelo divertimento, pelas barracas que invadem “o retiro da santa”, especialmente as que ficam nas proximidades da Igreja e do Olho d’água, essas barracas vendem de tudo, dos produtos da moda a especiarias.

Mas não são apenas as barracas ao pé do morro que fazem sucesso, as tendas improvisadas às margens do Rio São Nicolau fornecem outros artigos da festa, as bebidas, além de música e muito divertimento, uma prática que remonta às festas realizadas no início do século XX. As margens do rio atraem jovens e velhos tomados pela alegria e pela fé, elementos que transformam a pequena cidade, que tem sua monotonia quebrada pelo fluxo dos devotos de Santa Cruz dos Milagres.

---

<sup>1</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989. p. 13

<sup>2</sup> Utilizo esse termo para designar os chamados vendedores ambulantes.

<sup>3</sup> Segundo Aurélio Buarque de Holanda 1. Caminhão coberto, usado, sobretudo no transporte de retirantes nordestinos. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio escolar*: minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 520, mas além de servir de meio de transporte para retirantes é ainda o modo como muitos peregrinos se deslocam para os santuários no nordeste como é o caso de Santa Cruz dos Milagres e Juazeiro e Canindé no Ceará.

As comemorações de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres duram dez dias, tendo início no dia 05 de setembro e terminando no dia 14. Durante esse período a igreja e a comunidade se organizam para receber os visitantes, a própria programação do Santuário é feita para esse público, peregrinos de várias regiões do Piauí, Maranhão e Ceará, que cumprem rigorosamente a “obrigação” de visitar a santa piauiense.

A festa católica brasileira é marcada pela heterogeneidade não só na forma como é organizada, mas pelos sujeitos que a frequentam e que também a compõem, por misturas inusitadas, mas existentes, como um pai de santo que oferece esmola em troca da proteção de seu terreiro, que se diz afilhado e devoto do santo e que muitas vezes batiza sua tenda com o nome do santo católico.

A diversidade que orienta parte das festas religiosas brasileiras desde o período colonial, essa diversidade presente na devoção religiosa seria, como lembra Faustino Teixeira, uma possibilidade do ser católico brasileiro, que se caracteriza pela “grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado e com o outro mundo”<sup>4</sup>, ou seja, é possível buscar ajuda dos orixás e dos santos sem que com isso se perca a identidade de cristão católico, pelo menos assim pensam esses devotos que vivem uma religião dos múltiplos.

Apesar da “personificação” de Santa Cruz dos Milagres, pois a cruz aqui deixa de ser uma cruz e se torna uma pessoa, capaz de ouvir e cuidar de seus devotos, uma madrinha protetora que sabe ser atenciosa e solícita às preces de seus afilhados. Mas, há nessa festa traços que a assemelham a outras festas religiosas, uma das características diz respeito ao modo como teve início o seu culto. O aparecimento da cruz como descrito no primeiro capítulo, acabou por atrair milhares de pessoas à cidade, como lembra Alba Zaluar, em 1983, ao escrever sobre os santos e suas festas.

Dessa forma, aquela cidade ficava associada à imagem encontrada, esta considerada mais milagrosa do que outras “feitas”, ou ao santo que se tornava símbolo da coletividade. Por isso mesmo, desses santos dependia o bem-estar de “seu povo”.<sup>5</sup>

A cidade que abriga o santo passa a ser um lugar abençoado, possui uma característica divina para quem a visita, relação não muito diferente é vivenciada por seus moradores habituais, que por cotidianamente estarem presentes na cidade conseguem perceber seus problemas, suas dificuldades, o que não diminui o caráter sagrado da cidade, um lugar

---

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In *Revista da USP*, São Paulo, n.67, setembro/novembro, 2005. p. 17

<sup>5</sup> ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 61

que se diferencia dos lugares comuns, pois a fé e a emoção são vivenciadas plenamente.

A santa atrai para seu “domínio” seus devotos que dão, de certo modo, a medida de sua festa. A celebração a Santa Cruz dos Milagres se comanda, assim, pela alegria e pela contrição dos devotos, que de modo apaixonado dirigem sua atenção a santa. Devotos festivos que também se aprontam para as festividades ao cair do sol, que se servem da cerveja e das alegrias que essa fé a santa lhe proporciona.

A religiosidade católica desde o século XIX marcou suas celebrações por espetáculos de festa e alegria, com as missas campais que animavam e atraíam os fiéis, como nos lembra João José Reis, ao tratar as manifestações fúnebres na Bahia, mostrando toda a festividade de um catolicismo alegre.

Um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas da fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhados por corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos [...] procissões cheias de alegria, de que participavam centenas de pessoas.<sup>6</sup>

Missas que geralmente terminavam nos ímpetos das festas como “música, danças, mascaradas, banquetes e fogos de artifício alegravam os fiéis em apoteóticas homenagens aos santos de devoção”<sup>7</sup>. Pois assim festeja o devoto seu santo, entre brindes e batuques que não soam aos olhos da maioria como desrespeito, mas como modo festivo de celebrar as graças concedidas pelo santo.

As missas campais em Santa Cruz dos Milagres são também cheias de cor e alegria, realizadas no adro da igreja, que se reveste de um tom penitencial próprio, pois o calor e a intensidade dos raios solares tornam a missa ao ar livre um ato de sacrifício e fé, consequência também do tamanho da igreja, ainda pequena para receber os inúmeros fiéis nos dias de festejo, mas essa dificuldade não abate os devotos, a maioria acompanha resignado a celebração de aproximadamente 2h:30min, sob um sol escaldante.

Ao longo dessa transição e das próprias rupturas da história alguns traços foram deixados, que marcaram essa devoção católica. Parte dessas festas, inclusive organizadas por leigos, por confrarias, irmandades, que segundo Martha Abreu se organizavam “para incentivar a devoção a um santo protetor [...]”<sup>8</sup>. Leigos empenhados em homenagear o santo e angariar fundos para as necessidades de seus associados, atualmente os grupos de leigos,

---

<sup>6</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 49

<sup>7</sup> Idem. p. 49

<sup>8</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 34

geralmente bem ambientados aos rituais eclesiais, organizam-se pelo benefício da igreja e pelas obras de serviço aos mais carentes, são grupos de jovens, casais, filhas de Maria, mas ainda com função semelhante a exercida pelas confrarias e irmandades, a de promover a parte social das festas religiosas.

É nesse universo de alegria e devoção a Santa Cruz dos Milagres que buscamos transitar. Aqui buscaremos traçar a trajetória do devoto-festeiro que vai à procura de graças, mas que também aproveita as possibilidades de diversão, não perdendo com isso o foco do seu interesse a santa. Discutiremos ainda a importância dos comerciantes itinerantes para a dinâmica da festa, assim como os pedintes, figuras também presente na festa, que em muitas circunstâncias servem como instrumento da promessa.

### **3.1 Festeiro-rezador: a festa no culto a Santa Cruz dos Milagres**

Este ano foi o ano [1971] da grande festa, pela imensa multidão que ali se concentrou. [...] A renda financeira da festa foi realmente extraordinária, atingindo a importância de Cr\$16.500,00 (dezesesseis mil e quinhentos cruzeiros).<sup>9</sup>

Pelos escritos de Padre Davi Mendes no Livro do Tombo do ano de 1971 é possível perceber como ao longo do tempo a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres tomou proporções inimagináveis, uma festa que não crescia apenas em número de romeiros, mas também em receita, permitindo que mesmo em um ano de dificuldade para boa parte dos romeiros (seca, crise econômica no Estado), os cofres da santa permanecessem prósperos.

Além disso, o padre ficava admirado com o aumento a cada ano no número de romeiros, o que demonstrava a importância que a Santa Cruz dos Milagres passava a ter na vida do povo piauiense e de romeiros dos Estados vizinhos. Crescia o número de visitantes do santuário, fazendo com que outras figuras que acabariam se tornando parte da festa também procurassem por Santa Cruz: camelôs, mendigos, donos de barracas de jogos iam em busca das “benesses” produzidas pela comemoração a Santa Cruz piauiense.

A reflexão acerca da festa de Santa Cruz dos Milagres se fez pelo olhar do romeiro a partir dos diálogos com homens e mulheres que de forma distinta experimentam a festa em Santa Cruz dos Milagres, senhoras que se dizem avessas às novidades propostas pelas festas dançantes, mas que em algum momento de suas vidas participaram dos momentos festivos das comemorações a santa.

---

<sup>9</sup> SÃO FELIX. Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix de Cantalicia. (1968-1984). p.49

A oralidade norteou parte da pesquisa e serviu como mecanismo para a construção da trajetória da romaria a Santa Cruz dos Milagres. Construimos junto com os romeiros a narrativa dessa santa sertaneja; somos, como sugere Verena Alberti<sup>10</sup>, também peça importante na construção dessa narrativa; não só o romeiro propaga os milagres da santa ao narrar sua experiência, mas também o pesquisador ao se apropriar dessa memória e torná-la texto escrito.

As comemorações a pequena cruz milagrosa do Piauí começam pelas orações nas missas e novenas muito cheias de contrição e alegria, pois até na comemoração comedida os olhos se voltam em consternação e sorrisos de agradecimento e afeto a madrinha protetora, a Bendita e Louvada Santa Cruz dos Milagres, mas também muda o ritmo ao longo da descida do morro, a comemoração a santa se transforma em festa dos sentidos, com batucada cadenciada dos ritmos do momento, em um burburinho rouco e animado.

As festas dançantes ocorrem geralmente nos clubes da cidade, geralmente o gênero musical é o do gosto de todos “fórró”, que seguem animados tocando para os romeiros, que após visitarem a santa dançam animados, embalados pela alegria. As bandas mais famosas tocam nos clubes que ficam próximos ao Rio São Nicolau, os ingressos não são tão caros e o espaço é rústico e apertado, a iluminação precária permite que beijos e afagos descomprometidos aconteçam o início de romances que geralmente findam às margens do São Nicolau.

Os shows nos clubes geralmente são noticiados nas rádios locais, através de carros de sons e panfletos, que são fixados tanto nos lugares mais movimentados da cidade e também das cidades vizinhas, geralmente esses clubes trazem cantores nacionais, mas que não são tão conhecidos da mídia, mas que fazem muito sucesso nas festas populares do interior do Brasil.

A prefeitura também dá a sua contribuição para a festa, contratando bandas que animarão os romeiros. A parte da festa patrocinada pela prefeitura ocorre gratuitamente na praça principal da cidade, a prefeitura também é responsável pela segurança, limpeza e saúde, um aparato público que é ampliado e melhorado a cada festejo, para atender bem os inúmeros visitantes do período.

Mesmo sendo os jovens a maioria nos bailes dançantes eles não são exclusividade, pois os bailes acabam atraindo pessoas que estão à procura do entretenimento que a festa proporciona. Durante as entrevistas, a maioria das senhoras se dizem afastadas dessas experiências, estão ali para “visitar a Santa Cruz dos Milagres”, outras riem e dizem que

---

<sup>10</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*: Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 34

frequentavam a festa na época que nem “luz elétrica tinha”.

O correto é que trabalhamos com discursos diversos, de sujeitos que pregam uma devoção afastada do restante da festa, discurso que muitas vezes qualifica sua condição social. Hoje, mães, pais, avós e avôs que tentam disciplinar e educar os filhos para o que consideram uma educação cristã correta, suas expectativas e escolhas do passado ficam guardadas, mesmo que muitas vezes desperte sutilmente em uma cadência delicada dos pés.

Assim, esses sujeitos que “criam” uma representação de si mesmo através do discurso a produzem a fim de convencer quem escuta, ou seja, é importante para esses fiéis se mostrarem seguidores rígidos das doutrinas pregadas pela Igreja, que festejam a santa através de rezas e orações. Portanto, como lembra Mary Spink, a produção de sentido não é uma prática “intraindividual”, se produz no espaço social e para os indivíduos que estão inseridos nesse espaço, sendo a produção de sentido “uma prática social essencialmente dialógica, que frequentemente implica o uso de conceitos expressos em linguagem (verbal, icônica e gestual)”<sup>11</sup>.

A atitude diante das festas demonstra ainda que o discurso ouvido em outro momento da vida dessas senhoras funcionou como mecanismo de disciplinação, mesmo que ao longo de sua trajetória essas regras tenham sido quebradas ao participarem das festas, dos jogos, ou das diversões nos bares às margens do próprio Rio São Nicolau. A manutenção do discurso comprova a sua eficácia, que não funciona apenas com grupos políticos ou instituições organizadas, mas também “quanto a níveis mais restritos dos grupos sociais”<sup>12</sup>, como é o caso dos devotos de Santa Cruz dos Milagres.

A educação pastoral tão defendida por padre Davi Mendes ao longo do seu ministério era levada por algumas famílias como medida doutrinária e moral, mesmo que as regras fossem quebradas algumas vezes, o importante era como essas histórias seriam passadas ao longo do tempo, muitas senhoras ao serem interrogadas sobre sua participação na festa geralmente dizem que eram “moças de casa para a igreja”, assim mantêm seu discurso, como se a movimentação da cidade passasse despercebida e sem interferir nas suas vidas.

Antonio de Sousa, de 65 anos, agricultor e romeiro de Santa Cruz dos Milagres, diz que a primeira viagem ao Santuário foi feita movida pela curiosidade, ele não tinha nenhuma promessa para pagar com a santa nem se lembra de ter ido motivado em fazer algum pedido, o que seu Antonio lembra é que a visita ao santuário tinha mais o caráter de um passeio

---

<sup>11</sup> SPINK, Mary Jane. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>12</sup> SPINK. p. 40

turístico, uma saída de seus afazeres diários.

A primeira vez que eu fui! Eu fui mesmo... eu fui pra conhecer. Aí cheguei lá em Santa Cruz o cara vai paga uma esmolinha, aí fica divertindo por ali assim, aí volta por lá [Igreja], aí torna a ir de novo [para os divertimentos], certo que passa um dia com a noite.<sup>13</sup>

Seu Antonio, pela sua fala demonstra que divertimento e obrigação religiosa não são coisas separadas, pelo contrário, para ele a visita ao Santuário também é uma oportunidade de vivenciar experiências novas ou mesmo se desfazer por alguns dias das obrigações cotidianas como, por exemplo, a lida no campo. Ele inclusive reforça o ritual da chegada de ir a igreja deixar a “esmola” da santa, para só depois experimentar os outros atrativos fora do Santuário.

A ida a Santa Cruz requer um sacrifício de um ano guardando economias para a viagem, pois na maioria das vezes o romeiro vai com a família, o que gera um custo considerável no orçamento. Seu Antonio foi muitas vezes, com a mulher e a filha caçula para a festa, e conta que nem sempre há, da parte do organizador da romaria, preocupação com o veículo que vai levar os romeiros, episódio que às vezes acaba causando constrangimento, como revela seu Antonio, ao falar de uma dessas experiências.

Ano passado [2009] eu fui... foi ano passado? Não, foi ano trasado [2008], ano passado eu não fui. Aí o fretante fretou um ônibus velho, quando chegou no caminho caiu a porta, aquela do bagageiro. Aí eu disse “vixe Maria”. Perguntei ao motorista “digo rapaz cê não vai colocar a porta do ônibus não? Disse “não só quando chegar na garagem”. Aí eu digo pro Chico Grande [fretante] “cumpade Chico você me desculpe eu lhe dizer, mas se de outra vez você fretar um ônibus assim eu não venho mais nele não. Fica feio até pros romeiros.<sup>14</sup>

A preocupação do nosso romeiro Antonio também é com o modo como vão observá-lo “se era pra vir de qualquer jeito se vinha de caminhão” ele diz, certamente ele não quer ser relacionado com a pobreza que a peregrinação de caminhão representa, já que apesar do incômodo, a passagem é mais barata, ele também deixa claro sua alegria com a viagem.

O entusiasmo de seu Antonio se volta para a feira e para as festas, apesar de não beber bebida alcoólica, o romeiro se diverte observando o “movimento da moçada”, na alegria que vem desde a igreja e percorre toda a cidade, nas compras de lembranças para levar aos parentes e amigos que ficaram, voltando à igreja a cada badalada do sino, confirmando sua participação nas liturgias.

---

<sup>13</sup> SOUSA, Antonio de. Romeiro de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Outubro de 2010.

<sup>14</sup> Idem

A festa não atraía apenas o povo; políticos, se dizendo devotos da santa, visitavam o santuário no período do festejo em busca de bênçãos e se dizendo devotos fervorosos da santa, a fim de mostrar seu lado cristão, além de se assemelhar aos devotos da santa, observação inclusive feita por padre Davi Mendes ao registrar a presença de um dos governadores do Piauí na festa de Santa Cruz dos Milagres, visita considerada como “ponto alto da festa a presença do Sr. Governador do Estado, Dr. Dirceu Mendes Arcoverde, que veio especialmente para conhecer o Santuário”<sup>15</sup>.

Dirceu Mendes foi o primeiro político a se deslocar da capital, Teresina, para as festas de Santa Cruz dos Milagres. O governador defendia a posição de romeiro e dizia que visitava o santuário com o mesmo propósito que a maioria dos romeiros da Santa Cruz, mas o fato não passou despercebido pela imprensa piauiense, que publicou nota sobre a ida do Governador ao Santuário.

O Governador do Estado viaja hoje para o povoado de Santa Cruz dos Milagres, município de Aroazes próximo a Valença. [...] É esta, também, a primeira vez que um governador de Estado deixa a capital para participar das festas religiosas na região de Aroazes.<sup>16</sup>

A ação de visitar o Santuário será repetida ao longo dos anos por outros políticos piauienses, governadores, deputados, prefeitos, vereadores; enfim, políticos de todas as ordens, que vão agradecer as graças concedidas pela santa, período de campanha eleitoral e momento de políticos disputarem com a santa atenção, todos é claro, como fiéis romeiros de Santa Cruz.

Ao chegarem ao Santuário, políticos e romeiros cumprem prioritariamente a parte religiosa, que se configura como compromisso mais importante, e o primeiro do romeiro-devoto. Ao visitar o santuário, ele então deixa o ex-voto, caso tenha ido pagar promessa, ou faz um pedido, participa da missa e das novenas, deixa sua “esmola” antes de partir para qualquer outra distração, a santa que ocupa sua atenção na chegada à cidade.

No alto do morro fica a igreja e a casa paroquial. Todo “romeiro” tem por primeira obrigação ao chegar, ir à igreja rezar, deixar sua “esmola” no altar, soltar alguns foguêtes. O serviço religioso desenvolve-se tumultuado pela multidão.<sup>17</sup>

A descrição feita por padre Davi Mendes no Livro do Tombo demonstra que para o devoto da santa para além de qualquer outro atrativo vem a santa e sua obrigação com ela,

<sup>15</sup> SÃO FELIX. (1968-1984). p. 98

<sup>16</sup> DIRCEU EM FESTAS RELIGIOSAS. In Jornal o Dia. Teresina. 12 set. 1976. p. 6

<sup>17</sup> SÃO FELIX. . (1968-1984). p.03

mas apesar de admitir a fidelidade do devoto para com a santa, o padre também reclama do modo como o serviço religioso era feito, entre o tumulto e a pressa, já que muitos poucos atentos à homilia do padre, queriam de fato chegar perto da santa, pedir a bênção à madrinha, renovarem sua “conversa” e o compromisso com a santa.

No Brasil a mistura entre festa e devoção tem sido objeto de muitas pesquisas historiográficas, especialmente a partir da década de 1990. Deixa-se de pensar na festa como momento de supressão da vida cotidiana e se passa a observá-lo como um espaço social heterogêneo e marcado pelas tensões e diferenças socioculturais que não desaparecem na festa de devoção, nem mesmo as recomendações da Igreja por um comportamento centrado na fé e na oração regulam totalmente esses devotos, as tensões; portanto, não se excluem pelo tempo da festa, apenas se modificam.

Esse espaço um tanto desorganizado entre o sagrado e o profano na festa religiosa brasileira parece se desfazer ao tratarmos da festa de Santa Cruz dos Milagres, a feira com a venda de artigos religiosos se inicia ainda no espaço sagrado na escadaria a pouco mais de 100 metros da igreja, conservando o espaço do adro da igreja, mesmo que algumas vezes essa regra seja quebrada os comerciantes deixam o adro livre da feira, como modo de manter a boa convivência com a Igreja.

Martha Abreu, ao pesquisar a Festa do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro do Século XIX, nos lembra da heterogeneidade dos sujeitos e da própria festa de devoção, que conseguia, pela diversidade, atrair muitos devotos-foliões. Agregavam do negro aos brancos, que mesmo com modos diferentes de se relacionarem com o santo, se misturavam na mesma festa.

Misturando em doses variadas uma devoção religiosa, uma corte imperial plebéia e muitas diversões profanas, a festa no campo de Santana era a que prometia mais que todas [...], a festa no campo de Santana incluía ainda feira livre, onde negras com seus apetitosos tabuleiros vendiam roscas do espírito-santo, pães variados, marcados com a pombinha [...]<sup>18</sup>

Algo semelhante à festa descrita por Abreu ocorre em Santa Cruz dos Milagres, com suas barraquinhas de comidas e bebidas, que oferecem para o romeiro a “alegria do corpo e da alma”, devoto que depois de ter cumprido sua obrigação com a santa, faz suas compras de lembrancinhas e se anima à noite toda nos forrós, sempre lembrando que cedo da manhã terá de novamente reiterar seus votos com a santa, participando da missa.

---

<sup>18</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, pp. 65-66.

As apetitosas barracas de comida servem desde os alimentos típicos da região, como panelada<sup>19</sup> e guisado, uma mistura de carne de gado e porco cozidos, pratos bem ao gosto dos romeiros. São servidas na festa outras guloseimas, lanches rápidos como sanduíches, cachorro-quente e pastel, uma grande quantidade de aperitivos que são degustados não só pelos devotos, mas também pela população da cidade, que se entrega ao burburinho e se diverte junto com os visitantes.

Assim não cresce apenas o interesse pela santa, mas pelos movimentos que margeiam a romaria, como os bailes e as próprias barracas de bebidas e comidas, que “distribuem” alegria e garantem o divertimento daqueles que além de buscarem a santa também desejam esquecer os momentos de dificuldade da vida. Esse momento de supressão não significa instantes de conformismo, ao contrário, o devoto que procura o santo deseja resolver questões práticas da vida, coisas que possam lhe garantir sossego e bem-estar.

Essa garantia de vida plena possibilitada pela intervenção do santo na vida do devoto explicaria um pouco da distância que boa parte desses fiéis mantém com a própria ortodoxia católica, a igreja prepara os homens para a “vida eterna” a ascensão ao reino dos céus, mas para esses devotos o agora é que sugere urgência. Monsenhor Chaves, ao escrever sobre a evangelização, discute a hierarquização da formação religiosa do Piauí e o excesso de tradicionalismo, lembrando inclusive a necessidade de se pensar nas questões práticas, possibilitando uma aproximação com os fiéis.

[...] o exercício das funções sacerdotais de um lado, e do outro, a conformidade dos atos sacramentais com as normas eclesiais, eis o que importava acima de tudo. Não interessava tanto o significado dos atos religiosos; interessava, sim, que fossem praticados e válidos. Nasceu e se consolidou assim, no Piauí, uma vida religiosa desligada das realidades terrenas e exclusivamente voltada para a vida depois da morte.<sup>20</sup>

Mas ao mesmo tempo em que regras são estabelecidas é pela interação construída nas festas religiosas que a Igreja mantém seu rebanho próximo, ao transformar rituais aparentemente banais em ritos da igreja, ela institucionaliza parte da festa e ao mesmo tempo se adequa às novas exigências de seus paroquianos. No caso da festa de Santa Cruz dos Milagres, ao permitir a santa como madrinha ou mesmo a festa dos vaqueiros, ela se insere no ritual dos devotos, permitindo uma evangelização para uma “vida eterna”, mas também uma

---

<sup>19</sup> Panelada: Comida típica do Piauí e de boa parte do Nordeste, feita de tripa, bucho, bofe e unha de boi. In CUNHA, Paulo José. *Grande enciclopédia internacional de piauiês*. 3. ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2008. p. 226.

<sup>20</sup> CHAVES, Monsenhor Joaquim. *Evangelização no Piauí: perspectiva histórica de sua implantação e estruturação*. In *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves- FMC, 1998. p. 247.

plena vida terrena.

A festa também é lugar de interação social, de encontro com os conhecidos que moram distante, vistos apenas nas festas dos santos, lugar de celebração da vida, confirmado pela participação nos atos litúrgicos e nas festas profanas, onde música e bebidas também representam esse momento de fé. Vera Jurkevics retoma as festas no período colonial, onde as celebrações garantiam os encontros e a alegria nas áreas urbanas e rurais.

[...] as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões - caminho do devoto à Casa do Pai - repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício.<sup>21</sup>

Partindo das discussões de Jurkevics e Abreu diríamos ainda que as festas religiosas são também um lugar de disputa, onde as determinações eclesiais são frágeis, mas não exclusas do jogo de poder que se efetua nesse espaço. Ao passo que a Igreja tenta doutrinar os fiéis, os mesmo se sentem próximos das divindades pela fé que devotam ao santo, inseridos numa linha muito tênue entre profano e sagrado<sup>22</sup>.

Os rituais da Igreja acabam também se inserido no espaço dito profano, pois a procissão leva para a rua as relíquias do santo, passeiam aos olhares atentos de seus devotos, o tempo da rua parece parar para o desfile do santo. Santa Cruz dos Milagres é levada pelos braços de devotos alegres que levam de modo respeitoso, e acima de tudo cuidadoso, a querida santa. Por onde passa a santa recebe aplausos e olhos lacrimosos celebram num ritual sagrado e profano o passeio da Divina Santa Cruz pelas ruas da cidade.

---

<sup>21</sup> JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a materialidade da Fé. In *História: Questões & Debates*, Curitiba: UFPR, n. 43. 2005.p. 73

<sup>22</sup> Perspectiva defendida por João José Reis para melhor compreensão ler *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*.



Foto 8: Procissão – Santa Cruz nos braços do povo  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

Santa Cruz dos Milagres se efetivou ao longo dos anos como um espaço de atração de devotos e admiradores da santa, boa parte formada por camponeses que vêm de várias regiões do Piauí às centenas, geralmente em grupos, ou seja, em romaria, a santa passa a ganhar destaque nos meios de comunicação piauienses a partir da década de 1970, principalmente pela grande explosão de devotos que se deslocavam de suas casas para aproveitar os dez dias de festa.

Considerada por muitos como a mais tradicional e movimentada festa religiosa do interior do Piauí, Santa Cruz dos Milagres, [...] está atraindo atenção de piauienses de todo o Estado para as novenas [...] essa verdadeira procissão de fiéis de todos os cantos, que partem em direção à milagrosa igreja, cuja relíquia religiosa é consagrada pelos católicos piauienses.<sup>23</sup>

Apesar das novenas ditas pelo jornal como atrativo aos fiéis, eram também as festas um atributo a mais para a ida desses devotos, além de cumprirem seu compromisso com a santa, esses devotos buscavam nos bailes e casas de prostituição, lugar onde se pode encontrar

---

<sup>23</sup> SANTA CRUZ DOS MILAGRES ATRAI FIÉIS NA SUA FESTA. Jornal O Dia. Teresina 12 set 1976. p. 1

bebidas e amores passageiros, que podem durar uma noite ou os dez dias de festa, esses funcionando com “complemento” de sua alegria, por mais que a santa seja colocada como motivo principal da ida à cidade, é também os diversos atrativos ditos profanos que levam esses devotos a visitar a cidade, principalmente os mais jovens.

Perceptível na relação desses devotos, sejam eles jovens ou idosos, é o discurso, o modo como relatam sua relação com a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres, as senhoras sempre dizem nunca terem se interessado pela festa, “não perdiam tempo nos bailes”, que iam sempre motivadas pela fé na santa, mas os jovens colocam a parte profana da festa como elemento primordial para atrair tantas pessoas, admitem que vêm pela santa, mas o que os leva a frequentar o Santuário todos os anos é também a possibilidade de se divertirem nos bailes.

Depois do pedido ou da promessa paga os devotos descem o morro e vão em busca de outros atrativos, a festa, que mescla dança e bebidas em uma roda festiva de agradecimentos a santa. A romaria também se constitui pela oposição entre a penitência e a alegria<sup>24</sup> e, se torna também um acontecimento festivo, um lazer para os sertanejos. Principalmente para os mais jovens, que entendem a festa do santo também como momento de conagração. “a festa é um dos motivos da minha vinda”, fala a jovem romeira da Santa Cruz dos Milagres, na pressa de pagar a sua esmola e “como turista”, visitar outros recantos na terra da santa.

Vale ressaltar que os jovens não são os únicos consumidores da festa, mas são eles que evidenciam seus interesses. Na ida à cidade desejam visitar o Santuário, são eles, na maioria, devotos, mas também querem aproveitar os bailes, os namoros e a bebidas ao longo dos dias de festa. Os mais velhos, na faixa etária entre 40 e 80 anos, não admitem participar nem terem participado no passado, principalmente as mulheres, que se posicionam como devotas contritas, afirmação quebrada ao se visitar os clubes e barracas de bebidas próximos ao Rio São Nicolau, onde a heterogeneidade social e etária fica evidente.

Os jovens são os principais consumidores dos eventos ao redor do Santuário; cumprem, como todo “bom romeiro”, sua obrigação com a santa ao chegar à cidade: assistem a missa, colocam sua oferta e depois descem o morro em direção ao Rio São Nicolau, onde se concentra a maior parte das barracas de comida e bebida nesse período de festa. Vânia Sousa, devota de 32 anos, diz ter recebido ao longo da vida muitas graças de Santa Cruz, mas não nega que gosta também da diversão propiciada pelos festejos, divertindo-se.

---

<sup>24</sup> STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bahia. Petrópolis – Rj: Vozes, 1996, p. 133

Eu venho pela Santa Cruz, mas não deixo de prestigiar a festa. Não vou mentir (risos). Inclusive no ano passado eu saí da missa, aí eu falei assim “agora eu vou pra o Rio e vou tomar uma cerveja”. Minha filha eu levei uma queda tão grande que fiquei roxa, roxa (risos). Porque eu não vou negar porque eu venho pra cá também ... a gente chega aqui na sexta, aí passa a sexta, passa o sábado e volta no domingo; a gente brinca no rio, toma banho, se tiver uma festa no clube a gente vai. Não vou te dizer que não vou [...]”<sup>25</sup>

Considerando esse momento como parte dos festejos religiosos, observamos na fala de Vânia uma assertiva curiosa, a de não negar aos outros que frequenta os outros atrativos da festa. Vânia nos conduz, pela sua fala, a um espaço em que é necessário demarcar a fé, pois para ela a santa é responsável por boa parte das coisas que conquistou ao longo da vida, como o carro que possui, mas também nos permite perceber como os diálogos sobre Santa Cruz dos Milagres são constituídos por vários sujeitos.

O historiador surge nesse diálogo oral como “contador da história” dos outros nos posicionamos do lado contrário dos devotos, que constroem e mantêm viva não só a devoção, mas a própria festa e todo ritual e, somos em parte os escritores dessa história. Como sugere Portelli, mantemos uma interação entre o diálogo com os interlocutores e o texto escrito, nos afastamos dos Romeiros-devotos pela transformação da oralidade em escrita.

Na relação de diálogo oral, as barreiras são tangíveis – mas mais fluidas e móveis, renegociadas e modificadas continuamente em função da interação entre interlocutores [...] a história oral é uma arte que requer vários sujeitos, para os quais a diferença é tão necessária quanto a consonância. Muito da dramaticidade e da eloquência da entrevista derivam da consciência da separação e da diferença que existe entre nós.<sup>26</sup>

Essa diferença citada por Portelli também permite que criemos nossa própria memória, no caso de Santa Cruz dos Milagres construímos nossa própria referência dos acontecimentos da festa, muitas vezes perpassados pelos relatos dos romeiros, com isso construímos uma ação do passado, que será eficaz no entendimento dos acontecimentos presentes. O próprio relacionamento do romeiro com a santa e a festa é resultado de suas memórias e de seus antepassados, assim nos lembra Alberti, que construímos junto com os romeiros uma memória do passado, interferimos e agimos na memória.

Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias- as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de

<sup>25</sup> SOUSA, Vânia. Entrevista Concedida a Patrícia Santos em Setembro de 2011.

<sup>26</sup> PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 35

uma forma e não de outra.<sup>27</sup>

Percebemos então a ação dos romeiros na construção da memória religiosa de Santa Cruz dos Milagres, uma memória imbricada pelos inúmeros acontecimentos sociais e pessoais vividos por cada um desses romeiros, assim o seu cotidiano e suas experiências tornam possível a individualidade no modo como tratam a santa, mas também a tornam pública ao relatarem a conquista da graça.

Mas não é só o milagre que atua pela fala dos romeiros, mas também outros “personagens” Pela fala da romeira Vânia encontramos outro ator dessa festa, o Rio São Nicolau, uma atração a mais nesse período de festejos, como no mês de setembro o rio está raso por conta da estiagem, ele acaba proporcionando aos romeiros diversão sem custo e sem perigo, pois a pequena profundidade do rio permite que combinações perigosas de água e bebida não pareçam tão arriscadas. Durante a tarde, período de temperaturas elevadas na região, as margens do rio chegam a concentrar um número considerável de romeiros, que se divertem bebendo e comendo na beira do rio.

As barracas à beira do rio constituem um lugar de heterogeneidade cultural e social onde pessoas de classes e culturas distintas se encontram. Um lugar que, se comparado lembraria as festas religiosas do século XIX, estudadas por Abreu e descritas por Mello Moraes<sup>28</sup>, lugar onde as diferenças são apresentadas, mas também as semelhanças acabam proporcionando uma união “[...] o “povo” se revela em variadas e híbridas doses de etnia, cultura e encontro, que produziam, por um lado, o mestiço, e, por outro, ritmos, gostos e danças partilhadas por todos os participantes [...]”<sup>29</sup>.

As diferenças, sejam elas culturais ou econômicas aparentemente estão ocultas, pois a bebida e comida oferecida é a mesma para ricos e pobres não há uma barraca com atendimento diferenciado ou mesmo uma barraca exclusiva, todos acabam ocupando o mesmo espaço as diferenças são evidenciadas pelos carros ou mesmo pela roupa usada por esses romeiros.

---

<sup>27</sup> ALBERTI. p. 35

<sup>28</sup> MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>29</sup> ABREU, op.cit. p. 152



Foto 9: Diversão as margens do São Nicolau  
 Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

O Rio São Nicolau é um dos lugares mais heterogêneos da festa, espaço onde gostos musicais se confundem em um burburinho muitas vezes incompreensivo. É lugar também onde o mercado atua, com a venda de comidas e bebidas, com barracas que fazem de tudo para atrair o público com música ao vivo e bom atendimento, além disso, por está as margens do rio possibilitam ao cliente se refrescar nas águas do São Nicolau.

Aproveitando o grande número de pessoas que freqüentam as margens do São Nicolau os vendedores de sorvete e “chupadinho” uma espécie de suco de frutas congelado e ensacado, ganham seu trocado vendendo essas delicias geladas, um alívio ao calor de quase 40° graus. A maioria desses vendedores é do estado do Piauí e olham com certo ar de inveja a diversão nas águas do rio. Um dos vendedores de sorvete olha admirado e animado a alegria dos romeiros e exclama entre risos “a maioria dos jovens vem para brincar, olha um rio bom desses...” e segue entre o povo levando sua delicia gelada.

A jovem Carminha de 25, apressada em ir visitar o Santuário diz que estava ali

também para se divertir e que sempre vai a Igreja “deixar a esmola da santa”<sup>30</sup> e acredita inclusive que deve cumprir a sua parte com a santa afirmando que não sendo cumprida as suas obrigações religiosas, pode haver “castigo da santa”, mas após “resolvidas” as coisas com o santo é hora de se deixar seduzir pelos atrativos do “mundo”, assim seguimos Carlos Rodrigues Brandão que percebe nas ações desse povo devoto a necessidade de se celebrar a vida e a conquista possibilitada pelo milagre do santo.

O devoto católico, resolvida suas contas com o sagrado entrega-se sem culpa a outros jogos de sedução. Essa “parte profana” da festa é tão indispensável quanto outras [...]. Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão.<sup>31</sup>

Diversão lembrada pelas romeiras Vânia e Carminha como complementar a própria festa tão indispensável quanto visitar a santa, mas ao mesmo tempo perniciososa aos olhares mais conservadores sutilmente lembrados pela romeira. O Rio São Nicolau citado por ela é até hoje um dos principais pontos de atração do povo, onde se concentra a maioria das barracas de bebidas, era também no início da década de 1970 um dos principais pontos de prostituição na época.

O Rio São Nicolau foi ao longo da festa de Santa Cruz dos Milagres um lugar polêmico, protegido pela relva e até a década de 1980 pela escuridão, o rio era ponto de encontro e lugar de práticas nocivas aos “bons romeiros”, bebida, música e prostituição que afastavam os devotos da boa prática pastoral, de um real exercício cristão, na década de 1980 com o propósito de orientar pastoralmente os devotos uma caminhada foi feita pelo padre e religiosos em direção ao rio.

Continua o padre e as irmãs na busca de um tipo de pastoral que possa realmente atingir este povo nas circunstâncias seculares dessa celebração. Esta tomando forma um tipo de reunião que se faz no salão paroquial e, parece que mais afirmativo, uma caminhada que se faz da Igreja até o Rio São Nicolau.<sup>32</sup>

O padre não é explícito na discussão quanto a relação da Festa de Exaltação com os atrativos às margens do São Nicolau, mas essa educação religiosa dos devotos seguia em direção a um dos principais pontos de confluência do povo, quando buscam bebidas e diversão, próximo ao São Nicolau se concentram também as casas de show responsáveis pela atração musical nesses dez dias de festejo.

<sup>30</sup> Carminha. Entrevista Concedida a Patrícia Santos Setembro 2011.

<sup>31</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989. p. 13

<sup>32</sup> SÃO FELIX. Livro Tombo II, Paróquia de São Félix de Cantalicia. 1984 – 1993. p. 24

### 3.2 De peregrino a “esmoler”: esmola como voto

Santa Cruz dos Milagres como objeto de pesquisa abre inúmeros campos de análises relações diferentes a cada uma de suas três festas, mas nenhuma tem tantos elementos quanto a Festa de Exaltação, por conta disso abrimos espaço para os elementos mais significativos da festa: a devoção, a festa e o mercado, que competem por espaço nessa festa aclamação a Santa Cruz dos Milagres.

Mas há algo nesse “quadro” da festa de Exaltação que de certa forma é inerente ao próprio Santuário, que funciona como um dos “elementos” do ritual de devoção na festa, os “esmoles”, como são chamados pelos devotos, ou peregrinos como eles se autodenominam. Esses pedintes ficam alguns durante toda festa outros chegam nos últimos dias, quando aumenta a movimentação de romeiros, seguem e se acomodam no adro da igreja para ganhar sua “joia”<sup>33</sup> dos romeiros de Santa Cruz, aproveitando-se do espírito fraterno e generoso dos devotos nesse período.

São homens e mulheres que chegam geralmente em bando, trazendo a família inteira, mas há os que viajam sozinhos para Santa Cruz dos Milagres para pedir esmola. Esses “peregrinos” acabam fazendo parte da promessa do devoto, pois além da esmola do santo esses devotos levam também a esmola do peregrino/ “esmoles”, como modo de retribuir à santa os benefícios conquistados.

Grande parte desses pedintes vem de cidades do semiárido do Ceará, especialmente Crateús e Tianguá, cidades que fazem divisa com o Piauí o que tornam o trânsito para a cidade de Santa Cruz dos Milagres mais fácil; também há número expressivo de pedintes vindos do Pernambuco, e uma pequena parcela de piauienses e maranhenses, muitos desses pedintes além de pedirem nos festejos estão presentes nas regiões mais urbanizadas dos Estados, nas cidades de grande e médio porte, sobrevivendo dos trocados que acumulam durante o dia.

A maioria desses peregrinos/ “esmoles” sobrevive pedindo de festejo em festejo e são parte constituinte da própria festa; alguns devotos chegam a fazer promessas em que os beneficiados são os “mendigos da Santa Cruz”, considerados por muitos devotos como pessoas necessitadas que precisam da caridade dos “irmãos”, generosidade que se amplia se forem agraciados com o milagre.

A trajetória de Rivaldo, 44 anos, e sua “relação” com os pedintes se deu a partir da

---

<sup>33</sup> Denominação utilizada pelos pedintes para se referir as esmolos.

intervenção de Santa Cruz dos Milagres, pela conquista de uma graça que segundo ele foi ocasionado pela fé que tem na Santa Cruz de chapada. Rivaldo saiu de casa como migrante para São Paulo em busca de trabalho. Ao chegar à cidade sem trabalho e sem ter onde ficar pede a intervenção da santa para conquistar um emprego na capital paulista “e com quatro dias lá me apeguei com ela [Santa Cruz dos Milagres]”<sup>34</sup>, Rivaldo promete à santa que se tivesse a graça atendida distribuiria alimentos e dinheiro aos “mendigos de Santa Cruz”.

Graça concedida, Rivaldo acompanhado dos filhos faz uma verdadeira distribuição de mantimentos e dinheiro, e chega a ser cercado por uma dezena de crianças, todas com as mãos estendidas entoando a ladainha “Oh romeiro de Santa Cruz me dá uma esmola”, cena que se repete todos os anos e que provavelmente pode ter sido um dos motivos para a caridade de Rivaldo ter se direcionado para eles, as crianças geralmente sujas e maltrapilhas ascendem à solidariedade de homens e mulheres.

Em Santa Cruz dos Milagres a prática de pedir esmolas é recorrente, famílias inteiras vestidas em trapos, com seus filhos, ecoam em uníssono a frase dos pedidos “ei meus romeiros me dá uma esmola”, quando são crianças ou velhos sempre ganham um agrado a mais, pela caridade e em nome de Santa Cruz dos Milagres saem felizes com seu quinhão, feito promessa.

Mas muitos desses homens e mulheres pedintes já tornaram o ato de pedir esmolas como parte de suas vidas, quase uma profissão, colocando inclusive toda a família nesse “empreendimento”. Mulheres e crianças são os principais personagens, e também os mais lucrativos, homens quando se ocupam do serviço de pedir esmolas geralmente são deficientes físicos ou idosos, e convencem principalmente pelo ar de sofrimento que esboçam.

Os idosos ou mães com criança de colo passam o dia inteiro sentados no mesmo lugar, quase imóveis, estendem a mão apelando para comoção dos transeuntes, que geralmente não conseguem ser indiferentes a tantas mãos clamando por esmola; assim, um ciclo ininterrupto e crescente faz ampliar o número de idosos e crianças que recorrem à caridade dos romeiros de Santa Cruz dos Milagres para sua manutenção.

---

<sup>34</sup> Rivaldo. Romeiro de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Setembro de 2012.



Foto 10: Os “esmoles” de Santa Cruz dos Milagres  
 Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

O grupo da fotografia acima veio todo do Ceará e a grande maioria é de idosos que tem entre 70 e 80 anos, eles vêm de carro, com um grupo bem grande e heterogêneo, composto também por mulheres jovens, 6 a 7 crianças e uns dois deficientes físicos. O motorista responsável pelo transporte desses pedintes geralmente fica junto aos carros e quase nunca se apresenta, a não ser que o idoso seja deficiente e ele tenha de empurrar a cadeira de rodas, já que região é muito íngreme.

A fisionomia dos pedintes é de sofrimento o apelo para a dor que transforma a solidariedade em trocados que são deixados nas suas cuias, o acumulado do fim do dia chega às vezes a impressionar, mas nada que seja divulgado, a resposta ao questionamento da quantia que recebem é sempre o mesmo: “Dá pra comprar os remédios”. Em um lugar onde os devotos vão, em sua maioria, em busca de curas, nada melhor do que apelar pelo sofrimento adquirido por uma moléstia para ganhar as esmoladas.

Tanto os idosos quanto as crianças são “treinados” para não responder a perguntas, os idosos quando questionados dos motivos de estarem pedindo sempre dizem que fazem isso para comer, se perguntados se estão sozinhos desconversam e sorratamente transferem a

atenção para outro romeiro; as crianças, apesar de atraídas pelas perguntas feitas a elas, também saem cautelosamente, correndo morro abaixo em busca de “moedinhas” ou algum lanche oferecido pelos romeiros.

Utilizamos com isso a imagem para demonstrar o caráter de sofrimento que alguns desses pedintes carregam, são traços que nos incitam a questionar se seriam reais ou “fingimento”, fruto do momento e da circunstância, pois são antes de tudo homens e mulheres. A fotografia permite observar as lacunas, como nos lembra Sandra Jatahy, Pesamento de observações indescritíveis, mas que estão ali para a avaliação de olhares atentos.

[a fotografia mostra] os silêncios e lacunas, as coisas ou sentidos para os quais ela aponta, e que não são mostrados, a insinuar uma continuidade da trama ou da cena, ou a apelar para outros significados, presentes em outras imagens.<sup>35</sup>

Essas imagens construídas pela percepção do fotógrafo e pelos indícios que ele quer apresentar dialogam em um campo tenso de pessoas que vivem da atividade de pedintes, mas que se escondem a qualquer questionamento. São elas necessitados inocentes? Sem perspectiva? São vítimas da conjuntura social? Várias questões permeiam esse universo da mendicância. O certo é que muitos fazem disso uma profissão e marcam presença em todas as festas.

Em Santa Cruz dos Milagres, figura cativa na festa de setembro é o Sr. Salomão, que há aproximadamente 26 anos frequenta o Santuário como peregrino. Ele é pernambucano e ouviu dos avós os relatos dos milagres de Santa Cruz, todos os anos é possível vê-lo vestido com hábito marrom, clamando pela solidariedade dos “irmão rumeiros da Divina Santa Cruz”. Seu Salomão não diz que idade tem, mais pela sua fisionomia é possível deduzir que tenha por volta de 45 anos, sendo que a sua trajetória de peregrinação teve início, segundo ele, pelas dificuldades de saúde.

[Sou peregrino] desde 86, quando deu uma trombose em mim, pra ficar bom dessa mão e dessa perna, mais do lado esquerdo e uma banda da minha cabeça passei 16 dias sem falar, um ano e oito meses numa cadeira de rodas, da cadeira de rodas saí pra uma muleta, a muleta deixei lá em Canindé a cadeira de rodas eu dei pra uma moça, que precisava lá em Araripina.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asteriscos, 2008. p. 107

<sup>36</sup> SALOMÃO. Peregrino de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos e Jucilaine Carvalho em setembro de 2011.

O peregrino Salomão justifica seu atual estado à promessa perpétua que fez aos santos, no caso Santa Cruz dos Milagres e São Francisco, ele passa o ano de cidade em cidade vivendo da solidariedade das pessoas que lhe dão comida quando ele pede, além disso as “joias” doadas pelos devotos são utilizadas para o seu sustento, mas isso depois que ele deixa a oferta do santo.

Essa Joia [se referindo ao dinheiro das esmolas] aí eu sempre gosto de botar um trocadinho no cofre do santo. Que são o que eu tenho, eu sempre boto. Pra aquele santo que eu tenho fé eu sempre boto uma joiazinha pra ele o resto eu fico pra mim me alimentar, comprar um remédio, que eu tomo remédio controlado, graças a Deus eu nunca deixo de tomar não, mas quando eu deixo de tomar eu caio me batendo sabe! Tenho problema na perna também.<sup>37</sup>

Uma constante no festejo de Santa Cruz dos Milagres é que a maioria dos peregrinos e pedintes são pessoas que alegam algum tipo de limitação física, apesar de um olhar mais atento não ser possível perceber nada tão “grave” no peregrino Salomão, que lhe obrigasse a viver de esmolas. Essa tradição de pedir esmola nas festas religiosas tem permanecido ao longo do tempo, e tem sofrido poucas modificações, ao analisar a igreja de Lyon e a ação desses grupos de pedintes na porta da Igreja, Natalie Zemon Davis percebe como alguns desses homens, mulheres e crianças faziam do ato de pedir, quase um exercício profissional, algo semelhante com o que ocorre em Santa Cruz dos Milagres.

Além das crianças, quem fazia barulho e escândalo pelas ruas eram os mendigos profissionais, homens e mulheres que raramente, se é que o faziam, trabalhavam por pagamento e que usavam de toda sua qualificação para recolher esmolas. Alguns eram doentes, velhos ou deficientes e tiravam o melhor partido dessas deficiências.<sup>38</sup>

O objetivo não é questionar a relação de Salomão ou mesmo seu estado de mendicância, mas encontrar pontos que se assemelham com essa prática secular de pedir esmolas, o próprio peregrino fala que toma remédios controlados para controlar uma “possível” crise epilética, uma das doenças recorrentes nas Feiras e festas religiosas de Lyon, como lembra Davis.

Havia aqueles que fingiam ser epiléticos e os que fingiam ter sido mordido por cachorros louco; havia os que se passavam por carrascos ou peregrinos penitentes e mulheres que se diziam em penitência, esmolando durante o dia como Maria Madalena e “fazendo serão” mais tarde no mesmo ofício que ela

---

<sup>37</sup> SALOMÃO. Op.cit.

<sup>38</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 29.

tivera.<sup>39</sup>

Apesar do tempo histórico estudado por Davis parecer cronologicamente distante da romaria de Santa Cruz dos Milagres, percebemos que os sujeitos e as práticas ultrapassaram o tempo e a atuação continua praticamente a mesma, ainda há o peregrino epilético, o deficiente acometido por alguma tragédia, as crianças maltrapilhas, mães com bebês seminus apelando pelo coração caridoso de mães e pais devotos de Santa Cruz.



Foto 11: Peregrino Salomão  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

O peregrino Salomão passa a maior parte do dia sentado sob o sol forte vestindo hábito, com um cajado ao lado, que segundo ele permite a locomoção e entoando a ladainha “uma esmola meus rumeiro”, “esmola rumeiro da Divina Santa Cruz”, a bacia que recebe as “joias” está ao seu lado e cada vez que acumula uma quantidade razoável ele as pega e guarda na sacola, lugar mais seguro, nada de deixá-las expostas.

---

<sup>39</sup> DAVIS. Op.cit.pp. 29-30

Ao passo que Salomão se identifica como peregrino, esbarramos em uma questão teórica, pois segundo Michel Sot, o peregrino atua no tempo de festa e tem como propósito espiar seus pecados ou agradecer alguma graça concedida pelo santo, Salomão se diz agraciado pela Santa Cruz e por São Francisco, mas frequenta com assiduidade outros santuários do sertão em busca de “joias” que ajudam no sustento e garantem a compra de seus remédios. Se a “peregrinação é uma prova espiritual”<sup>40</sup>, como pode Salomão se sentir um peregrino? Obviamente ele deve passar por provas físicas, como a incerteza da alimentação, os longos trajetos que diz percorrer a pé e o agradecimento das graças, mas ao percorrer de festejo em festejo o peregrino faz desse ato “sagrado” e penitencial um modo de lucrar, ao vender aos romeiros a sua “miséria”.

A peregrinação seria o deslocar-se em direção santuário ao tempo da festa do santo de devoção, nosso peregrino não só possui dois santos a quem credita ter conquistado sua cura parcial como também frequenta outros santos e, aparentemente, a cura do seu corpo ainda não foi conquistada, e o Sr. Salomão vive sua penitência perpétua, causando piedade para alguns e desconfiança para outros.

Essa venda do sofrimento aos romeiros nos leva novamente ao proposto por Davis ao analisar seus sujeitos na Lyon do século XVI, muitos estão ali para se aproveitar da solidariedade dos devotos, que envoltos da mística do lugar guardam e até fazem promessa em benefício dos “mendigos de Santa Cruz dos Milagres”, devotos que são levados por uma certa teatralização do sofrimento.

[...] a arte da mendicância tinha também seus incômodos: alguns pediam esmolas nus, mesmo no inverno, outros passavam substâncias químicas na pele para dá a impressão de uma doença.

Todos esses comportamentos misturavam-se à vigarice, ao jogo viciado e a outras formas de contravenção – “a arte de depenar otários”, como se chamava na Inglaterra.<sup>41</sup>

A distancia temporal dos indivíduos analisados por Davis nos remete a uma constante no curso da história, as permanências, que no caso das festas religiosas, principalmente as brasileiras e nordestinas objeto de estudo, mantêm práticas que são tão antigas quanto a devoção a seus santos. Não consideramos os romeiros de Santa Cruz dos Milagres “tolos ou otários”, os percebemos antes como devotos contritos e movidos pelo espírito de fé e esperança, já que tomados pela conquista da graça percebem como natural

<sup>40</sup> SOT, Michel. Peregrinação. In LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean – Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002. p.353.

<sup>41</sup> DAVIS, op. Cit. p. 30

retribuir o favor, dando aos “mendigos de Santa Cruz” um agrado.

A realidade da mendicância não é um “privilégio” apenas do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, outros santuários também vivem essa realidade, como é o caso descrito por Carlos Steil, de Bom Jesus da Lapa-BA, onde a mendicância remonta ao início da própria procura ao santuário, desse modo podemos inferir que a doação das esmolas faz parte do movimento de caridade dos romeiros.

A esmola está integrada no sistema de ritos e cultos [...] quer seja ele destinado aos mendigos, quer aos santos. Os romeiros geralmente trazem uma certa quantia de dinheiro trocado na sua menor unidade, para dar a cada um dos pedintes ou para colocá-lo aos pés das imagens dos santos [...] <sup>42</sup>.

Para a igreja de Santa Cruz dos Milagres o grande número de pedintes refletia no número de roubos, pois também entre eles ficavam ladrões que levavam os poucos bens dos romeiros, havendo “roubos a todo instante; e, até mesmo dentro da Igreja, dezenas de pobres romêiros foram despojados do pouco que possuíam<sup>43</sup>”. Para o padre, além do controle no número de pedintes, era essencial a intervenção da polícia para garantir a segurança dos romeiros no período da festa.

Apesar da observação do padre, ele praticamente não toca no assunto dos mendigos ao longo do livro do Tombo e, os mesmos passam a ser peça do ritual de devoção a Santa Cruz dos Milagres; são, portanto, “seus” mendigos, no entender de alguns romeiros. A prefeitura da cidade também não possui uma política de controle da mendicância, certo que o adro da igreja fica repleto de pobres “desafortunados” que fazem a vida dos despojos dos romeiros.

A aplicação desse dinheiro pouco importa, sendo que muitos desses mendigos chegam a Santa Cruz dos Milagres em veículos próprios, adquiridos provavelmente pelas doações feitas pelos romeiros, não só em Santa Cruz dos Milagres, mas também em outros centros de devoção popular, a esmola aqui perde o sentido de problema social e passa a se “inscrever prioritariamente dentro de um sistema de valores e significados religiosos” <sup>44</sup>.

A devoção popular acaba transformando o ato da mendicância em um ritual da promessa, um modo de se aproximar das divindades pela ajuda aos mais necessitados. Nesse instante não são questionadas as dificuldades cotidianas desses propensos doadores, mas o valor que terá no rito de devoção, assim vale o que diz as escritura, “[...] quando deres esmolas, que tua mão esquerda não saiba o que faz a direita. Assim, tua esmola se fará em

---

<sup>42</sup> STEIL, op. Cit. p. 72

<sup>43</sup> SÃO FELIX. Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix de Cantalicia. (1968-1984), p, 39.

<sup>44</sup> SÃO FELIX. Op.cit. p. 72

segredo; e teu Pai, que vê o escondido, recompensar-te-à”<sup>45</sup>.

Certamente devem ser as recompensas divinas que buscam os romeiros de Santa Cruz cada vez que ofertam moedas e comidas aos “esmoles” de Santa Cruz dos Milagres, pessoas que aparentam uma necessidade maior do que a deles, que inspiram a generosidade de homens e mulheres muitas vezes tão pobres quanto eles, mas que conquistaram algo que os “pobres” pedintes ainda não tenham conquistado, pois esses generosos devotos são a prova viva dos milagres conquistados com a ajuda da bendita Santa Cruz.

### **3.3 Festejar e comprar: os comerciantes itinerantes como elementos da festa**

Uma constante nas grandes festas católicas brasileiras é o comércio que se instala nas proximidades dos templos religiosos vendendo de tudo, constituindo um dos importantes elementos da festa, parte do “divertimento” de quem frequenta os festejos. Condenado por uns e essencial para outros, o comércio não garante apenas o sustento dos seus vendedores, mas também a própria sobrevivência da Igreja, que também garante seus clientes com as vendas feitas pela loja da paróquia.

Quanto mais concorrida a festa, maior o número de comerciantes itinerantes que a procuram. Uma grande festa que garante o sustento das famílias que sobrevivem dos festejos religiosos. São esses comerciantes que garantem que o santinho de devoção seja levado para os amigos e parentes que não puderam comparecer, pois depois de ser abençoado esse santo se torna sagrado, funcionando como protetor.

As festas religiosas sempre tiveram o comércio como um dos seus elementos em maior ou menor proporção. O que garantia o número de comerciantes er, e ainda é, o poder de atração do santo. Anteriormente as barraquinhas de comidas eram monopólio apenas da Igreja, possibilitavam um lucro a mais na arrecadação dos festejos, com o conseqüente aumento do número de peregrinos as barracas se diversificaram e passaram a vender além de comida, roupas, sapatos, e os tão procurados santinhos.

Tudo complementa e faz parte da festa religiosa. Com diversidades entre uma festa e outra as próprias comemorações a Santa Cruz dos Milagres possuem dinâmicas diferentes, enquanto em maio o número de comércio, festas e pessoas é menor, em setembro o número duplica em todos os aspectos, com a feira tomando boa parte do espaço da cidade com uma multiplicidade de sotaques e costumes que se misturam nas comemorações a santa.

---

<sup>45</sup> *BIBLIA SAGRADA*. 118. ed. São Paulo: Ave- Maria Ltda., 1998. Mateus 6: 3-4. p. 1290.

As barracas de artigos religiosos são mais numerosas e com tamanhos diversificados, vão de barracas pequenas e móveis em forma de grade que acomodam pequenas “reliquias” como terços, chaveiros e fitinhas, às grandes barracas com santos de todos os tamanhos, que vão desde imagens de gesso aos quadros de santos, alguns desconhecidos do domínio popular, mas que caem no gosto pelo poder de convencimento dos vendedores astutos e prontos para novos negócios.



Foto 12: Feira de santos  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

A barraca demonstra um exemplo da diversidade de divindades à “venda”, santos para todas as devoções e necessidade; uma olhada rápida e é possível encontrar pelo menos três versões de Nossa Senhora, assim como da cruz, há representações de Santa Cruz dos Milagres, mas também o cristo crucificado, essa feira de santos atende aos fiéis que procuram levar para casa a lembrança da sua visita ao Santuário.

Mas as barracas de santos vendem ainda “souvenires da moda”, como o macaquinho que pode ser pendurado no carro ou mesmo pode servir de mimo às crianças, aliás, caso o santo não seja vendido, o macaquinho pode servir como bom produto para que não se percam

as vendas. Uma constante nas barracas de santo é a mistura com brinquedos infantis, uma jogada criativa de marketing.

As relações comerciais passam a ser inseridas no universo religioso, não se apartando definitivamente do sagrado, pois os patuás vendidos ao redor da Igreja não garantem apenas o presente dos parentes, mas a proteção para quem leva. Alba Zaluar lembra que a festa deixa de ser apenas direcionada à fé e passa a ter uma relação mercadológica.

[...] à medida que introduziam no campo as relações capitalistas de produção, as festas deixavam de ter um caráter essencialmente sagrado e adquirem um caráter marcadamente comercial. Esse caráter sagrado traduzia-se na atitude de seriedade e de respeito diante das coisas do santo, dos muitos significados expressos em seu ritual e da própria eficácia que era atribuída tradicionalmente às festas.<sup>46</sup>

Introduzir o mercado na festa não a aparta do sagrado, o homem não deixa de ser devoto por se lembrar dos objetos que levará para os parentes e amigos, assim como a devoção não se perde pela compra da roupa nova, a prova da permanência do sagrado permanece imerso nesse universo multifacetado que são as festas religiosas. São os votos e os pedidos de promessa, alguns deles que envolvem inclusive esse espaço do mercado, pois a compra dos fogos que serão soltos em favor do santo, ou mesmo a compra das velas e fitinhas amarradas junto ao santo são movimentados graças ao mercado que surge no entorno do Santuário.

A religião na contemporaneidade passa então a concorrer com uma multiplicidade de elementos não religiosos, mesmo que alguns representem a fé dos fiéis, estes estão inseridos em uma ordem de mercado, como sugere Peter Berger, uma concorrência que não se faz apenas no campo ideológico e doutrinário, mas também no campo social; portanto, também econômico. Esse trajeto é consequência do processo de secularização, que não elimina o caráter religioso, mas a reorganiza de modo a obrigá-la a se adequar a esse novo momento histórico.

Como resultado da secularização, os grupos religiosos também são levados a competir com vários rivais não-religiosos na tarefa de definir o mundo, alguns dos quais altamente organizados (como vários movimentos ideológicos revolucionários ou nacionalista), outros muito mais difusos institucionalmente (como sistemas de valores modernos do “individualismo” ou da emancipação sexual).<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> ZALUAR, op. Cit. p. 65

<sup>47</sup> BERGER, Peter Ludwing. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: paulinas, 1985. p. 149.

A análise de Berger se aplica adequadamente a trajetória de Santa Cruz dos Milagres, pois os elementos não institucionais como o comércio, as festas e os jogos “competem” com a santa, ambos estão em busca de um “cliente” em potencial, o romeiro, uma competição que se torna ainda mais dinâmica se pensarmos nas outras religiões que também transitam nesse espaço de devoção, uma pluralidade que torna esse espaço domínio da fé, mas também do mercado.

A situação pluralista é acima de tudo uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica de mercado.<sup>48</sup>

Apesar da sociedade contemporânea qualificar-se como laica a religião atua como modo de organização, a própria ação do estado confere em algumas circunstâncias os poderes “sagrados” da religião na sociedade, como lembra Weber<sup>49</sup> eles são necessários a manutenção de algumas relações especialmente as morais, assim como transitam pelas relações econômicas.

É importante ressaltar que não consideramos a fé dos devotos como um produto a ser comprado, mas consideramos a sociedade contemporânea atual, onde as “representações do sagrado” expressa em forma de imagens, músicas e até mesmo a concorrência entre credos traz um pouco do caráter mercadológico para sua vivência, como lembra Weber “A primeira e fundamental atuação do círculo de idéias “religiosas” sobre o modo de vida e economia é, portanto, geralmente de natureza estereotipada”<sup>50</sup>, ou seja, não reconhece as mudanças sociais e o próprio tempo histórico.

O espaço comercial formado nesse período de festa acaba se agregando ao sagrado, seria como lembra Zeny Rosendahl “um espaço anexo ao lugar da atividade religiosa aquele de objetos da devoção do peregrino”<sup>51</sup>. São bens necessários ao seu ritual de devoção os terços, velas e santos, mas também restaurantes, farmácias, bares atividades que juntas complementam o espaço sagrado.

A feira é de certo modo, algo presente e faz parte da Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres é na feira aos pés do morro da santa, que os romeiros encontram a roupa da festa; é na feira também que o santo de devoção pode ser comprado, não é apenas a santa

<sup>48</sup> Berger. Op.cit p. 149

<sup>49</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p 284

<sup>50</sup> Idem. p. 283

<sup>51</sup> ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. p. 47

homenageada que está a “venda”, mas todos os outros santos, em um encontro devocional surpreendente, portanto assim como o divino analisado por Abreu, a festa de exaltação “reuni ao seu redor uma enorme economia de energias e de produção.”<sup>52</sup>

O comércio desse sagrado não apenas admira pela quantidade, as centenas de barracas que olhadas de cima do morro causam admiração pelo colorido, mas pela qualidade desses produtos, santos feitos de gesso, argila com valores diversificados do caro ao barato o que importa é levar o santo de devoção ou “seus amigos”, pois é possível encontrar quadros de Santa Cruz dos Milagres e alguns outros santos bem nordestinos como Padre Cícero.

A grande maioria dos vendedores não é morador da cidade sua relação com Santa Cruz dos Milagres se faz pelos anos de ida a cidade, alguns acabar criando relações de amizade com os moradores que os abrigam dias antes do período da festa ou mesmo garantem os melhores lugares para esses vendedores na festa. Vínculos que faz com que alguns se considerem também agraciados pelos poderes milagrosos da santa, um milagre que no caso desses comerciantes é conquistado com uma boa feira.

Os comerciantes na época do festejo de Santa Cruz dos Milagres se espalham pela cidade sendo difícil encontrar um lugar que não esteja “habitado” por eles, uma grande feira que começa na escadaria que dá acesso ao Santuário e vai até as margens do rio São Nicolau, uma venda diversificada onde é vendida a imagem dos santos, mas também roupas, bijuterias, sapatos, especiarias e comidas. Esse contingente de vendedores assim como os romeiros chega a cidade de várias formas de carro próprio, ônibus ou mesmo de paus- de – arara carregando um grande números de produtos para agradar os futuros compradores.

---

<sup>52</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 69.

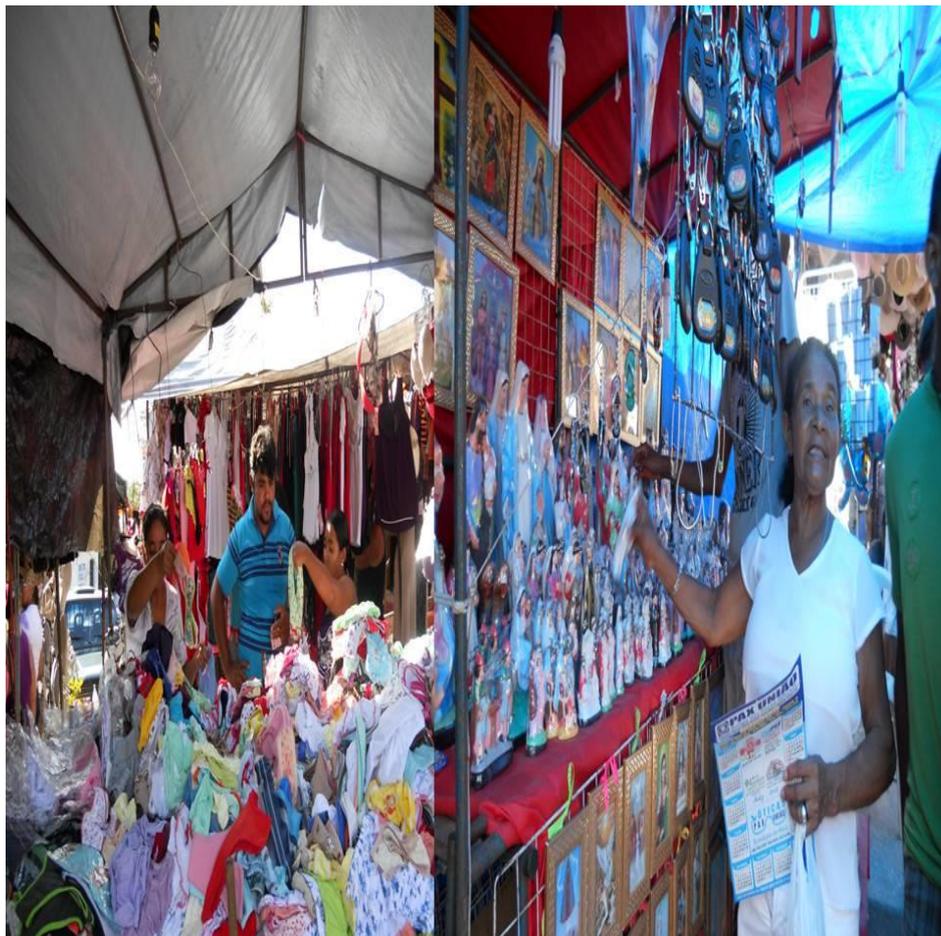


Foto 13: Roupas nova, Santo novo  
 Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

Nessa imensa feira é possível se encontrar tudo, um “shopping” a céu aberto com preços diversificados muitas vezes vendidos no grito, com propósito de atrair os clientes, aquele que consegue levar ter itens variados para sua barraca atrai mais clientes, que também pechinham pelo menor preço. A senhora com o santo na mão, por exemplo, grita o vendedor para saber do preço do artigo que deseja, caso o preço agrade a venda é feita e ambos saem satisfeitos. As roupas expostas são muitas vezes exibidas em araras em barracas montadas para essa função, o modo de expor a roupa também determina seu valor, aquelas que são colocadas em cima de lonas no chão são as mais baratas e geralmente de menor qualidade, as expostas nas araras são de melhor qualidade e de preço mais alto.

Mas a diversidade das barracas não significa desorganização, um vendedor de artigos religiosos jamais terá em sua barraca roupas ou comida, cada um diversifica na sua área sem misturar demais os artigos a venda, além do mais os artigos religiosos possuem um caráter diferente para quem compra, não são considerados “supérfluos” como as roupas, são antes uma necessidade um objeto de proteção.

Esses comerciantes vêm de várias regiões do nordeste, principalmente de regiões com tradição em romarias como é o caso de Juazeiro e Canindé no Ceará, geralmente organizados em grandes grupos chegam a cidade de Santa Cruz dos Milagres um dia antes do início da festa geralmente em caminhões carregados de mercadorias; outros chegam a cidade dias antes são eles os revendedores dos artigos religiosos que fornecem para os comerciantes da cidade, como é o caso de seu Osvaldo, comerciante da cidade de Canindé no Ceará ele se diz trabalhando no “mundo” desde os 14 anos, a atividade de comerciante ambulante é exercida desde a infância, em Santa Cruz dos Milagres além do trabalho de camelô ele também é um dos responsáveis pelo fornecimento de artigos religiosos.

Seu Osvaldo fornece produtos para as três festas que ocorrem no Santuário: Invenção, Exaltação e Encontro dos Santos, sempre instalando também sua barraquinha. Seu Osvaldo chega com dias de antecedência para garantir um bom lugar para a instalação da sua barraca e iniciar os lucros antes do início da festa.

[...] porque eu venho eu trago revenda também pra essa turma daqui [comerciantes da própria cidade] passo entre trinta dias. Eu só vou no último dia quando ela acaba, que nem hoje amanhã eu viajo. [...]A maioria das barracas sou eu que abasteço, muitas coisas porque tem eu e outro colega meu que tem muita mercadoria nos abastece o pessoal daqui.<sup>53</sup>

São esses comerciantes vendedores e fabricantes dessas relíquias que abastecem a maioria dos vendedores da cidade levando os “santos” da moda, assim como com santos desconhecidos da maioria do público, mas famoso em alguma festa religiosa do sertão, esses comerciantes acabam sendo importante para a própria manutenção da festa parte do espaço da cidade é dividido entre a igreja e a prefeitura, esses comerciantes pagam pelo espaço que irão ocupar o valor varia de acordo com o tamanho da barraca.

Em Santa Cruz dos Milagres a relação entre comerciantes e Igreja é branda, o que não significa que seja harmoniosa, mas apesar disso os comerciantes se dizem satisfeitos com a postura adotada pela Igreja de permitir que a feira se faça na escadaria do Santuário limitando apenas o espaço do adro, desobedecido esse limite os vendedores são sutilmente “convidados” a se retirar pela força policial.

Eu tenho 10 anos que venho pra cá. Desses dez anos já mudou vários padres, mas tudo tem uma boa relação [é permitido a venda até a escadaria] Daí dessa escadaria pra lá não pode [adro da Igreja], mas tem muitos caras que avança o sinal não respeita o limite que o padre dá e avança o sinal. Mais de

---

<sup>53</sup> LOPES, Osvaldo. Comerciante Itinerante de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos em setembro de 2011.

que adianta! É rebocado pra trás pela polícia.<sup>54</sup>

Essa conflituosa relação de desobediência lembrada por seu Osvaldo da parte de alguns comerciantes foi motivo de preocupação para padre Davi Mendes na década de 1980, o adro da igreja por ser o primeiro lugar de visita dos romeiros parecia atrativo para as feiras o que irritava o padre, aprofundaremos essa questão mais adiante, por ora lembramos pelas palavras de seu Osvaldo que a própria atitude da igreja com para com os vendedores dependerá da sua obediência as regras pré-estabelecidas, mantido esse “pacto” todos vendem harmoniosamente seus produtos.

Parte desses vendedores acaba tendo um afeto especial pela cidade e pelo próprio santo pelas idas anuais as festas de religiosas, como é o caso de Robério, jovem vendedor de 25 anos morador da cidade de Canindé no Ceará. O jovem vive das vendas de festa em festa viaja por quase todo norte e nordeste levando seus produtos para vender, uma infinidade de produtos, tudo para agradar os compradores.

Todo festejo a gente está vendendo artigos religiosos, que a gente sempre vende terço, chaveiro, cordão, escapulário, chaveiro, onde tem mais movimentação, como a cidade de Santa Cruz dos Milagres.<sup>55</sup>

Robério viaja pelo nordeste com um grupo de aproximadamente 6 rapazes com idade entre 20 e 35 anos, muitos exercem o ofício de comerciantes itinerantes desde os 15 anos, como é o caso do próprio Robério e, acreditam inclusive no valor religioso que seus produtos tem para quem compra, aliás existe uma ajuda mutua, quem fornece o produto garante ao devoto ter ao seu lado o seu santo de proteção, assim como quem vende garante o sustento da casa.

[Nosso produto] Tem um valor sentimental, porque, assim porque tem muita gente que vem quer levar uma lembrancinha da cidade pra dizer que veio na cidade, outros compram a fitinha já coloca no pé do santo, não leva pra mostrar que veio na cidade, é a devoção no santo, tem os que faz a promessa compra o terço reza e coloca no pé do santo. [...], a devoção é grande.<sup>56</sup>

O comerciante itinerante no entender de Robério atua como um dos mediadores entre o devoto e o santo, pois ele também tem sua parte no ritual vendendo os produtos que servirão de instrumento para o pagamento da promessa, os terço, fitinhas que não servem apenas como presente, mas também como veículo de mediação com as forças sagradas, assim o diálogo

---

<sup>54</sup> Lopes. Op.cit.

<sup>55</sup> Robério. Comerciante itinerante de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos. Setembro de 2012.

<sup>56</sup> Idem.

entre o sagrado e o mercado se faz sem que um sobreponha o outro.

Pensamento semelhante ao de Robério é de seu Osvaldo que confere a seu trabalho de comerciante itinerante como importância para a dinâmica da festa, pois seu trabalho permite que a lembrança da visita ao Santuário seja levada aos amigos, seja ela uma lembrança ou mesmo uma encomenda.

A maioria deles [Romeiros] diz “não eu vou levar uma encomenda fulano já me mandou o dinheiro tenho que levar” outros que não trazem o dinheiro que os outros mandam, mas que tem que levar uma lembrancinha “é pra minha filha, pro meu filho, pra minha amiga, pra minha vizinha” sempre eles compra. Por isso que é bom a gente trabalhar mais a peça da cidade, no caso Santa Cruz porque eles vem pra eles levar uma lembrança pra os que não vem e, leva a lembrança.<sup>57</sup>

A romaria é um lugar de possibilidades múltiplas de diálogos, o sagrado que se faz pela mediação do santo interagi com outros espaços como o mercado e a festa, “Devido a seu status intersticial, dentro e fora do tempo, universal e local, a romaria pode conciliar uma dupla ética transacional, onde o santo e o mercado se sobrepõem como mediadores de bens espirituais e materiais”<sup>58</sup>.

A necessidade do devoto não se restringe ao seu diálogo de fé com a santa, os pedidos feitos são também para que possa ter dinheiro para os gastos no ano seguinte, para comprar a roupa nova, muitas vezes é a oportunidade que os romeiros têm de encontrar diversos produtos em um só lugar, essa imensa feira que se forma ao redor do Santuário toma o ar de shopping pela variedade encontrada nas inúmeras barracas aos pés do morro.

A Geógrafa Zeny Hozendahl ao fazer em 1999 uma análise comparativa entre Santa Cruz dos Milagres e Muquém em Goiás enfatiza a importância dessas feiras para o movimento religioso com características típicas das feiras nordestinas, onde barracas de comércio se confundem com bares e boates, lugar onde diversão e produtos de vestuário e alimentação são vendidos.

Em Santa Cruz dos Milagres são vendidos produtos da região, como alho, pimenta, buriti, artesanato de palha de babaçu e couro, assim como produtos industrializados, sapatos, roupas, utensílios de cozinha feitos de plástico, toalhas, fazendas para confecção de roupas que são vendidos a quilo, etc.<sup>59</sup>

Portanto, não é apenas os atos religiosos que atraem as relações sociais conquistadas

---

<sup>57</sup> LOPES. Op.cit.

<sup>58</sup> STEIL. Op.cit, p. 83

<sup>59</sup> ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: O sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 48

nesse espaço religioso também impulsionam o retorno do devoto para a cidade no ano seguinte. Organizarem-se para a festa todos os anos não significa apenas cumprir sua obrigação como devoto, mas também ter dinheiro para os gastos da festa, comida, roupa, festa e o próprio lugar de hospedagem permitindo uma movimentação financeira considerável para cidade, principalmente uma cidade como Santa Cruz dos Milagres que tem nas festas em devoção a santa um dos principais mecanismos de renda para algumas famílias.

Assim comerciantes itinerantes como Osvaldo e Robério sobrevivem de fornecer aos devotos os produtos de desejo sejam eles artigos religiosos, roupas, calçados ou mesmo a alimentação durante esse período de festa, sendo assim a grandiosidade das festas em honra aos santos pode ser medida também pelo tamanho da sua feira, se ela é grande significa que atrai muitos devotos e conseqüentemente atrai lucros, a afirmação de Osvaldo quanto a sua importância para a festa não é exagero eles também acabam se tornando um dos elementos de atração para as festas de homenagem ao santo.

[...] vou te falar a verdade. A festa que não tem camelô ela não... eu acho que ela não traz... tá certo nos somos camelôs de fora mais mesmo assim a gente deixa lucro. A gente não só leva nos deixa também. Ai veja bem a festa que não tem camelô ela não é uma festa. Até porque o romeiro ele vem porque ele é devoto a Santa Cruz, mas vem mais pra procurar os camelôs por que às vezes na cidade dele as coisa é mais cara ai ele diz “nos vai pra festa e arruma uma coisinha barata” traz uma lembrança. Se não tiver camelo pra mim acho que não existe festa. Por que quem faz a festa é o camelô.<sup>60</sup>

“Quem faz a festa é o camelô”, apesar de soar pretensiosa a assertiva de seu Osvaldo não é exagerada, em Santa Cruz dos Milagres depois da santa tudo se move em direção as barracas, um colorido deslumbrante de artigos que parecem brilhar aos olhos de alguns que como lembra o próprio vendedor muitas vezes não tem na localidade onde mora, tantas opções disponíveis, a concorrência dos preços soa como bom atrativo para aqueles que levarão as sacolas cheias com cheiro de novo e por um bom preço.

Um tanto diferente das discussões antropológicas e sociológicas não trabalhamos como o mercado religioso entre organizações religiosas, evangélicos e católicos<sup>61</sup>, apesar de considerarmos um tema extremamente interessante, aqui temos dois grupos fornecendo produtos semelhantes, como é o caso dos santos, terços e velas, mas que um desses acabou se especializando e vendendo produtos diversificados.

A Igreja que antes detinha o monopólio da venda dos artigos religiosos e dos

---

<sup>60</sup> LOPES. Op.cit.

<sup>61</sup> Peter Berger é utilizado nesse trabalho a partir da perspectiva da concorrência com os produtos não religiosos, mencionados pelo próprio autor.

alimentos fornecidos acaba perdendo espaço para um grupo que passa a viver das vendas a porta do santo, diversificando os produtos e também o modo de atrair os compradores, vende-se o santo que protege a casa, a família, o emprego, assim como comida e a bebida que conquistam e permitem comemorar alegremente as conquistas adquiridas pela intervenção do santo.

A discussão se direciona para um espaço sagrado que atrai o mercado, que direciona os serviços e serve muitas vezes como referência para os que vão a cidade em busca do santo, José Maria Silva discute principalmente essa diferença no mercado religioso brasileiro onde não é apenas os bens espirituais que são disputados, mas os produtos vendidos ao redor do templo religioso, ou mesmo pelos representantes religiosos.

O autor lembra que os “bens religiosos são oferecidos sim, mas sua apreensão pelos fieis consumidores brasileiros se dá de uma maneira própria”<sup>62</sup>, esses bens religiosos ganham um valor cada vez que recebem uma benção dos ministros da fé, deixam de ser apenas um objeto e adquirem o valor de sagrado. As imagens de Santa Cruz dos Milagres são levadas aos amigos e acabam tendo eles também poderes milagrosos, o terço bento, a água retirada do olho d’água dos milagres tudo acaba possuindo um poder extraordinário para os devotos e, ao mesmo tempo tudo parece move-se em direção ao mercado que se forma aos pés do morro seja na compra da santa ou mesmo da garrafinha para armazenar o líquido milagroso.

Além disso, essa diversidade encontrada na feira próxima ao retiro do santo permite que as pessoas tenham os produtos que tanto desejam a baixo custo e todas no mesmo lugar, sendo possível encontrar na cidade de Santa Cruz dos Milagres famílias inteiras que economizam ao longo do ano para comprar no período de festejo, não sendo apenas o santo o único objeto de desejo de quem vai a feira em Santa Cruz dos Milagres.

---

<sup>62</sup>SILVA, José Maria. Mercado Religioso Tupiniquim. In Disponível em < [http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo\\_70004.pdf](http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo_70004.pdf) > . Acessado em 19 Nov 2012.p. 01



Foto 14: Especiarias de Santa Cruz dos Milagres  
Fonte: Acervo fotográfico de Patrícia Santos

Como citado por Rosendahl Santa Cruz dos Milagres atrai também pela venda de produtos que acabam se tornando tradicionais como o alho, geralmente vendido em trança é um produto típico dessa região do semiárido piauiense, o vendedor é o senhor Domingos de Jesus que vem a cidade anualmente vender seus produtos, os dez dias de trabalho em Santa Cruz dos Milagres garantem a sua renda por pelo menos um mês.

As transações comerciais em Santa Cruz dos Milagres também ocorrem no espaço sagrado, o caráter dessas relações que muda o dinheiro deixado como promessa tem para o devoto um valor de sagrado, o dinheiro gasto na compra de roupas e acessórios é percebida como supérfluo, mas cada uma delas responde a necessidades imediatas e humanas como a manutenção da Igreja feita pelas rendas arrecadadas e a sobrevivência dos comerciantes, no fim todos tem um mesmo direcionamento, apesar de significados diferentes.

O comércio é, portanto, parte intrínseca da festa, mas ser parte da festa não significa que agrade a todos tanto que na década de 1980 uma das preocupações do padre era com o avanço desses comerciantes em direção ao adro da Igreja, para o padre o Santuário não devia servir de pretexto para as vendas, portanto como o comércio era inevitável que fosse feito

distante da igreja.

Apesar do esforço do vigário em preservar a área do Santuário do avanço do comércio o problema ainda continua. O povo entende as explicações do vigário mas é preciso uma vigilância permanente sobre os vendedores ambulantes. Para acabar qualquer idéia de usar o Santuário como pretexto para o comércio, o vigário não aceita nem sequer venda de velas porque por aí começaria a venda de outros objetos<sup>63</sup>

O avanço dos vendedores em direção ao Santuário causaria tumulto na frente da Igreja o que atrapalharia os atos litúrgicos, mas, além disso, havia outros interesses camuflados nessa preocupação, a concorrência que a própria igreja teria com esses comerciantes, já que ela também fornece os produtos vendidos pelos comerciantes, como lembra o padre no livro do tombo que “a própria paróquia, pondo a disposição do povo, catecismo, bíblias e livros de canto o faz a livro de custo, e somente no recinto da sacristia<sup>64</sup>.”

O trecho do livro do tombo contraria a assertiva de Rosendahl que afirma que a “igreja não participa do comércio, não favorece nem reprime”<sup>65</sup>, apesar de não haver relatos de repressão ao comércio por parte da Igreja, a não ser os ocorridos no adro, a mesma também participa da parte comercial ganhando não apenas com as vendas, mas com o aluguel de barracas que garantiriam um incremento nas rendas da festa.

Esse controle exercido pela Igreja estava presente também nas comemorações do Círio de Nazaré descritas por Rita Amaral, que lembra que ao fim da festa a organização do evento já não consegue ter controle sobre os comerciantes que colocam nas calçadas próximas a igreja venda de produtos “proibidos” próximo do adro, bebidas por exemplo.

Nas ruas que contornam a praça onde estava montado o arraial desenvolveu-se intenso comércio de quinquilharias, comidas e bebidas. Ao mesmo tempo, nos últimos dias da festa as pequenas barracas já não obedeciam a proibição de se colocar bancas para servir bebidas. Os excessos de bebidas em certos locais, o footing e o trottoir, a pura diversão e completa descontração das pessoas que iam ao largo fugiram ao controle da diretoria. A participação popular efetiva, na festa, realiza-se, portanto, no sentido oposto ao da ordem e do controle.<sup>66</sup>

O aluguel de espaços considerados exclusivos da Igreja é uma prática que remota ainda aos anos de 1970, garantiam uma renda extra tanto que se fazia necessário zelar pela sua conservação, “As barracas de aluguel, no povoado, não tem mais condição de aproveitamento.

<sup>63</sup> SÃO FELIX. Livro Tombo II, Paróquia de São Félix de Cantalicia. 1984 – 1993. p 14

<sup>64</sup> Idem. p. 14

<sup>65</sup> ROSENDAHL. Op. Cit. p. 47

<sup>66</sup> AMARAL, Rita. *Festa a brasileira: sentidos de se festejar no país que “não é sério”*. São Paulo, 2001. Disponível em <[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)>. Acessado em 19 nov 2012. p. 103.

Depois da festa vou mandar demolir tudo para a construção melhor, posteriormente”<sup>67</sup>. A preocupação de padre Davi com as barracas configura uma preocupação com um bem da igreja até bem lucrativo já que são alugadas para comerciantes da cidade.

Esses espaços de domínio da Igreja funcionam como uma renda fixa nos períodos considerados de baixa temporada entre os meses de dezembro e março quando diminuem os números de devotos visitando o santuário, a renda fixa garantida pelos alugueis permite a manutenção do templo e acaba sendo uma espécie de ajuda mútua entre a Igreja e os comerciantes da cidade.

Essa venda também efetivada pela igreja garante sua sobrevivência principalmente se considerarmos um período tão lucrativo como é o das festas em homenagem a santa, que no caso de Santa Cruz ocorre três vezes no ano. Mas é em setembro que a cidade de Santa Cruz dos Milagres fica cheia pelo período das comemorações da Festa de Exaltação nessa festa que cresce as doações para a santa, presentes que serão leiloados ou rifados para serem revertidos nas obras de melhoria do Santuário.

Provocou muito interesse a Rifa de uma Bicicleta oferta do senhor Jeremias Pereira e Dona Lourdes sua esposa, atingindo a importância de C\$2.344,00. A renda financeira da festa foi realmente extraordinária [...] <sup>68</sup>

O leilão torna-se parte da renda da igreja os presentes oferecidos para Santa Cruz dos Milagres irão ampliar as rendas conquistadas na festa, esses presentes leiloados geralmente são resultado do pagamento de promessas a diversidade é grande a santa ganha de perfumes a gado, agradecimento que será lembrado pela imprensa local.

Santa Cruz dos Milagres é a festa de padroeiros mais famosa do sertão e onde todos os moradores se manifestam para render suas homenagens à cruz. São levados presentes de todos os tipos, desde galinhas até bois, rapaduras, doces e artigos da região para serem leiloados <sup>69</sup>.

Pela diversidade dos presentes é também possível distinguir a condição social desses devotos, apesar de não ser o objetivo discutir a classe social dos romeiros é importante perceber que o valor do presente não o desqualifica, além disso, independente do valor material tudo ganha outro significado quando é direcionado a santa, pois “os lucros da festa - originários do leilão das coisas dadas ao santo- revertiam em benefício da Igreja” <sup>70</sup>.

Por mais que a lógica “mercado religioso” não esteja tão explícita em Santa Cruz dos

---

<sup>67</sup> SÃO FELIX. Livro Tombo I, Paróquia de São Félix de Cantalicia 1968 -1984. p. 61

<sup>68</sup> Idem. p 49

<sup>69</sup> DIRCEU EM FESTAS RELIGIOSAS. In Jornal o Dia. Teresina. 12 set. 1976. p. 6

<sup>70</sup> ZALUAR. Op. Cit. p.66

Milagres não significa que a mesma não exista, os bens disponíveis a venda são geralmente justificados como produtos para manutenção do Santuário necessidade essa que não exclui o caráter mercadológico da prática, como por exemplo, oromeiro sentir necessidade de adquirir o livro de cânticos para melhor aclamar a santa, adquirido inclusive na própria loja do Santuário.

As necessidades impostas pelo mundo moderno fazem com que a própria religião seja um artigo de “mercado”, ao comprar o santo de devoção seja os vendidos pela Igreja ou pelos comerciantes itinerantes o devoto retoma um processo antigo vivenciado ainda na idade média da venda de indulgências, é importante, porém, compreender as diferenças do processo, pois são produtos vendidos sem garantia de curas o que os dá o caráter sagrado é a benção que recebem essa dada pelos ministros da fé gratuitamente ao final das celebrações.

A oferta da fé se faz de várias maneiras o modo como a missa é celebrada também leva mais fiéis a igreja. Em Santa Cruz dos Milagres a alegria percebida fora da igreja também é vista dentro dela pelas missas festivas e animadas pelo som de pandeiros, violões e até mesmo sanfona, com discursos que falam de fé, cura e redenção espiritual de modo a aproximar devotos e potenciais fiéis pelas graças conquistadas.

As aclamações a santa são alegres como devem ser os devotos, já que a possibilidade de estarem cumprindo sua obrigação com a santa torna-se um motivo para festejar e essa alegria vem pela compra dos bens e produtos disponibilizados pela igreja, tudo em prol de uma obra maior, pois como “portadores de argumentação convincente e de retóricas específicas, os porta-vozes de Deus, criam no consumidor em potencial, um desejo inquietante de experimentar um “algo novo” que se proponha a solucionar o seu problema”<sup>71</sup>.

Cresce, portanto, nos centros religiosos a venda de produtos que sempre levam a insígnia do santo protetor garantindo ao devoto “ajudar” o santo pelas vias da conservação do seu templo, além de permitir um lucro a mais nos períodos de festa. Portanto o que percebemos é que as necessidades sociais também estão imbricadas nas necessidades sociais são partes uma dá outra difícil definir o devoto apenas como uma pessoa buscando conforto espiritual quando a sua própria trajetória sugere um passeio pelas alegrias proporcionadas pelo seu ato de fé.

A festa de Exaltação é acima de tudo uma celebração a vida e, portanto deve ser

---

<sup>71</sup> PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. *Fé na Prateleira de vendas: a sedução do marketing religioso*. In Disponível < <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/f6/GT4Texto006.pdf> > Acessado em 14 nov 2012. p. 3

entendida para além do seu sentido devocional, deve ser vista pelas arestas sociais que ela move, como o comércio, a festa, as sociabilidades, as tensões. A Festa a Santa Cruz dos Milagres pode ser percebido como um heterogêneo que antes de tudo se harmoniza, com diferenças toleráveis, mesmo em conflito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ó minha Santa, eu vim prá te ver  
 Eu vim de longe, numa longa estrada, feliz e cantando.  
 Em seu louvor, minhas orações, a ti ofertando  
 Ó minha Santa, eu vim prá te ver  
 [...]
   
 E com saúde, com fé no Senhor, no ano que vem,  
 Estarei aqui, com minha família, pra estar com você.  
 Ó minha Santa, eu vim prá te ver.  
 (Minha Santa – Prof. Algaci Lopes)

A música é um cântico de agradecimento de um romeiro-devoto de Santa Cruz dos Milagres que após a conquista de uma graça compôs a música em louvor a santa, hoje é uma cantada junto com o Hino de Santa Cruz como prova de agradecimento e amor a santa. É uma reafirmação dos votos com a santa uma promessa de retorno no ano seguinte para com toda família celebrar os milagres atribuídos a Santa Cruz dos Milagres.

Assim como o Prof. Algaci fui e voltei ao longo de três anos ao Santuário experimentando as expectativas de seus devotos não do mesmo modo que eles que têm uma fé quase inabalável na Santa Cruz dos Milagres, mas com respeito e atenção a essas práticas que encantam pela beleza que elas trazem para quem ver nas homenagens silenciosas que alguns devotos fazem a santa ou elaboradas como a música do professor Algaci.

A discussão não se finda com esse texto, pelo contrario apesar de algumas perguntas terem sido respondidas a romaria a Santa Cruz dos Milagres abre inúmeras possibilidades para um pesquisador atento, suas festas apesar de homenagear a mesma santa possuem características diferentes. É possível estudar ritual, ex-votos, patrimônio, performance, a festa, o mercado, identidade, mas como não seria possível dar conta das três festas optamos pela maior e mais heterogênea.

A Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres nos seus dez dias de festa consegue reunir vários elementos importantes a pesquisa em história, principalmente o que diz respeito a experiência religiosa, aqui percebida como algo próximo e presente na vida dos romeiros, ou seja as experiências do seu cotidiano influenciam no modo como se relacionam com a santa, sua vivência religiosa não está apartada dos dramas de sua vida, pelo contrário, são partes complementares se pede ao santo aquilo que aparentemente não se pode conquistar sozinho.

A satisfação estampada no rosto do romeiro por ter vencido uma doença, a falta de

emprego, drogas na família, a aprovação de um filho em algum concurso faz com que cada dia cresça o número de devotos da Santa ela que para eles é vista como “semelhante” com poderes maiores que os deles, mas que sabe ouvi-los, a Santa Cruz dos Milagres seria essa “madrinha” caridosa, solícita e paciente e recebe atentamente os pedidos de seus romeiros-devotos.

A cruz que se personifica atua nos dramas diários e vive com eles os conflitos e “luta” para resolvê-los ao lado do Bom Jesus, mas essa santa dos romeiros é também a santa dos comerciantes que fazem à vida de vender em seus festejos, que agradecem do seu modo a possibilidade de lucro conquistada pela festa, que correm alegremente para fornecer aos visitantes da santa os produtos que procuram como a própria imagem da Santa Cruz, além da roupa da moda tudo é vendido aos pés de Santa Cruz.

Entendo os riscos da escolha de abordagem já que no Piauí pouco foi falado sobre o comércio na dinâmica das devoções, mas penso ser um elemento importante e por conta disso foi mantido apesar das dificuldades encontradas para a construção da discussão, esse direcionamento permitiu uma descoberta óbvia, mas negligenciada a atuação dos comerciantes nesse movimento de atração para o Santuário eles também são parte importante desse movimento em direção ao Santuário.

Outro risco da análise foi o teórico já que nosso mercado religioso foi o de bens não religiosos que também concorrem com a Santa, o que permitiu aprofundar a discussão foi a aproximação com a Sociologia da Religião, entendo que o homem moderno busca o santo por diversos motivos e entre eles está o desejo de conquistar o bem material, não compreendo como racionalização da devoção entendo antes de tudo, que romeiros são homens que carregam expectativas e desejos, que não são apenas religiosos, mas são também materiais.

Acredito que essa é uma discussão ainda em processo, pois além de Santa Cruz dos Milagres outras manifestações religiosas do Piauí como a Procissão de Bom Jesus do Passos na Cidade de Oeiras, o Festejo de Santo Antonio na Cidade de Campo Maior e os Festejos de Nossa Senhora do Livramento em José de Freitas atraem não só pelos santos, mas pela grande heterogeneidade de bens e serviços ao longo dos seus dias de festa. Portanto essa discussão merece ser aprofundada em pesquisas posteriores, principalmente levando em conta a importância desses festejos religiosos para a própria dinâmica das cidades.

As imagens também foram importantes para responder as inquietações que também surgiram ao longo da pesquisa, principalmente no que diz respeito aos rituais dos romeiros diante da santa, a feira que margeia o Santuário e a atuação dos mendigos em busca dos trocados dos romeiros. O trabalho foi feito com cerca de 1600 fotografias tiradas ao longo de

3 anos, a utilização de apenas 14 fotografias ao longo do texto se deu por motivos práticos, não era intenção utilizá-las como alegorias, mas que dialogassem com o texto, portanto a escolha de apenas 14 em um universo de 1600.

Alguns personagens são apresentados no texto como parte do Santuário como o próprio padre Davi Mendes citado inúmeras vezes ao longo do texto considero a atuação do padre como importante para o desenvolvimento da romaria, apesar de haver contestações por parte de alguns fiéis principalmente os residentes na cidade de Valença que atribuem ao Padre Raimundo Marques os méritos pelo crescimento da romaria, as pesquisas mostraram que atuação da paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição foi muito pequena na romaria, mesmo a igreja tendo passado um século sobre sua tutela, acreditamos com isso que a devoção a Santa Cruz ainda não havia ganhado o mérito que passa a ter posteriormente, sendo as ações de Raimundo Marques reduzidas.

Não foi interesse ao longo do texto entrar no mérito do desenvolvimento da romaria retomo a essa “discussão” nas notas finais como forma de resposta as questões iniciadas ainda na pesquisa, considero que os valencianos são movidos pelo sentimento de pertencimento pelo fato de considerarem a romaria como parte de sua história o que não soa errado, afinal até o ano de 1968 o Santuário de Santa Cruz dos Milagres estará sobre o seu domínio eclesial.

A trajetória da romaria de Santa Cruz dos Milagres é cheia de discussões por legitimidade esse espaço de devoção torna-se também um lugar de conflitos de poderes, mas que vivem da tolerância a Igreja Católica institui ritos “consagrados” para a devoção enquanto os romeiros de modo autônomo e espontâneo manifestam sua fé a santa.

Na religiosidade católica o santo passa a ter uma relação de cumplicidade com seus devotos o que acaba aproximando o sagrado dos humanos, assim todos os anos milhares de devotos retornam ao santuário em romaria para reiterar seu compromisso com a santa, agradecem as graças conquistadas através da promessa mantendo um prodigioso sistema de trocas entre o fiel e o santo. Caso estejam precisando de um novo milagre pedem contritamente a intervenção da santa mantendo em sigilo o “contrato” até a graça ser alcançada.

Esse devoto geralmente elege seu santo de devoção sem a autorização da igreja, que no caso de Santa Cruz dos Milagres passa a intervir na devoção depois de perceber a grande movimentação de fiéis em direção a uma pequena capela no meio do semi-árido, movimentação que já fazia da santa cruz de chapada uma das maiores devoções do estado do Piauí.

O Santuário de Santa Cruz dos Milagres passa hoje por um processo de ampliação

iniciado ainda no ano de 2009 a construção tem sido levada adiante pela doação de seus devotos a igreja atual tem se mostrado pequena para o grande número de fiéis e as missas campais acabam se constituindo de um sacrifício de fé, pois o sol escaldante castiga os devotos que ficam assistindo a missa.

O impressionante ao longo dessas missas é perceber que mesmo as adversidades climáticas não afastam os devotos de seguir sua obrigação com a santa, um ato que é cumprido com fé e satisfação. O novo Santuário está sendo erguido a poucos metros do antigo e muitos romeiros festejam o andamento da obra que está na fase dos acabamentos, pisos, rebocos e conclusão do teto, a expectativa é que na festa de setembro de 2013 a obra esteja concluída.

Assim Santa Cruz é hoje um dos principais movimentos religiosos do Estado do Piauí e atrai romeiros não só do estado, mas também dos vizinhos Maranhão e Ceará além de algumas cidades do nordeste do Pará e norte do Tocantins, o que permite um trânsito cultural muito profícuo, que interfere na cultura local.

Santa Cruz dos Milagres pode ser considerada hoje um dos maiores movimentos de devoção popular do nordeste não só pela quantidade de devotos que atrai, mas também pelo número de bens e serviços que são movimentados ao longo dos dez dias de festejos, não colocamos um ponto final na pesquisa, apenas respondemos parte da inquietação a respeito dessa dinâmica festa.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Escritas

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

DIRCEU EM FESTAS RELIGIOSAS. *Jornal o Dia*. Teresina. Ano XXV 12 set. 1976 n° 4583.

DOM AVELAR VISITA O PAPA. *Jornal O Dia*. Teresina, 8 out. 1969. Ano XIX n° 2824

DOM AVELAR FALA A REPORTAGEM DE O DIA. *Jornal O Dia*. Teresina, Ano XVII.

OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes de. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história*. S/n, 1996.

SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice. (1968-1984).

SANTA CRUZ DOS MILAGRES ATRAI FIÉIS NA SUA FESTA. *Jornal O Dia*. Teresina Ano XXV 12 set 1976, n° 4583.

TERÇO A SANTA CRUZ DOS MILAGRES

VALENÇA. *Livro do Tombo-* Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição (1958-1990).

VAQUEIROS PROTESTAM CONTRA A DECISÃO DO PADRE DE AROAZES. *Jornal O Dia*. Teresina, Ano XXV 10.09.1976 n° 4581

### Fontes Orais

ANDRADE, Maria do Nascimento Lira. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Fevereiro de 2010.

ANDRADE, Marinaldo. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Fevereiro de 2010.

EDITE. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Maio de 2012.

LOPES, Osvaldo. Comerciante Itinerante de Santa Cruz dos Milagres. Entrevista concedida a Patrícia Santos em setembro de 2011.

PEREIRA, Marli Alves. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Setembro de 2011.

ROBÉRIO. Entrevista concedida a Patrícia Santos em Setembro de 2012.

SANTOS, Edmundo Rodrigues. Vaqueiro de Santa Cruz. Entrevista concedida a Patrícia

Santos em Setembro de 2012.

## **Bibliografia**

ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. 7. ed. rev e anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. In *Estudos Históricos*. 1994. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 7, n. 14.

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí*.

AMARAL, Rita. *Festa a brasileira: sentidos de se festejar no país que “não é sério”*. São Paulo, 2001. Disponível em <[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)>. Acessado em 19 nov 2012.

ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008.

\_\_\_\_\_. Espaço Sagrado e Sacralização do espaço: aspectos da procissão de corpos Christi em Maringá – PR. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 11, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acessado em: 24 fev 2012.

AZZI, Riolando. A teologia no Brasil: considerações históricas. In DUSSEL, Enrique (et al.). *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981.

*BIBLIA SAGRADA*. 118. ed. São Paulo: Ave- Maria Ltda., 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Tanya Maria. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de mestrado.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. *Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2010. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO JUNIOR, Dagoberto Ferreira de. *História do Episcopado do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba- o vaqueiro*. 6ª ed. Teresina: Corisco, 2003.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. Evangelização no Piauí: perspectiva histórica de sua implantação e estruturação. In *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves- FMC, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COSTA E SILVA, Cândido. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N.S da Conceição e Sant' Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

\_\_\_\_\_. Festejar os santos em Salvador: regras eclesíásticas e desobediência leiga (1850-1930). Disponível em: [www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/edilece\\_souza\\_couto.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/edilece_souza_couto.pdf). Acessado em 15 set. 2011.

CRUZ, João Everton da. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro*. Dissertação de mestrado. Minas Gerais, 2010.

CUNHA, Hygino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

CUNHA, Paulo José. *Grande enciclopédia internacional de piauiês*. 3º ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2008.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOURADO FILHO, Eurípedes de S. *Questão Religiosa no Piauí: a influência da imprensa piauiense no conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no período de transição Império/República*. Teresina: UFPI, 1991.

FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio escolar*: minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO, Eurípedes de Sousa Dourado. A Dança de São Gonçalo. In *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1987.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os Andarilhos do Bem*: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. UFPR: Curitiba, 2004. (tese de doutorado).

KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001.

LOPES, Régis. *Padre Cícero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

MELO, Pe. Cláudio. *Fé e Civilização*. Teresina: S/ed, 1991.

\_\_\_\_\_. *Piauí*: Diocese e Província Eclesiástica. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1990.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e Devoção*: as Festas do Divino e do Rosário em Monte Carmo e em Natividade – TO. Goiás: Universidade Federal de Goiás. 2010 (tese de doutoramento).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações da Cura no Catolicismo Popular. In ALVES, Paulo César. *Saúde e doença*: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MORAES, Dione. Ainda queremos ser... tão? reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí. In *Público e Privado*. Nº 7. Janeiro- junho 2006

OLIMPIO, Matias. Festas Populares Piauienses. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912

OLIVEIRA, Noé Mendes. *Folclore Brasileiro Piauí*, notas de atualização de Frederico Mendes. 3ª ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1999.

OLIVEIRA, Stanley Braz de. A Religiosidade Católica em Santa Cruz dos Milagres – PI como reflexo da memória coletiva. In OLIVEIRA, Stanley Braz et.al. (org.) *Espaços e Tempos de Aprendizagem: geografia e educação na cultura*. Fortaleza: UFC, 2011.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. *Fé na Prateleira de vendas: a sedução do marketing religioso*. In Disponível <  
<http://encepecom.metodista.br/mediawiki/images/f/f6/GT4Texto006.pdf> > Acessado em 14 nov 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asteriscos, 2008.

PINHEIRO, Áurea Paz. *As Ciladas do Inimigo: tensões entre clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Trad. Maria Theresinha Janine Ribeiro. In *Projeto História* Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001, p. 13.

\_\_\_\_\_. *O Que faz a História Oral diferente*. In Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. Sempre existe uma barreira: a Arte multivocal da história oral. In *Ensaaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Nacional, religião expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Verônica Maria Pereira; NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Manifestações Folclóricas. In SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Hierópolis y procesiones: co sagrado y El espacio. In CARBALLO, Cristina Teresa. (coord.) *Cultura, territórios y prácticas religiosas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

\_\_\_\_\_. *Hierópolis: O sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SANTOS, Patrícia de Sousa. *DIVINA SANTA CRUZ: a construção da fé num território de poder*. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010. Monografia de conclusão de curso Licenciatura Plena em História.

SILVA, José Maria. Mercado Religioso Tupiniquim. In Disponível em <[http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo\\_70004.pdf](http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo_70004.pdf)> . Acessado em 19 Nov 2012.

SILVA, Severino Vicente da. Modelos de Igreja no Brasil no final do Século XIX. IN SILVA, Severino. Vicente da. (org.) *A Igreja e o Controle Social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOT, Michel. Peregrinação. In LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean – Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_, *INFERNO ATLÂNTICO: demonologia e colonização séculos XVI- XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SPINK, Mary Jane. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In *Revista da USP*, São Paulo, n.67, setembro/novembro, 2005.

THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. In *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VAIFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

WOODWARD, Kenneth L. *A Fábrica de Santos*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992